

Memórias, histórias da educação e experiências em conflito: alunos de EJA e suas percepções sobre espaços e tempos escolares.

Aluno: Carla Lira Mendes dos Santos

Programa: PIC/FEUSP

Orientador: Maria Ângela Borges Salvadori

Resumo:

O presente relatório final tem por objetivo descrever as atividades realizadas no âmbito do projeto Memórias, histórias de educação e experiências em conflito: alunos de EJA e suas percepções sobre espaços e tempos escolares, desenvolvido a partir de pesquisa com grupo de alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Município de Guarulhos que atualmente cursam as séries iniciais do Ensino Fundamental. Esta proposta teve origem a partir da percepção, durante a prática dos estágios supervisionados, da existência de um conflito entre recordações dos primeiros tempos escolares e fazeres cotidianos atuais em sala de aula. A fim de obtermos o conhecimento das experiências que marcaram as trajetórias escolares de alguns alunos da EJA, inicialmente foram realizadas duas entrevistas-piloto na EPG Glorinha Pimentel, as quais foram aproveitadas no relatório parcial. Para dar continuidade a pesquisa e aprofundar algumas questões tratadas no relatório parcial, foram realizadas cinco entrevistas na EPG Da Emília. A escolha de outra escola da rede municipal de Guarulhos foi fundamental para conhecermos a diversidade existente nas dinâmicas ligadas ao público da EJA, bem como identificar as tensões oriundas entre experiências rememoradas relativas às primeiras vivências escolares e o processo atual de escolarização. Pretende-se, assim, contribuir para as análises relativas à história recente da educação de jovens e adultos no Brasil sob as perspectivas dos próprios alunos. Para a realização deste trabalho, recorreremos à História Oral com o propósito de resgatar perspectivas quase sempre silenciadas, seja pelas dificuldades do registro escriturário por parte de seus sujeitos, seja pelas derrotas sociais as quais estão muitas vezes submetidos. Somando-se a isso, procuramos dar conta de uma bibliografia básica de referência selecionada a partir de três grandes eixos temáticos: memória, história social da educação e escolarização de adultos.

Palavras-chave: educação de jovens e adultos, memórias, história da educação.

Introdução

O relatório que ora apresentamos propõe o levantamento e estudo das memórias escolares de um grupo de alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Prefeitura do Município de Guarulhos. O objetivo é identificar eventuais tensões entre experiências memorizadas, relativas às primeiras vivências escolares, e sua relação com o processo atual de escolarização. A documentação utilizada para tal fim é composta por relatos de alunos que atualmente cursam séries do ensino fundamental.

Para conhecer as experiências que marcaram as trajetórias escolares de alguns educandos da EJA, inicialmente, foram realizadas duas entrevistas-piloto na EPG Glorinha Pimentel, transcritas e analisadas no relatório parcial. Essas entrevistas-piloto proporcionaram maior proximidade com as questões ligadas ao processo de escolarização de adultos e com os conflitos que se apresentam no cotidiano escolar.

Considerando as recomendações feitas na avaliação do relatório parcial, decidimos reduzir o número de entrevistados e aprofundar a análise das informações colhidas em campo. Somando-se a isso, ampliamos as entrevistas para os ciclos III e IV, correspondentes às séries finais do Ensino Fundamental. No total, o projeto é composto por seis entrevistas que se encontram anexo.

Diante das dificuldades encontradas para a continuidade do trabalho na Escola Glorinha Pimentel, optamos pela escolha de uma outra unidade de ensino. Com indicação de alguns professores da rede, escolhemos a EPG Da Emília cujo projeto pedagógico para o primeiro semestre de 2011 envolvia o registro de cunho memorialístico da história de vida dos alunos sob a perspectiva da cultura alimentar. Esses registros serão apresentados no evento *Mostra de Educação 2011*, realizado pela Secretaria de Educação do Município, previsto para o mês de Novembro. A escola localiza-se no bairro Vila São João, próximo ao centro da cidade, e possui seis salas destinadas à educação de adultos, sendo duas salas de ciclo I e II, uma sala de ciclo III e outra destinada ao ciclo IV.

Para entrar em contato com a direção da EPG Da Emília e apresentar os objetivos da pesquisa, fizemos uma carta de intenção assinada pela orientadora do projeto. Por sua vez, a direção permitiu uma conversa inicial com os professores para expor a finalidade da pesquisa os quais receberam a proposta das entrevistas como continuidade dos projetos pedagógicos que já desenvolviam.

Para selecionarmos os alunos participantes, acompanhamos a rotina das salas de aulas e as atividades pedagógicas, envolvendo a hora-atividade dos professores. Por sua

vez, estes indicaram alguns educandos que acreditavam ser aqueles que melhor contribuiriam para o andamento da pesquisa, como ocorreu em uma das salas de ciclo II na qual a professora indicou um aluno de inclusão. Na sala de Ciclo III, o professor permitiu que apresentássemos o projeto de pesquisa para os seus alunos e duas alunas, voluntariamente, aceitaram a participar das entrevistas. Assim também aconteceu com as duas alunas do ciclo II que, após uma conversa na hora do intervalo, se sentiram motivadas a contribuir com a pesquisa. Ao todo foram entrevistados cinco alunos entre os meses de maio a agosto de 2011.

Alguns dos alunos entrevistados voltaram para a escola por pressões do mercado de trabalho; outros, pelas necessidades da vida cotidiana ou pela vontade de saber. Parte considerável deles está com 40 anos de idade ou mais, é migrante do interior do país e possui um histórico de exclusão e injustiças. Acreditaram que a vinda para a cidade de Guarulhos pudesse proporcionar melhores condições de vida do que aquelas conhecidas em seu local de origem.

Concomitante à realização das entrevistas, temos procurado dar conta de uma bibliografia básica selecionada a partir de três grandes eixos temáticos: memória social, história social da educação e educação de adultos. Para este relatório, ambas as tarefas – análise das entrevistas e debate bibliográfico – serão realizadas em conjunto. Com isso, pretendemos enriquecer o debate e, ao mesmo tempo, interagir as questões apresentadas pelos alunos aos pressupostos abrangidos pelos autores estudados.

Observamos, ainda, que além das atividades previstas no cronograma, como a escrita do relatório final e a futura participação no SIICUSP, participamos de alguns eventos com o intuito de aprofundar a reflexão entre memória e identidade no espaço escolar.

Ao longo da realização da pesquisa, recorreremos a teóricos e grupos de estudos que trabalham com as questões ligadas às histórias de vida no âmbito da História Oral. A participação em alguns eventos relacionados a essa temática foi fundamental para o aprofundamento das questões teóricas e metodológicas.

Em contato com *NEHO - USP* (Núcleo de Estudo em História Oral), participamos do curso introdutório de “Formação em História Oral”, que ocorreu entre os meses de maio e junho de 2011. O curso tem por objetivo apresentar conceitos e práticas do campo da história oral, discutir textos teóricos e trabalhos de pesquisa em andamento apresentados por alguns de seus integrantes.

Participamos também do evento “Dia Internacional de História de Vida - Histórias de vida: sensibilidades e reflexões na contemporaneidade”, ocorrido no mês de maio de

2011, que reuniu pesquisadores de diferentes instituições a fim de debater sobre o uso recente da História Oral nos mais diversos campos de conhecimento.

Em agosto de 2011 apresentamos um pôster sobre os resultados parciais do trabalho no “IX Encontro Regional Sudeste de História Oral: Diversidade e Diálogo”, momento que contribuiu para o amadurecimento tanto das questões tratadas no âmbito da pesquisa como da pesquisadora no que se refere à apropriação do conhecimento produzido e, ao mesmo tempo, proporcionou contatos e idéias para o prosseguimento do trabalho. Os certificados de participação encontram-se anexo.

Nas páginas seguintes apresentamos, inicialmente, uma discussão metodológica sobre a história oral e, depois, uma análise das falas dos alunos dividida em eixos temáticos. Nos dois momentos, incorporam-se as novas leituras feitas.

História Oral: técnica, metodologia, disciplina?

O aprofundamento dos estudos no campo da História Oral foi fundamental na execução desta pesquisa. Neste trabalho ela é utilizada como instrumento que possibilita a construção das narrativas ao dar voz às pessoas que, muitas vezes, são silenciadas nos documentos oficiais. No processo de entrevista, as pessoas comuns assumem a posição de sujeito participante e, com suas experiências de vida, a história passa a ganhar uma nova dimensão.

[...] Não obstante, a história oral pode ser certamente um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e mundo exterior; e na produção da história – seja em livros, museus, rádios ou cinema – pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras. (THOMPSON, 1992, p. 22)

Somam-se a isso as soluções referentes ao processo técnico o qual não se resume ao ato de ligar o gravador, realizar as entrevistas e fazer a transcrição. São procedimentos que buscam construir uma relação pautada pela ética e voltada à construção de conhecimentos.

Assim não é mais fator negativo o depoente poder “distorcer” a realidade, ter “falhas” de memória ou “errar” em seu relato; o que importa agora é incluir tais ocorrências em uma reflexão mais ampla, perguntando-se que razão o entrevistado concebe o passado de uma forma e não de outra e em que medida

sua concepção difere ou não das de outros depoentes. (ALBERTI, 2005, p. 19)

Portanto, entendemos que a história oral não se resume em uma técnica de gravação ou da reunião de depoimentos sobre um dado assunto, mas um conjunto de ações que envolvem sujeitos, subjetividades, narrativas e transformações sociais. Nas palavras de P. Thompson:

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança vida dentro da própria história e isso alarga o seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai história de dentro da comunidade. (...) (THOMPSON, 1998, p.44)

Pensando no contexto brasileiro, os primeiros contatos com História Oral datam da década de 1970 (FERREIRA; AMADO, 2010, p. 9). Nesse mesmo período, em 1973, foi criado o pioneiro *Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil* (CPDOC), na Fundação Getúlio Vargas (FGV). Localizada no Rio de Janeiro, essa instituição tem um papel importante na captação da memória dos homens públicos brasileiros e da elite política nacional.

Entretanto, a expansão e a difusão da história oral no Brasil se deram na década de 1990 por meio de sua incorporação aos programas de pós-graduação nos cursos de história e pela crescente produção de trabalhos, debates e troca de experiências entre instituições como museus, arquivos e centro de memórias. Segundo Meihy (2005), em 1994, durante o “Congresso Internacional América 92: Raízes e Trajetória”, realizado no Departamento de História da Universidade de São Paulo, foi criada a *Associação Brasileira de História Oral* (ABHO), a qual possibilitou a visibilidade nacional para as discussões e tensões acerca dos estudos e pesquisas crescentes na área. De acordo com Marieta Moraes Ferreira:

(...) Constata-se que no Brasil a história oral é praticada majoritariamente no âmbito da academia. Isso não quer dizer que outros tipos de experiências não possam existir, ou que praticantes da história oral desvinculados de centros acadêmicos não possam conviver com seus colegas universitários (...) (FERREIRA apud MEIHY, 2005, p. 103)

Ainda na década de 1990, temos a criação do *Núcleo de História Oral* (NEHO-USP) pelo professor José Carlos Sebe Bom Meihy da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de São Paulo. As pesquisas produzidas no NEHO são fruto do

reconhecimento da história oral como um novo campo de produção de conhecimento, no qual o comprometimento político não deve ser desvinculado da noção de finalidade do trabalho, e o seu caráter democrático está diretamente associado ao seu alcance coletivo (MEIHY, 2005, p. 10):

No caso da história oral aceita como “disciplina”, seus objetos seriam os estudos da memória, identidade. Na alternativa de “área de conhecimento”, a história oral existiria por si e para a sociedade que pode gerar mecanismos próprios de reflexão, manifestação natural do convívio social preche de memórias e carente da construção de pólos identitários. Neste caso, equivaleria a narrativa em seu sentido pleno e à fome de registro que se operam em instituições que vivem alheias à universidade. (MEIHY, 2007, p.16)

Somam-se a isso a criação de novos centros de pesquisas, congressos, encontros e simpósios realizados em todo o país ao longo desses últimos anos que extrapolaram o meio acadêmico e possibilitaram o crescimento e o reconhecimento das riquezas, dificuldades e desafios que a História Oral enfrenta no cenário das pesquisas brasileiras. Segundo Antonio Torres Montenegro:

No âmbito de instituições não-universitárias vêm ganhando amplitudes projetos desenvolvidos por secretarias de cultura e órgãos da administração pública voltados para a reconstrução da memória de bairros, personagens e acontecimentos. (MONTENEGRO apud MEIHY, 2005, p. 104)

Segundo Ferreira e Amado (2010, p. 12) é possível atribuir *status* e categorizar a produção em história oral em perspectiva técnica, metodológica e disciplinar. Cada dimensão, com suas peculiaridades e diferenciações, é considerada importante no que confere ao enriquecimento do debate acerca dos trabalhos que levam em consideração a experiência do sujeito em um passado recente por meio da oralidade e a contribuição de sua memória a fim de representar um dado grupo social que muitas vezes acaba sendo silenciado e historicamente espoliado.

Embora não seja nosso objetivo aprofundar cada uma das perspectivas citadas, optamos em utilizar as concepções de História Oral adotada pelo NEHO - USP, por acreditarmos que ela atenda melhor nossos anseios no que se refere à reconstrução das memórias escolares dos alunos da EJA de Guarulhos e sua posterior análise. Para tal, recorreremos *Manual de História Oral*, do professor Meihy (2005), ao “Curso de Formação em História Oral” e as demais leituras indicadas pelos integrantes do Núcleo.

Segundo Meihy (2005), a moderna História Oral se forma a partir da Segunda Guerra Mundial, cujos relatos de sobreviventes tornaram-se fundamental para apreender

e construir novos aportes teóricos referentes aquele contexto. Entretanto, observamos que ao longo da história da humanidade, os homens utilizaram a oralidade como meio de transmissão de conhecimentos, tradições e culturas. Com o advento da escrita, houve necessidade de se repensar a forma de guarda das informações produzidas pelo homem ao longo do tempo.

No século XIX, com a institucionalização da História como ciência, os relatos orais foram colocados à prova e questionados à medida em que os acontecimentos relatados eram carregados de subjetividade e informações dúbias. Para tanto, a documentação escrita era prova cabal da verdade, diferentemente da oralidade, no qual orador poderia alterar o conteúdo de em meio aos os esquecimentos, característica típica do campo da memória.

Porém, o ato de narrar não foi abandonado em nossa sociedade, ficando a cargo das classes populares transmitirem o seu legado via oralidade. Com o advento de novas correntes teóricas para o estudo da História ao longo do século XX, o historiador passou a utilizar outras fontes em sua pesquisa acerca daquilo que o homem produziu ao longo tempo.

Com os avanços tecnológicos e a invenção do gravador, a oralidade passou a ser registrada para posteridade e a possibilidade de seu uso por pesquisadores das mais variadas áreas de conhecimento permitiu o aprofundamento e a criação de outras versões para um dado acontecimento.

Entretanto, Meihy (2005) afirma que a história oral não pode ser caracterizada somente pelo uso de oralidade e a sua transposição para código escrito por meio da transcrição. Nesta perspectiva metodológica são fundamentais também a existência da elaboração de um projeto com vistas ao retorno para comunidade em que se encontram os sujeitos envolvidos e, ao mesmo tempo, o seu comprometimento político com o processo democrático e suas implicações. Segundo Meihy,

Sem a existência de um projeto articulado, as entrevistas tendem a se perder, perdendo a capacidade de dar respostas aos problemas que procuram elucidar. Ademais, o risco de se cultivar a nostalgia é grande.
(...) É o projeto que oferece as linhas gerais que o trabalho de campo deve ser. Nesse sentido, vale dizer que o projeto deve prever, com detalhes, todas as operações a ser desenvolvidas, pois ela também é o principal diferenciador entre a história oral e as outras áreas que também trabalham com entrevistas (MEIHY, 2005, p. 173).

Outro elemento a ser considerado no projeto de história oral é o tratamento que será dado ao processo de entrevistas. A pessoa deixa de ser um simples informante e

passa a atuar como *colaborador* do projeto, interferindo diretamente no rumo daquilo que será registrado. Portanto, “a consciência do oralista como personagem impõe o conceito de colaborador como substituto de informante, ator social, objeto ou sujeito da pesquisa” (MEIHY, 2005, p. 11).

A entrevista, em seu sentido literal *entre-vista*, configura-se como um momento importante no projeto de história oral, no qual as pessoas se vêem, trocam experiências, idéias e perspectivas a respeito de uma dada realidade (ROUVAI; EVANGELISTA, 2010, p.4). Porém, o pesquisador fundamentado em seu projeto, consegue conciliar o seu objetivo com o desenrolar da narrativa, que se apresenta multifacetada e com peculiaridade inerente ao colaborador. Segundo Caldas,

Mas o dialogo não somente entre pessoas, mas entre tempos, imaginários, idéias, corpos, experiências, vozes, imagens diferentes. E deve ser nessa, e para essa diferença que deve acontecer o dialogo. (CALDAS, 1999, p. 100)

Para um projeto em história oral, a *transcrição*, ato que se refere à passagem do código oral para o escrito não deve se restringir somente à transposição dos códigos, mas sim à transformação do mesmo de acordo com a normatização do processo da escrita, que permite fluidez e melhor compreensão da narrativa.

(...) há que se pensar na transformação do “estado gasoso” da fala para o “estado sólido” da escrita. Isso além do “líquido” que implica em intrincados filtros que demandam etapas de conversão (“transcrição”, “textualização” e “transcrição”). (MEIHY, 2007. P.17)

Os três conceitos citados acima oferecem ao pesquisador em história oral a liberdade de transformar a narrativa de acordo com a sua percepção e sensibilidade adquiridas ao longo da entrevistas, tornando-as mais acessíveis e adequadas para os códigos da escrita. Porém, essa ação é precedida pela ética e respeito ao colaborador, na qual o sujeito tem acesso e autorização para solicitar devidas alterações e sugestões por meio da *negociação*.

A *transcrição* é o momento no qual o pesquisador faz a construção textual da narrativa cuja tradução do discurso oral para o processo da escrita se dá em um processo democrático entre o pesquisador e o colaborador. Segundo Rouvai e Evangelista,

A transcrição é muito mais do que transportar o texto oral para o escrito. Na proposta oferecida por [Haroldo de] Campos, baseada no trabalho de tradução, os elementos da estrutura do poema, como ritmo e combinações sonoras (rimas, assonâncias, por exemplo), são muitas vezes importantes para a semântica das

palavras. Ao absorver tal idéia, pesquisadores que lidam com discursos orais passam a refletir acerca da transposição da narrativa oral para a escrita privilegiando menos a reprodução literal da palavra. (ROUVAI; EVANGELISTA, 2010, p. 13)

Em um movimento dialógico, o pesquisador, ao fazer a *devolutiva*, permite a participação do colaborador no processo textual, contribuindo assim para finalização do projeto. Portanto, para o NEHO- USP a inovação da história oral configura-se na utilização da narrativa como uma das formas de se escrever a história. Segundo Ribeiro (2007),

(...) Uma possibilidade de mudar o modo como vem sendo escrita a historiografia, ou seja, não mais colocar a narrativa cotidiana como apoio de para escrever a história, e sim colocá-la como forma de escrever a história. (RIBEIRO apud ROUVAI; EVANGELISTA, 2010, p.7)

Ao partir do tempo presente, as narrativas são marcadas por acontecimentos reelaborados de acordo com experiências adquiridas ao longo do tempo. Portanto, em uma pesquisa em história oral a memória permeada pela subjetividade do sujeito permite que a mesma seja repensada e transformada para os códigos da escrita por meio de uma leitura crítica realizada conjuntamente entre pesquisador e colaborador.

No caso dos alunos da EJA de Guarulhos, portanto, a ligação que podemos fazer entre memória e experiência é a relação dialética estabelecida entre a reconstrução do passado, os referenciais escolares e o contexto político e social peculiar ao grupo. Essas experiências são tencionadas pelas relações estabelecidas vivenciadas pelos alunos no tempo presente (BOSI, 1994, p.54).

No processo de realização das entrevistas e da realização do projeto, o registro da evolução da pesquisa torna-se imprescindível, uma vez que aquele poderá fornecer subsídios para análise e construção textual das narrativas. O *caderno de campo* para o pesquisador em história oral configura-se como um diário no qual todas as impressões e fatos que marcaram o cotidiano da pesquisa serão registradas e, posteriormente, retomadas ao longo do projeto. Segundo Meihy,

O caderno de campo deve funcionar como um diário íntimo no qual são registrados inclusive os problemas de aceitação das idéias dos entrevistados, bem como qualquer reflexão teórica decorrente de debates sobre aspectos do assunto. (MEIHY, 2005, p. 187)

Na pesquisa com os alunos de EJA, o caderno de campo contribuiu para o registro das atividades realizadas durante a pesquisa, como a participação das horas-

atividade dos professores, dos diálogos entre pesquisadora e alunos antes e após das entrevistas. Essas informações serão utilizadas na análise e na compreensão da realidade apresentadas pelos alunos.

Embora muitas vezes criticada, a proposta pelo NEHO – USP busca inovar o fazer pesquisa em história oral ao levar em consideração os aspectos políticos e sociais que estão imbricados no ato de entrevistar e *transcriar*. Soma-se a isso a constante colaboração dos sujeitos envolvidos no projeto que, em um processo de negociação, lançam para comunidade de destino desafios e reflexão sobre seu processo histórico. Segundo Bosi (1995),

(...) [é necessária] a formação de vínculo de amizade e confiança com os recordadores. Esse vínculo não traduz apenas uma simpatia espontânea que foi se desenvolvendo durante a pesquisa [...] é preciso que se forme uma *comunidade de destino* para que se alcance a compreensão plena de uma dada condição humana. *Comunidade de destino* já exclui, por sua própria enunciação, as visitas ocasionais ou estágios temporários no *lôcus* da pesquisa. Significa sofrer, de maneira irreversível, sem possibilidade de retorno à antiga condição, o destino dos sujeitos observados. (BOSI, apud CALDAS, 1999, p. 90)

O conceito *comunidade de destino* é entendido, de acordo com Meihy e Holanda (2010), como o grupo social que será contemplado na pesquisa em história oral. A ligação do grupo é pautada pela memória coletiva e aos acontecimentos vivenciados em um dado período histórico. Muitas vezes são excluídos de colocar sua versão sobre um determinado acontecimento e são silenciados pela “versão oficial”. Somam-se a essas noções, o conceito de *colônia* e de *rede* que, respectivamente, caracterizam e delimitam o campo de atuação do pesquisador.

A “*colônia*” visa a organizar a condução do estudo fazendo-a viável. Como seria impossível pensar a “*comunidade de destino*” como um bloco indivisível, o parcelamento em “*colônia*” seria uma solução operacional que ornaria viável o estudo. (...)

(...) A “*rede*”, por sua vez, é uma subdivisão de “*colônia*”, portanto a menor parte de uma “*comunidade de destino*”. (...) A rede deve sempre ser plural – idealmente várias –, porque nas diferenças internas aos diversos grupos residem disputas ou olhares diferentes que justificam comportamentos variados dentro de um plano. (MEIHY; HOLANDA, 2010, 53-54).

Deste modo, o aprofundamento dos estudos acerca da história oral de acordo com os preceitos do NEHO – USP permitiu à pesquisadora melhor aproveitamento das informações colhidas em campo e, ao mesmo tempo, da análise das entrevistas, que vai além do manuseamento técnico e operacional do equipamento de gravação. Também

permitiu refletir melhor sobre a seleção dos educandos para esta pesquisa e considerar os professores da EPG Da Emília para o prosseguimento e finalização da pesquisa. Embora, no âmbito deste trabalho, as etapas de textualização e a *transcrição* das entrevistas não sejam envolvidas, os conhecimentos sobre a área permitiram a reflexão e o amadurecimento no processo transcrição, momento inicial da transformação da narrativa oral para o código escrito.

Por fim,

Entre outras alternativas, a história oral se apresenta como solução moderna disposta a influir no comportamento da cultura e na compreensão dos comportamentos e sensibilidade humana. O fato de ser amplamente aceita pelo público a faz desafiadora do exclusivismo acadêmico, ainda que as disciplinas universitárias também as disputem. (...) (MEIHY; HOLANDA, 2010, p.9)

Alunos de EJA e suas percepções sobre espaços e tempos escolares

As entrevistas realizadas nas EPG Glorinha Pimentel e EPG da Emília contemplam um grupo de alunos da Educação de Jovens e Adultos da Secretaria de Educação do Município de Guarulhos. São alunos que, voluntariamente, se prontificaram a compartilhar momentos da vida que ultrapassam as expectativas da pesquisa relativas ao relato sobre as primeiras experiências escolares.

A partir das entrevistas realizadas com um grupo de alunos de EJA de Guarulhos, buscamos identificar as relações estabelecidas entre as primeiras experiências escolares e o processo atual de escolarização de educandos que, por suas idades e vivências, reconhecem as vicissitudes do espaço escolar em diferentes tempos. Com isso, pretende-se contribuir para as análises relativas à história recente da educação de jovens e adultos no Brasil sob as perspectivas dos próprios alunos.

São 'falas' matizadas pelo cheiro da merenda na hora do recreio, brincadeiras e amigos que acompanhavam a rotina do caminho, muitas vezes longínquos, de ida e volta da escola. Porém são 'falas' tristes, à medida que os percalços e as injustiças são revelados ao longo da conversa, como a saída da terra natal em busca de melhores condições de vida, o abandono da escola para o ingresso no mercado de trabalho e a volta para escola na modalidade EJA, onde vivem certo conflito por perceberem um modelo de escola com o qual não se identificam mais nesta etapa da vida

As experiências apresentadas por esses alunos evidenciaram a necessidade de historicizar as questões relacionadas à aprendizagem do jovem e o adulto e, ao mesmo

tempo, integrá-lo a um contexto que demanda reflexão e aprofundamento sobre sua relação ensino-aprendizagem. “Assim a compreensão da psicologia do adulto pouco escolarizado, objeto de interesse da área da educação de jovens e adultos, acaba por contrapor-se a esse estereótipo” (OLIVEIRA, 1999, p. 61).

As reflexões aqui apresentadas envolvem a percepção da existência de um descompasso entre tempos e práticas escolares e tempos e práticas da vida. O recurso à memória escolar desses alunos mais velhos intenciona conhecer melhor esses conflitos, freqüentemente manifestados no desejo de uma escola “tradicional” quanto a conteúdos, práticas e relações entre os diferentes sujeitos.

Recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação, embora muitas circunstâncias a ele relativas permaneçam obscuras para nós (HALBWACHS, 2006, p.29).

As entrevistas realizadas durante o andamento desta pesquisa seguiram os princípios do *Comitê de Ética* da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Os alunos entrevistados da EPG da Emília receberam “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, contendo todas as informações necessárias para realização do trabalho. Para a obtenção dos relatos, em ambas as escolas, foi respeitado o “caráter voluntário de assentimento”, buscando-se com isso garantir a liberdade de escolha dos educandos durante o processo das entrevistas.

Alunos entrevistados na primeira etapa do projeto

Aluno (a)	Idade	Profissão	Escola	Ciclo
M. N. S. F.	58	Do lar	EPG Gorinha Pimentel	II
J. M. de C. P.	40	Fiscal	EPG Glorinha Pimentel	III

Alunos entrevistados na segunda etapa do projeto

Aluno (a)	Idade	Profissão	Escola	Ciclo
D. B. de O.	59	Doméstica	EPG Da Emília	II
N. da S.	55	Do lar	EPG Da Emília	II
M. G. R. P.	43	Vendedora	EPG Da Emília	III

E. F. S.	39	Ajudante Geral	EPG Da Emília	III
C. G. S. F.	41	Autônomo (Carroceiro)	EPD Da Emília	II

As análises apresentadas a seguir foram organizadas a partir de três grandes eixos temáticos: sistemas educativos, sujeitos da educação e materiais e métodos de ensino. Tais eixos foram escolhidos a partir das questões mais recorrentes nas falas dos entrevistados. No eixo “sistemas” são analisados aspectos relativos principalmente à entrada e saída da escola e às precárias condições do espaço escolar; no eixo “sujeitos”, as relações entre professores, alunos, pais e colegas; por fim, no eixo “materiais e métodos” discute-se o cotidiano escolar tal como reconstruído pela memória dos entrevistados.

Sistemas educativos

Embora os alunos da EPG Da Emília tenham ingressado na EJA de Guarulhos por diferentes razões, a análise da trajetória dos entrevistados revela possibilidades de aproximação, pois, apesar das particularidades de cada sujeito, há semelhanças quanto as suas trajetórias de vidas. Ainda que cada vida seja singular, há razões comuns para a saída precoce da escola e para o retorno, por exemplo.

Os alunos entrevistados descreveram como se deu a entrada na escola e seu cotidiano em sala de aula. Muitos deles iniciaram o período escolar no local de origem. São lugares distantes, onde a falta do poder público é evidente na precariedade do prédio, na distribuição irregular de materiais pedagógicos e de outros provimentos. Conforme mencionou a aluna E: F. S.

Então, eu não tive muita oportunidade de estudar – não nego que era louca pra estudar – chorava, minha mãe me batia, [?] mas talvez esse não tenha sido [?] o motivo de eu não ir até a escola, porque onde eu morava era um lugar, um interiorzinho, um povoadinho, então não tinha aquela escola adequada.

Segundo Vicentini e Lugli,

Para compreender os processos de profissionalização docente no Brasil, é preciso considerar, entre outros elementos, as condições dos lugares utilizados para o exercício do magistério, como também as estratégias de seleção (ou falta delas) de docentes, as condições institucionais de pagamento e controle de trabalho (aqui se inclui a inspeção escolar, embora esta tenha, manifestadamente, funções de orientações). Estas condições frequentemente

aparecem nos discursos sobre o sistema de ensino para justificar o seu baixo rendimento e a necessidade de reformas, revelando uma história de esforços mais sistemáticos e, de certo modo, homogêneos para todo o país, de dotar sistemas escolares brasileiros de uma lógica burocratizada (no sentido weberiano), que permita emergência do modelo escolar. (VINCENTINI; LUGLI, 2009, p. 60)

No geral, em seus locais de origem, esses alunos conheceram desde cedo situações de pobreza e falta de condições estruturais mínimas de sobrevivência de sua população. A aluna N. S. mencionou a baixa qualidade do material disponibilizado pela escola; M. G. R. P. falou da falta de merenda que, não raro, levava os pais a fazerem doação de mantimentos a fim de que as aulas não fossem suspensas e aluna E. F. S. mencionou que no distrito que morava não existia escola pública, mas uma pessoa que se disponibilizou ensinar as pessoas do local.

É, eles davam o material: eles davam um caderno, era caderno, lápis, que a gente usava, né, caderno, lápis e borracha, na época, né? Lápis de cor, essas coisinhas tudo eles davam. Só que o material era bem inferior, viu? Você, no caderno, você não podia afirmar muito o lápis que senão furava a folha [risos]. É, mas tinha, eles davam.

... Não sei o que foi que houve, mas faltou a merenda e aí as professoras falavam pra gente... Foi feito um mutirão, falou com todos os pais dos alunos pra mandarem alguma coisa para que as merendeiras pudessem ter algo pra preparar pra gente. Aí nós levamos muita, muita coisa, todo mundo levava coisa. Tinham as pessoas, assim, bem pobre, bem pobre mesmo que levavam um... Mandavam um... É... Temperos da horta. Gente que era muito pobre, acho que não tinha nem o que comer, mandava tempero da horta: coentro, cebolinha, salsinha, cheiro verde, tudo. E as que podiam mais levavam, cada um levava um quilo de feijão, levava arroz, levava macarrão, levava... É... Fubá pra fazer de alguma coisa.

(...) Então, eu tinha é... o nome dela hoje, que eu me lembro, então eu não me lembro... Letícia! Ainda hoje eu lembro, oh! Era Letícia. Então, ela... ela se propôs a ensinar, não só a mim, mas tinha velhos, tinha jovem, criança, que ela viu que não estudava. E ela não era professora, ela não tinha Ensino Médio, ela não tinha nada. Ela mesmo, acho ela ficou com dó... aquele povinho sem saber ler nada, sabe, porque era assim...

A permanência em uma escola com pouca infra-estrutura e as condições de aprendizagens impostas pelos professores, somadas à necessidade do ingresso no mundo do trabalho para ajudar no sustento da família, contribuíram para a expulsão desses alunos do espaço escolar. O sentimento de culpabilização está presente em todos os discursos, seja por dificuldades inerentes ao aprendizado, como no caso da aluna M. G. R. P. que não conseguia compreender matemática, seja porque os pais não tinham condições materiais manter a filha na escola, como aconteceu com a aluna E. F. S.

Desde da quinta do ginásio eu comecei a faltar. A gente não ligava pra estudar e o meu fraco mesmo era matemática: eu não gostava de matemática, não prestava atenção nas aulas, não aprendia e não gostava. Aí então eu tive muita dificuldade, mas nas outras matérias não, na matemática eu tive dificuldade com ela e comecei a perder, perde, perder... de ano e depois eu falei para minha mãe que estava cansada e que eu ia trabalhar, dar um tempo e depois voltar a estudar, e isso não aconteceu. Comecei a trabalhar, ganhar um dinheirinho... É vida simples, mas com um dinheirinho, tudo está bom!

E eu queria porque queria ir, mas o meu caso era porque eu não tinha roupa e nem tinha calçado pra ir. Então minha mãe falava: - “como eu vou por vocês na escola se muito mal dá pra sustentar [?] e por comida pra vocês. Se eu for comprar roupa pra vocês ir pra escola, eu não vou poder comprar os livros.”

O medo de errar e de receber castigos são temas apontados por todos durante as entrevistas. No caso da aluna N. S. essa situação a levou à continua reprovação e, posteriormente, ao desligamento da escola.

Então, eu estudei a primeira série, comecei do zero, né, primeira série, só que daí eu fui pra primeira e segunda, só que daí eu não saia da segunda. Mesmo sabendo, não era igual agora, que eu ficava nervosa, não fazia nada, aí eu repetia de ano. Eu fiquei repetindo de ano, cinco ano repetindo de ano, acredita? Sabendo, mas eu não conseguia fazer, porque eu ficava muito nervosa. (...)

Para outros a entrada na escola se deu de maneira tardia e por pressão da parte do aluno para poder estudar. Conforme nos relata a aluna E. F. S. que, em um processo de negociação com a mãe, conseguiu freqüentar a ‘escola’, providenciada por um morador do distrito, para poder estudar. O aluno C. G. S. F. também entrou tardiamente na escola, porém com forte indicativos de não ter sido aceito por sua condição de aluno de inclusão

(...) Então, eu fiz um... assim, com a minha mãe, conversei com ela e falei:
 - “Mãe, olha eu vou arrumar um trabalho - isso aí eu tinha doze pra treze anos - isso eu lembro como hoje...
 - “Eu vou arrumar um trabalho e a senhora deixa eu estudar e tudo o que eu ganhar, eu lhe dou.” Ela falou assim:
 - “Mas como é que você vai arrumar um trabalho?”
 - “Não, a mulher ali me chamou pra eu olhar as duas meninas dela...” Aí ela falou assim:
 - “Você não ... Você vai olhar?” Digo:
 -“Vou, e tudo que eu ganhar eu lhe dou.”
 Só que foi assim, professora, eu fiz isso pra minha mãe deixar eu estudar (...)

(...) Lá no Norte não [estudei]. Só aqui (?), no [EE] Ary Gomes, entendeu, quando eu tinha doze anos, entendeu... Aí eu gostava de brincar, lá, e tudo mais, e de conversar, que nem nós estamos conversando aqui, entendeu, e tudo mais. Aí eu pegara (?)... Eu tenho... Eu tenho uma sobrinha que estuda lá, acho que

de manhã, eu ia buscar ela, lá, no Ary Gomes e ia buscar ela lá, à noite, no colégio, que eu ia buscar ela lá, à noite, e tudo mais, entendeu, que o nome dela é Neide, entendeu, da minha sobrinha, entendeu... Eu estudava lá das sete até essa hora da noite mesmo, entendeu?

Quando você entrou na escola, com doze anos, você já foi estudar a noite, você não estudava de manhã?

Não, só a noite que tinha vaga no Ary Gomes... Eu estudava das sete até... Quase onze horas da noite...entendeu (...)

Mesmo enfrentando grandes distâncias, a vontade de ir para escola era algo presente em muitos dos educandos entrevistados. Como relatou a aluna D. B.O

Assim, porque eu gostava de estudar, mas mesmo chovendo, meu irmão: - “ah, hoje eu não vou levar não porque ta chovendo”, aí eu chorava, aí ele tinha que ir. [risos] “Não, eu vou, eu vou, que tem prova”, todo dia eu mentia que tinha prova, só pra mim não te que faltar na escola, [risos] e não tinha. Aí, eu fiquei lá até o terceiro ano e depois que, né, quando, aí eu mudei pra cá, aí, estudei dois anos aí, na Vila Augusta.

O trajeto de ida e volta da escola, realizado com os colegas, foi algo marcante na vida dessas pessoas. Durante a caminhada para escola, as brincadeiras estavam sempre presentes. Como mencionou aluna N. S.

(...) É, eu acho que... eu só lembro que eu saia da minha casa ia pro meio da roça, ia até a escola, no meio da roça, a gente ia eu e as meninas, a gente ia brincando, correndo, cantando, [risos] aprontando, porque eu também era danadinha, né, [risos] e bem levadinha – acho que todas as criança, né... A gente aprontava bastante, aí, era o que só lembro, acho que é da fazenda porque era bem enorme, né, a gente tinha que passar pelo meio da fazenda, né, até chegar na escola, e nesse meio do caminho a gente pegava, as vezes, alguma fruta, a gente pegava, né; quando não via cobra no meio do caminho, aí a gente saia correndo... tinha o cafezal, sabe? ... a gente corria... nossa, era (...)

O espaço escolar despertava as mais variadas curiosidades entre os educandos entrevistados. Para aluna E. F. S o que chamava mais atenção no espaço escolares eram as pessoas que estavam naquele lugar e não necessariamente os ensinamentos ministrados pela professora.

Acho que de tanta ansiedade, sabe professora que eu tava, e acho que eu não saia de casa, não tinha conhecimento de tanta coisa, eu chegava na escola, eu fazia a minha lição, mas eu não gostava de lição; só ficava olhando as coisas, querendo rir, querendo saber e a escola era grande – pra mim era grande você morava, né, onde só tinha um menino e não tinha nada, né! – [risos] e eu ficava curiosa pra ver tudo aquilo! Então, aí eu consegui aprender ler e escrever, mas realmente não consegui terminar.

A volta para a escola, por meio dos programas de EJA, representa para essas pessoas um auto-reconhecimento como sujeito de falta (GALVÃO; DI PIERRO, 2007). Sendo assim, o término dessa etapa é colocada como um desafio a ser superado de acordo com as exigências de nossa sociedade. Porém Graff (1994) nos alerta que aquisição da habilidade da escrita e leitura não é suficiente para mudança de condições sociais e econômicas, mas sim toda a trajetória e experiência que deverá estar presente na relação ensino-aprendizado.

Em vez de descobrir a alfabetização com um fator que permeie toda e molde toda visão de mundo de uma pessoa, encontramos-lo limitado àquelas esferas em que uma experiência vicária e abstrata é essencialmente significativa. A parte mais prática da visão de uma pessoa, entretanto, é determinada por sua experiência cotidiana e papéis significativos. A conclusão é que a alfabetização no abstrato é, na melhor das hipóteses, vista como uma técnica, ou um conjunto de técnicas, uma base para habilidades que podem ser desenvolvidas, perdidas e estagnadas. Na pior das hipóteses, a alfabetização no abstrato não tem sentido. (GRAFF, 1994, p. 34)

Entretanto, para as alunas E. F. S. e D. B. O. a falta dos estudos não permitiram alcançar melhores condições sociais. Para mãe da aluna M. G. R. P, os estudos seria a garantia de condições melhor de trabalho.

(...) Foi difícil, foi muito difícil a minha vida, mas foi bom, só que eu sinto muito mesmo não ter estudado, porque hoje era pra eu ter terminado os meus estudos, mas eu não vou dizer pra você que me arrependi, porque agora, hoje, que eu tenho a oportunidade de ta voltando, novamente (...)

(...)Nunca eu fui assim, preguiçosa, sabe, pra escola. Nossa não sei como num cresci? É porque não tinha oportunidade, né?

Eu comecei a estudar... eu comecei estudar, é normalmente com sete anos, daí eu freqüentava a escola frequentemente, não perdia aula, minha mãe sempre levava a gente pra escola, me levava na escola, me levava pra estudar e ela sempre queria que eu me formasse, que ela dizia que a gente tinha que ser gente na vida e não como ela que foi lavadeira, que tinha que lavar, que trabalhou na lavoura.

Por outro lado, apesar das limitações e ausências, é preciso pensar esses alunos como sujeitos plenos de experiências. Paulo Freire (1995) e Eduard Palmer Thompson (2002; 1987) apontam que a experiência trazida pelos educandos adultos é fundamental para o processo de aprendizagem que deve ser realizado em um contexto de leitura do mundo de modo a questionar e reconstruir a realidade social. Portanto, a desconstrução dos argumentos embutidos em nossa sociedade de cunho meritocrático e a culpabilização dos alunos da EJA devem ser temas e devem estar presentes no cotidiano escolar dessa

modalidade de ensino. A ala da aluna M. G. R. P. ao se reconhecer como um sujeito de 'falta', atribuiu a falta de empenho ao seu fracasso

Mas a gente não levava muito a sério, a gente não gostava de estudar, e quando nós ficamos adultas, nós abandonamos a escola, nós abandonamos...

Entretanto, o movimento que percebemos em nossa sociedade é o da exclusão das pessoas que não se encaixaram no modelo proposto pela cultura letrada. Com isso, há uma incessante corrida por parte dos alunos da EJA em se adequar e, decorrente disso, a busca da aceleração dos estudos para a comprovação de conhecimentos. Como nos revela a aluna M. G. R. P.

Aí depois veio uma outra colega minha, que tentou me encaixar em uma imobiliária, uma imobiliária lá em São Paulo, mas ela lutou, lutou e relutou... Aí essa imobiliária é muito bem conceituada e aí não teve jeito, tinha que ter o segundo grau. E ela falou assim:

- "Olha, sabe de uma coisa, pelo menos o primeiro grau, se você chegar na oitava série, passa rápido, vai lá fazer, vai lá... Quem sabe o ano que vêm você não tá aqui comigo..."

E aí eu pensei tantos anos e a gente olha assim pra trás e com tanta coisa assim que aconteceu... Passa rápido e porque não que um ano e meio ou dois anos...

- "Aí faz esse curso e quando você voltar, você terminar, até na oitava série, se você chegar até a oitava eu te encaixo..." e ela falou assim: - "Passa rápido..."

As memórias da entrada e saída da escola, muitas delas carregadas de frustrações, configuram-se como um passado a ser superado. A retomada dos estudos reflete as pressões sofridas socialmente pela necessidade de finalização de um ciclo cuja idade atual não comporta mais (OLIVEIRA, 1999). Porém, mesmo com as dificuldades apresentadas, percebemos que no término dos estudos está embutida a esperança de melhores oportunidades e o reconhecimento do direito a aprender. Segundo aluna D. B. O.

(...) ai resolvi [risos] estudar pra saber mais, né, estudava né pra ocupar a cabeça, que também é bom, né? Não tem idade pra aprender mais, então eu to aqui. [risos]

Sujeitos da educação

Segundo Di Pierro e Galvão (2007), aspectos tais como a distância entre a casa e a escola, as dificuldades em se adaptar às dinâmicas propostas pelo espaço escolar e a necessidade de se inserir no mundo do trabalho são fatores recorrentes na história de

vida dos alunos de EJA. A relação desses alunos com espaço escolar, muitas vezes, é acompanhada pelos pais e familiares como algo distante e fora de sua realidade.

Durante as entrevistas, os alunos da EPG Da Emília recorrem às lembranças familiares entrelaçando-as com as vivências escolares. O papel que essas pessoas exerceram é fundamental para compreensão do processo de entrada e saída da escola e inserção no mundo do trabalho. São pais, mães, tios e avós cujas presenças se confundem no vivido e no relatado. Ao falarem de si, os alunos falam também de suas famílias, amigos e companheiros de trabalho, reforçando a hipótese de que a memória, em sua dimensão coletiva, assume a função de caracterizar o grupo e dar identidade aos seus componentes (POLLAK, 1989).

Enquanto a mãe da aluna M. G. R. P. se esforçava para pagar escola particular para as filhas não terem o mesmo futuro que ela, no caso da aluna D. B. O., a mãe tentou definir a profissão que a filha deveria exercer, defendendo a idéia de que, para ela, não havia necessidade de continuidade dos estudos.

(...) eu estudei em um colégio que chamava Educandário, Educandário Pestalozzi e aí, tinha que pagar, era pago, maior parte do povo da cidade sabe que estudava lá era gente que pagava particular, gente que tinha dinheiro e minha mãe fez o que fez e tanto fez... E começou... Fez amizade com a diretora, depois ela fez, com a vizinha lá e conseguiram bolsa pra gente e nós entramos nesse colégio

Ai eu queria, na época, estudar no Rotary, mas só que só lá só tinha a noite. Minha mãe não deixou. Sabe, ainda minha amiga: “deixa”, “deixa Dona [?]”, “deixa ela ir, né, estudar” e minha mãe tinha medo, sabe, ela tinha medo, estudar a noite, era no Rotary, né. Aí hoje em dia tem uma colega que estudou, entrou na prefeitura, e minha mãe queria que eu fosse cabeleireira, oh! Costureira, e eu queria ser cabeleireira e no fim eu não quis costura e também não deu pra fazer cabeleireiro, mas eu era que mexia com os cabelos de minhas amiga [risos], mas era assim... mas, só isso.

No caso de N. S., a família pressionou a aluna a abandonar os estudos por sua constante reprovação. Em um movimento parecido, a mãe da aluna E. F. S., não permitia que as filhas fossem para escola porque elas precisavam tomar conta dos irmãos mais novos enquanto os pais labutavam na lavoura. Essa decisão, por muito tempo gerou um sentimento de mágoa na aluna E. F. S., que buscava a atenção dos pais com ações que refletiam diretamente no cuidado com irmãos mais novos

Foi, que eu tinha que sair porque não adiantava nada eu ir pra escola porque eu não passava de ano mesmo, me chamavam de burra, né [risos]: - “você não aprende nada, você não quer estudar...”, então aí, ne, aí ficava assim...

... Só que teve uma época que eu fui me desgostando, assim, não tendo aquele amor, de filha pro pai e mãe e fui desgostando, em que sentido, é... minha mãe não queria dar estudo pra nós, botar nós na escola, porque eu via tanta criança, na mesma condição que eu, que minha família tinha, e tava tudo na escola! E eu me sentia, assim, por quê? Se a Janaina, se a [?], era o nome de minhas colegas, são igual a eu! Os pais são iguais ao meu! E elas estão na escola, eu digo não! Aí, se pensar e até criança mesma, criança, com responsabilidade, – porque eu tomava conta de meus irmãos – aí eu aprontei uma vez... Aí eu falei: – “se eu derrubar meu irmãozinho novinho da rede, minha mãe e meu pai não vai trabalhar na roça, ela vai ficar em casa pra tomar conta!” - eu fiz isso! Juro professora, eu fiz isso! Hoje me arrependo, mas coisa de menina você sabe como é que é, né?

O aluno de inclusão C. G. S. F. apresenta uma memória sobre sua família repleta de elementos do cotidiano enquanto criança em sua cidade natal no estado de Alagoas e a sua forte ligação na atualidade com esse local. Enquanto aluno de uma escola estadual no município de Guarulhos, menciona o que fazia em sala de aula e também a sua responsabilidade de levar a sobrinha para mesma escola que estudava e como era a sua sala de aula.

Ó... Brincava, eu brincava sim de pega-pega, eu brincava de esconde-esconde e tudo mais... Aí eu brincava também, sabe... Lá no Norte... Eu tinha vez que eu me acordava... Me acordava quatro horas da manhã só pra ir pra tomar um cafezinho com meu avô.

Ah é...

Acho que era até mais cedo que eu ia... (?) Aí peguei... E tava indo, indo direto, né... E aí pegou... No meio do caminho lá no... Lá... Onde eu morava, na parte de lá é... Lá tem... Lá tem pé de manga, lá tem pé de jaca, tudo mais, aqui e lá também tem o pé de... Como fala...

Pinha?

É pinha. Aquele outro pé de... De (?)... Sabe aquelas frutas bem... Bem assim, bem pequenininha que a gente chupa lá no Norte que é madura... É pitonga, né?

Acho que sim... Essa fruta eu não conheço...

Fala que é pitonga (?)... É dessa cor aqui...

Ah é bem forte a cor dela...

É, entendeu... Lá no Norte é que tem né? Que eu chupava dela lá, né... E eu...

Aí... Eu pegava e... Por que minha... Então... Minha mãe que me criou (?) pra mim ser eu... Sabe... É o caçula(...)

Os entrevistados relatam a relação dos pais e familiares com o espaço escolar e algumas diferenças de sua época para os dias de hoje, como a reunião de pais que, em todos os casos, não existia naquele período. O comportamento dos pais em relação ao resultado apresentado no boletim final é mencionado como um momento de tensão que acaba definindo os rumos desses alunos.

As ações empreendidas pela professora eram vistas pelos pais como necessárias e inerentes ao processo escolar e cabia aos filhos obedecê-las e cumprir com a proposta

escolar, mesmo que essa estivesse permeada por castigos físicos.

Segundo Villela (2000), ao longo da história de sua profissionalização no Brasil, a função do professorado em sala de aula estava diretamente ligada à moral e a disciplinarização de uma massa populacional, destituída de propriedade privada e capital, que era vista como ameaça às classes dirigentes do país, recentemente declarado república.

A ênfase na conduta moral do professor e a pouca exigência quanto a sua qualificação profissional (sobretudo quando se tratava da atuação em escola de primeira classe) nos sugere que, na concepção dos dirigentes da província, a escola para o povo destinava-se mais a moralizar e disciplinar do que propriamente a instruir (VILLELA, 2000, p.125)

Para Graff (1994), as questões referentes à escolarização na Europa e Estados Unidos seguem tendências parecidas, uma vez que o processo de alfabetização não estava diretamente ligado ao processo de escolarização da população. A escola representava a possibilidade de disciplinarizar a população para o trabalho nas fábricas, e não necessariamente para a melhoria de sua condição.

A presença de uma população alfabetizada e formalmente escolarizada pode ter contribuído para a transição rápida mais suave, menos violenta e isenta de conflitos, para o mercado e para fábrica. (...) A alfabetização, no século XIX, tornou-se vital ao processo de “treinar para ser treinado”. (GRAFF, 1994, p. 45)

Nas memórias construídas pelos alunos da EJA, a relação com os professores parece possuir, freqüentemente, mais um cunho moralizador do que de aprendizados curriculares. Nesse contexto, a escola caracteriza-se por instruir e disciplinar a população para o convívio social, como nos relata a aluna D. B. O.

Ah! Ensina tudo. Ensina, assim, a gente... pra começar ela falava pra a gente respeitar os outros, né, que a gente era criança, ainda, né? Na época de primeiro ano, assim, não tem que... ela falava pra gente respeitar, pra nunca catar nada dos outros, era igual assim: mãe, né? Ela falava tudo isso, pra se achar alguma coisa do colega é, se assim, se vê que é do colega entregar...era assim que ela... a gente sempre conviveu, sabe? Então, aí, ela até falava nunca pegar as coisas, assim, dos outros, de amigo, assim, de classe, mesmo, né, ou seja [?], qualquer coisa. E se achasse um dinheiro, guardasse, não perguntasse, porque senão ia aparecer muitos donos, guardava, aí se a pessoa procurava, entregava. Agora se não procurava, é seu! Ela sempre falava isso. [risos] E era verdade, a gente fazia isso: quando eu achava, se perguntava de quem era, ia aparecer um monte, né? E você nunca sabia quem era. Ela ensinava muita coisa boa! Muita mesmo, nossa, [não entendi]. Então ela ensinava coisas boas, né, principalmente... só de você entrar na classe e ela...né, a gente rezar, já era uma.. né... antes de começar...hoje em dia, não tem, eu não vejo. [risos]

Quase com saudade, a mesma aluna menciona em seus relatos como era o comportamento dos professores em sala de aula, quando ensinavam os alunos a rezarem. Para a aluna, o espaço escolar era um lugar de regras e disciplinas a serem seguidas, comparando a profissão docente com a medicina e as questões vocacionais embutidas para a carreira do professor.

A aluna N. S. destacou nas conversas preliminares os castigos e o medo que sentia da professora. Segundo a aluna, os excessos cometidos pela professora eram sinônimo de falta de preparação para assumir a profissão. Porém, mesmo com as reprovações e os castigos, a aluna tem a sensação de ter aprendido mais do que os alunos na atualidade. Opinião parecida tinha a mãe de M. G. R. P. que acreditava que os métodos disciplinares estavam ligados a eficácia de ensino, ou seja, professora brava, sinônimo de aprendizagem efetiva.

E a minha mãe lutou, lutou, lutou e botou eu pra estudar com essa professora e eu não queria, que eu falava que a professora era brava, que a professora não prestava, que era ela ruim... E foi ela quem me ensinou a fazer continhas! É eu nem sabia fazer contas, ela quem me ensinou bem ensinado, assim, de... Assim de... Acompanhar de perto, assim de fazer as contas juntos com ela e tudo e tal... Aí a minha mãe me colocou com ela, pois ela sabia onde tinha uma professora brava ela me colocava...

Segundo Vincentini e Lugli (2009), a idéia de vocação está presente ao longo da história da profissionalização da carreira docente no Brasil, idéia que atribui ao docente a função de “missionário do ensino.”

A recompensa simbólica seria o reconhecimento da importância de seu trabalho abnegado pela educação do povo brasileiro, presente num discurso que lhe atribui um caráter sacerdotal. (VINCENTINI; LUGLI, 2009, p. 163)

Nas lembranças da aluna M. G. R. P., há uma descrição detalhada das condições de trabalho docente em sua cidade de origem. Em especial, ela comenta aspectos salariais que obrigavam os professores a várias jornadas:

Quando as pessoas lá se formam, não tem assim muita opção de emprego, cria muito o mito de... Um mito não! Criaram uma profissão, não sei se você já viu que dá aula em casa, é quase... Muita gente lá se formava e que não tem emprego, é uma das principais fontes de renda é dá aula em casa. É assim, pega uma sala da casa, uma sala grande, colocam uns bancos, umas cadeiras, e ali pega um número de alunos que, saí na escola perguntando se quer fazer reforço, quem quer fazer na escola perguntando se quer fazer reforço, quem

quer faz reforço, aí pega aquele número certo de aluno e dá as aulas em casa. Na maioria das meninas lá assim que tem estudo, assim, da oitava série em diante, já dá pra fazer isso pra ensinar quem tem... Quem tá... Ta na primeira série. Aí era um jeito delas ganharem um dinheirinho... Aí tinha uma professora também, que ela era muito bem falada, aí ela aproveitou que ela tinha uma sala grande e que era bem falada e começou a dar... Ela dava aulas de manhã e à tarde ela dava aula de reforço pra alunos. Enchia, enchia de gente!

Diferente das outras entrevistas, a aluna E. F. S. relata com ternura o aprendizado na 'escola', até então improvisada em seu local de origem. Ternura também marca a sua memória da professora que se esforçava e estimulava o aprendizado dos alunos com base na confiança e na auto-estima. Descreve com alegria o aprendizado das primeiras letras e das palavras que conseguiu formar em uma lousa improvisada.

(...) A gente [?], a gente não tinha conhecimento de nada, pra gente era normal. Então, pra aqueles que podia, ainda conseguia comprar um caderninho [?], um lápis, beleza. Aqueles que não podia, ela dava uma folha de caderno também, Eu chegava hoje, ela dava uma folha, amanhã, ela dava outra, e a gente ia fazendo, a gente fazendo. Eu me sentia muito feliz, mesmo, não vou negar e me lembro até hoje, a primeira palavra que eu aprendi. Você acredita? Não esqueço, não esqueço professora: 'chapéu' e 'saúde'. [?] Parece que eu to vendo aquelas letradas, assim, grande [risos]. 'A', aí, ia, começando – “eu quero que vocês formem uma palavra aqui” -... Eu quando eu consegui, sabe, formar aquela palavra... 'rude' e aí a professora falou: -“Parabéns! Acertou!”

A participação da comunidade na escola é retratada pelas alunas N. S. e D. B. O. em eventos como vacinação e catequese. A aluna fala da admiração que a comunidade tinha pelo diretor da escola e a comoção que seu falecimento causou.

Lá na escola a gente tomava aquelas vacinas, sabe? Vacina de... Hoje em dia eu não me lembro mais de... dava uma de revolvinho, sabe? Trocava a agulhinha sim e 'poc', tipo de um... era um revolver mesmo... ai meu Deus do céu...

(...) aqui era o doutor, o diretor Osvaldo, muito bom, muito bom, bom mesmo! E aqui na Tranqüilidade era a diretora Dinora, eu lembro dela que era ela baixinha, sabe, não sei se ela existe, agora o doutor, o diretor Osvaldo daí... nossa, quando morreu, todo mundo... faleceu, ficou doente, faleceu... nossa, todo mundo ficou... ele era muito bom... a escola... nossa...era muito bom! Ele sabia mesmo lidar com as pessoas, com professor. Todo mundo gostava dele! Todo mundo mesmo! Então... era muito bom...

As memórias dos alunos de EJA aqui apresentadas, relativas aos diferentes sujeitos envolvidos na educação – professores, pais, diretores, colegas -, indicam posturas variadas diante do conhecimento escolar: ora uma valorização da escola pelos pais para a superação de sua própria condição, ora a resignação e mesmo a recusa.

Salientam o papel da professora, responsabilizando-a por vezes tanto pelo fracasso quanto pelo sucesso escolar. Se há histórias tristes, como a da moça que a mãe não deixou estudar, há também histórias mais alegres, ligadas ao empenho de gente comprometida com o ensino e com seus alunos.

Materiais e métodos de ensino

Durante as entrevistas, os alunos da EPG Da Emília mencionaram os materiais presentes no cotidiano da sala de aula, o uso de uniformes escolares e cartilhas durante o processo de alfabetização. A aluna D. B. O. lembrou, com riqueza de detalhes, como era o seu uniforme e a necessidade de seu uso diário.

Também, eu também, gostava do uniforme, né, que era, na Tranqüilidade era blusa branca, com as iniciais, é meia branca e sapato mocassim e saia azul. Era muito... nossa, era muito... hoje em dia, né... [risos] não exige nada muitos aí de uniforme, é tudo, né(...) a gente que comprava, a gente fazia, aqueles é... saia xadrezinho, xadrez bem miudinho. Era bom, mas a gente, né... uma que pra gente ir com roupa sujava muito e o uniforme não, né, a gente só lavava a camisa, a blusa branca, porque suja né, assim, coisa branca mais uniforme a gente ia a semana toda, só lavava no sábado.

A cartilha e a lição de casa são citadas na conversa com a aluna N. S.

Usei aquela cartilha Caminho Sares [risos]. É, assim, usei a cartilha Caminho Soares.

E a professora era que dava as cartilhas pra vocês?

É, eles que davam.

E vocês podiam levar pra casa? Tinha lição de casa?

Podia. Tinha lição de casa sim.

O edifício escolar e a mobília que o compunha também foram lembrados pelos alunos da EJA, como as salas de aulas com carteiras para duas pessoas, o pátio, onde aconteciam as brincadeiras e a merenda...

Segundo aluna D. B. O.

Grande, grande, não, era grande! Tinha muita sala, que eu nem sei como que é... Lá na Tranqüilidade, era um pátio bem grande, e não era prédio não, era escola de fora a fora, sabe, então tinha aquele assim pra gente brincar. Era assim. Hoje em dia tem, como é que é? Quadra, antigamente não tinha. Hoje em dia o pátio de lá ta modificado e esse da Vila Augusta continua a mesma coisa, assim, aquele [não entendi] [pátio?], aí que fizeram um prédio. Aí, nesse daí da Vila Augusta, modificaram bem.

A aluna N. S. que freqüentou a escola rural também destacou aspectos relativos à

condições físicas do prédio:

Ah, então... a escola era ficava, assim, bem no meio da fazenda, né, ficava bem no meio da fazenda. Era uma sala bem grandona, que eu me lembro que era ela bem grandona, e tinha bastante crianças, lá, né, tinha bastante. Era assim, sabe, era gostoso.

A aluna E. F. S. que conheceu as primeiras letras em uma escola improvisada recordou-se da precariedade do lugar:

(...) então não existia lousa, lembro que eles chamava é quadrinho, não sei, sei que era uma tábua, tabua mesmo, de porta. Então, ela pregava um prego ali, outro ali, não era de prego... Acho que era uns pedaço de ferro e botava. E a gente escrevia não era com giz... você conhece telha? Aquelas telhas de barro? Então, quando tinha, quando ela conseguia – porque ela também era uma pessoa humilde, pobre também – aí a gente tinha aquele giz, quando não tinha ela arrumava aqueles pedacinhos bem bonitinho e compridinho, ela mesmo fazia (...)

E a aluna M. G. R. P. retratou um espaço que, pela ação dos estagiários, foi transformado para melhor acomodação dos alunos:

Era por conta delas, por conta da professora. Era assim já era profissional. Aí faziam (?) bem decorativas: elas mudavam quase tudo, mas tudo por conta delas. Elas deixavam aquele lugar assim bem aconchegante, bonito, tinha umas que até pintavam a sala de aula. Faziam uma decoração por um certo tempo... E, assim, a sala era assim tipo aquelas salas de piso de vermelhões, até encerar elas mandavam encerar, ficava assim completamente transformadas. Era uma fase assim gostosa que a gente, na hora assim do recreio, a gente tinha muito opção pra brincar e quando elas saíam não tinham opção pra brincar, a escola voltava a ser pobre de novo.

Os alunos também relataram a questão do material escolar e a dificuldade de se manterem na escola. Enquanto na escola de D. B. O., a professora solicitava daqueles que tinham melhores condições financeiras um número maior de material, a aluna E. F. S. tinha que trabalhar para garantir o material escolar.

Material, antigamente, deixa ver... o governo não dava. Era nossa mãe da gente comprar. Nossa Senhora era, olha, era gente ir comprar, às vez...[não era barato?] [?], nós era em oito, né, então os que tava na escola comprava primeiro e ia todo, sabe. Aí só que a professora pedia muita coisa pra quem podia, então, aquelas que não podia, ela pegava e dava, né, pra gente que a gente [não entendi] falava: - “ah professora, acabou meu caderno e minha mãe não tem dinheiro”, era assim [risos], aí ela dava, sabe, mas era de outros alunos, né, que podia, né, podia aí ela pegava e cedia pra gente, mas antigamente o governo não dava não, não dava de jeito nenhum, que eu sou... na minha época nunca

deram, a gente que tinha que comprar...

Mas mesmo assim, já na cidade tinha escola, da prefeitura, só que era assim: tinha escola, mas não tinha livro, lápis, caderno, nada! E o que foi que aconteceu novamente? Fui trabalhar pra comprar lápis, caderno para estudar. Só que o que eu ganhava, eu não podia comprar roupa, então eu tinha que escolher: os materiais, a roupa ou dar pra minha mãe e minha mãe não deixava barato, você tinha que dar, não importava como você ia como você não ia.

A lembrança de aspectos físicos da escola é reiterada em vários depoimentos. Isso talvez nos ajude a compreender o quanto a memória está fincada numa espacialidade, decantada em lugares que são constitutivos da identidade.

Outro aspecto que reiteradamente aparece nos depoimentos relaciona-se à disciplinarização. Castigos físicos e morais, autoritarismo por parte do professor e rígida hierarquia faziam parte daquele cotidiano. A falta de diálogo entre professor e aluno é uma das principais queixa da aluna N. S.:

só que eu não tinha aquele diálogo de falar o que eu, né, as dificuldades, né, quando os... seu eu soubesse, bem, eu fazia, né, mas se eu não soubesse ficava até que eu aprendia, mas eu não falava muito com ela porque nem com meus pais porque eu tinha medo, era medrosa [risos].

Ah, ela ensinava bem, assim: passava lição, né, explicava pra gente, a gente tinha que prestar muita atenção, não podia dá nem um piozinho, né - não podia abrir a boca não! – e a gente pegava bem, né? Se aprontava alguma coisa, né [risos]

Seria um engano creditar a constância do medo e dos corretivos às escolas distantes dos lugares de origem destes anos. D. B. O., também migrante nordestina, estudou em duas escolas da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Seu relato, contudo, se assemelha em muitos aspectos aos de seus colegas que estudaram nos locais de origem. O medo da professora, os castigos físicos e a forma autoritária usada pela professora para o ensino das primeiras letras são característicos de sua escolarização:

Antigamente era tudo assim, [?] muito bom de ensino, só que tinha bastante castigo, né! [risos] Isso daí a gente nunca escapou! [risos]: não podia conversar, não podia... se a gente não fizesse lição, a gente ficava de castigo – eu já fiquei várias vezes...com o braço aberto, oiando pra lousa [risos], lá fora, magina, então era assim, mas a professora era muito legal! então era assim, né, que hoje em dia é assim né: não pode fazer isso mais, né? Hoje em dia, mas antigamente... igual hoje, né, a gente fala: “ah, antigamente a gente, a professora fazia isso, batia com a...era uma régua grande, batia assim se a gente tivesse conversando, batia assim e a gente já né

Além dos conteúdos curriculares mais formais, os entrevistados ressaltaram o papel da escola e do professor num aprendizado mais amplo relativo aos comportamentos, à moral, à disciplina. Ainda segundo a aluna D. B. O.:

Todo mundo respeitava o professor. Com toda essa... esse negócio de castigo, sabe, nossa... a gente não ficava com raiva da professora. Eu achava que a gente tava ali é...era, né, fora da mãe da gente, então, a gente sempre respeitou, por mais que, né, ela sempre dava reguada na gente, mas não de força! Sabe, a gente tava conversando e ela vinha e [risos] e aí a gente, né, falava: - "aí!" , [não entendi]: - "óia pra frente!", tal, era assim. Ela nunca foi de xingar a gente, nada, nada, nada! Então, e hoje em dia, né, é tudo diferente! [risos] (...) mas a gente nunca ficou com raiva, assim da professora, nunca...né...parece que respeitava mais. Hoje em dia que é tudo mudado.

Nas memórias dos alunos de EJA os primeiros aprendizados da escrita, com suas dificuldades e descobertas, são momentos muitos marcantes. Do mesmo modo, são recordados os docentes que, mesmo usando recursos hoje considerados "conservadores", se empenharam nesta tarefa. A recorrência dessas lembranças indica o pleno reconhecimento da escrita como um instrumento de afirmação e poder ainda que, por vezes, o ato da escrita fosse aprendido mais como habilidade motora. A aluna E. F. S. lembra com grande ternura o ato de aprender a escrever.

E esse pedacinho de giz que ela fazia e escrevia pra nós, ela pegava na nossa mão... Você já viu o pegar nas mãos? Então, a gente ia. Era engraçado que quando ela pegava, a gente continuava, ia e quando ela parava a gente... A mão parece que [?] [gargalhadas]
Então, a gente que se achava, a gente ria uma da outra, né, mas era muito engraçado mesmo. Eu gostava, gostava, não vou negar.

A aluna D.B.O. faz um paralelo entre as práticas de ensino dos professores de sua infância e os da EJA.

Aí era assim, aí caía na prova e a gente fazia, nem que errava pouco, mas fazia sozinha. Não tinha esse negocio de falar. Hoje em dia, aí, um pergunta ali, um pergunta... aí que é não sei o quê... pergunta: aí como que é... nós sentava ali, juntinho, ali, mas ela não... mas ela ficava de óio, [?] a gente confiava e a gente aprendia com nós mesmo, não era esse negócio de copiar não!

Por fim, no diz respeito aos materiais pedagógicos e aos métodos de ensino, cumpre destacar que todos os alunos entrevistados ressaltaram a diferença entre as situações vividas no passado e o tempo presente. Nesta comparação, não há homogeneidade nas falas mas observa-se que os alunos mais velhos questionam muitas

vezes o clima mais descontraído da sala de aula, as formas de avaliar mais recentes e mesmo o comportamento do professor. Isso talvez ajude a compreender a existência de certa dificuldade na composição da sala da aula pois, para os mais velhos, o padrão correto de comportamento ainda aparece ligado às experiências dos primeiros tempos.

Considerações finais

O desenvolvimento deste projeto permitiu identificar as mais variadas facetas de uma história composta por pessoas que, por diversos motivos, retornaram ao espaço escolar com vontades, desejos e esperanças de uma vida melhor. De acordo com Freitas e Biccás (2009),

A história social da educação no Brasil tem capítulos que, mesmo inseridos nos escopos de iniciativas consistentes, revela um enredo triste para o aluno pobre. (FREITAS; BICCÁS, 2009, p. 160)

Inicialmente, nos estágios supervisionados para curso de Licenciatura e, posteriormente, durante um ano com um projeto de pesquisa envolvendo pesquisas bibliográficas, acompanhamento de rotinas escolares e entrevistas, os alunos da EJA da Secretaria Municipal de Educação de Guarulhos nos proporcionaram a reflexão sobre as vicissitudes encontradas em salas de aulas destinadas à educação de jovens e adultos.

Com a realização das entrevistas, tivemos maior proximidade com as questões ligadas ao processo de escolarização de adultos e com os conflitos que se apresentam no cotidiano escolar. Não foi uma tarefa fácil para os educandos falarem sobre as primeiras lembranças escolares. Muitas dessas recordações são causadoras de sofrimentos e manifestam o desejo de concluir uma etapa que em nossa sociedade não é destinada aos adultos.

No interior do grupo de entrevistados, conflitos de geração, apego a antigos padrões de ensino, resignações diante das dificuldades e reiteração de um certo fracasso pessoal convivem com falas que, mais combativas, denunciam o abandono da educação popular pelas autoridades públicas e mesmo a negligência familiar. É um equívoco tomar esses alunos como um bloco homogêneo pois as experiências vividas no intervalo entre a saída primeira da escola e o retorno pautam a avaliação que hoje fazem tanto do passado quanto do presente.

Outro aspecto se refere à importância da escuta dessas memórias uma vez que, para sujeitos que ainda hoje têm dificuldade com o registro escriturário, a organização dos processos vividos se dá em especial por meio da oralidade. Quase todos os autores que

discutem as narrativas autobiográficas e, em especial aqueles que se debruçam sobre essas narrativas na oralidade, destacam-nas como possibilidade de encontro da memória dos excluídos em contraposição à memória mais oficial:

Aplicada à memória coletiva, essa abordagem irá se interessar portanto pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias. Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "Memória oficial", no caso a memória nacional. Num primeiro momento, essa abordagem faz da empatia com os grupos dominados estudados uma regra metodológica e reabilita a periferia e a marginalidade. (POLLAK, 1989, p. 2)

Gostaríamos de destacar aqui a presença de um aluno de inclusão no projeto. Portador de deficiência intelectual, contou suas memórias na mesma condição de sujeito dos demais e o fez com grande prazer. Mesmo com limitações e formas diferenciadas de lidar com tempo e espaço, o aluno se propôs a recordar e a refletir sobre suas vivências permeadas por histórias que envolvem sua saída do local de origem, a sua relação com amigos e familiares. Ao perceber o potencial de seu aluno para pesquisa, devido aos seus constantes relatos em sala de aula, a professora não hesitou em indicá-lo, demonstrando assim o seu compromisso e envolvimento com o processo pedagógico e as particularidades que estão presentes na relação ensino-aprendizagem dos alunos de EJA. No que diz respeito ao trabalho de pesquisa, ouvi-lo foi um desafio e simultaneamente um aprendizado. Mais que isto, ouvi-lo reforçou o valor da inclusão escolar em um clima de respeito e integridade.

Por fim, porém não menos importante, registro os meus sinceros agradecimentos a professora Maria Angela Borges Salvadori, por acreditar em meu trabalho e sua intensa orientação, dedicação e incentivo nessa árdua tarefa. A PIC / FEUSP pela oportunidade do desenvolvimento dessa pesquisa. Aos professores da EPG Glorinha Pimentel e EPG Da Emília, em especial a professora Mônica por suas indicações e conselhos, e aos alunos entrevistados que gentilmente cederam parte de seu tempo de aprendizagem em sala de aula para relatar suas histórias de vida e experiências escolares. Também a minha mãe por relatar, ao longo de todos esses anos, as suas primeiras lembranças escolares e, enquanto aluna de EJA, superar os desafios de 'voltar e estudar depois de velho'. E ao André Luiz Mantovani, sempre, pelo companheirismo, amor e horas de conversas sobre os alunos de EJA e suas percepções sobre espaços e tempos escolares.

Referências bibliográficas

- ALBERTI, V. *Manual de História Oral*. 3º ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velho*. 3º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CALDAS, A. L. *Oralidade texto e história: para ler história oral*. São Paulo: Loyola, 1999.
- DI PIERRO, M. C. ; VOVIO, C. L. ; ANDRADE, E. R. *Alfabetização de jovens e adultos: lições da prática*. 1. ed. Brasília: UNESCO, 2008.
- ENZENSBERGER, H. M. Elogio ao analfabeto. In: *Mediocridade e loucura: e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1995.
- FERREIRA, M. M. AMADO, J (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- GALVÃO, A. M. O.; DI PIERRO, M. C. *Preconceito contra o analfabeto*. São Paulo: Cortez, 2007. (Preconceitos; v.2)
- GRAFF, H. J. *Os labirintos da alfabetização: reflexão sobre o passado e o presente da alfabetização*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- VILLELA, H. O. O mestre escola e a professora. LOPES, E. M. T., FILHO, L. M. F., VEIGA, C. G. (org.) *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autentica, 2000
- MEIHY, J. C. S. B. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 2005.
- MEIHY, J. C. S. B. História Oral: 10 itens para uma arqueologia conceitual. *Oralidades: Revista de História Oral*, São Paulo, n. 1, jan.-jun., 2007.
- MEIHY, J. C. S. B. HOLANDA, F. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2010.
- POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p.3-15.
- ROUVAI, M. G. O. EVANGELISTA, M. B. Da fala à escrita: processos e procedimentos básicos a em busca da construção da narrativa. *História Agora*, São Paulo, 2010.
- THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária na Inglaterra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- THOMPSON, E. P. *Os Românticos: A Inglaterra na era revolucionária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- THOMPSON, P. *História Oral e contemporaneidade*. Revista da Associação Brasileira de História Oral, São Paulo, v.5, jun.2002, p. 9-28.

ANEXOS

Anexo I

Roteiro de entrevista

- Apresentação do sujeito
- Lembranças escolares (professor; relação professor-aluno)
- Disciplina
- Prédio
- Trajeto escola-casa
- Diretor
- Como cada disciplina era trabalhada
- Materiais utilizados em sala de aula
- Cotidiano escolar
- Relação com os colegas de turma
- Atividades que despertavam maior interesse
- Gostava de ir à escola?
- Dificuldades enfrentadas
- Participação dos pais no processo escolar
- Quando e como foi o processo de abandono da escola

Anexo II**FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO**

NOME: _____

IDADE: _____

LOCAL E DATA DE NASCIMENTO: _____

ENDEREÇO RESIDENCIAL: _____

TELEFONE: _____

PROFISSÃO: _____

PREENCHIDA: DATA: ____/____/____

Anexo III

Transcrição

Entrevista realizada no dia 23/05/2011, nas dependências da Escola Pública de Guarulhos Da Emilia, é... com a aluna D., que é pertencente ao Ciclo II, correspondendo as séries finais do Ensino Fundamental I.

Dona D., eu gostaria que inicialmente a senhora se apresentasse: falasse seu nome, sua idade, o local onde a senhora nasceu e porque que a senhora veio pra São Paulo?

Então, tá bom...

Eu me chamo D. B. de O., i eu tenho 59 anos, i vim pra São Paulo com 4 anos, da Bahia, de Jequié, ai eu vim com 4 anos e tô aqui até hoje.

[risos]

Então tá bom...i me fala um pouco como foi sua infância, assim, quando foi entrar na escola...

Ah eu entrei com 7 anos, né, estudei na Tranqüilidade [bairro de Guarulhos], lá no João Alves Siqueira Bueno , né, que até hoje existe, né, é uma escola, né. Aí estudei lá até o terceiro ano, né, ai, depois eu estudei na Vila Augusta, no João Crispiniano... é... João Crispiniano, ai na Vila Augusta. Estudei o terceiro, passei pra quarta, né, e conclui, ai resolvi [risos] estudar pra saber mais, né, estudava né pra ocupar a cabeça, que também é bom, né? Não tem idade pra aprender mais, então eu to aqui. [risos]

E essas escolas que a senhora falou são todas daqui de Guarulhos?

São todas aqui de Guarulhos. Uma é lá na Tranqüilidade, João Alves Siqueira Bueno, e a outra aqui na Vila Augusta, aqui perto do Anel Viário aí.

A senhora já veio da Bahia direto pra Guarulhos...

É, pra Guarulhos. Sempre morei aqui. Morei na Tranqüilidade, morei bastante tempo. Saí

de lá, com 12 anos pra vim pra onde eu moro aí na Vila Augusta, tá aqui embaixo, pertinho.

Ah tá... E como era a escola que a senhora estudou?

Ah era muito boa! Antigamente era tudo assim, [?] muito bom de ensino, só que tinha bastante castigo, né! [risos] Isso daí a gente nunca escapou! [risos]: não podia conversar, não podia... se a gente não fizesse lição, a gente ficava de castigo – eu já fiquei várias vezes...com o braço aberto, oiando pra lousa [risos], lá fora, magina, então era assim, mas a professora era muito legal! então era assim, né, que hoje em dia é assim né: não pode fazer isso mais, né? Hoje em dia, mas antigamente... igual hoje, né, a gente fala: “ah, antigamente a gente, a professora fazia isso, batia com a...era uma régua grande, batia assim se a gente tivesse conversando, batia assim e a gente já né... mas a gente nunca ficou com raiva, assim da professora, nunca...né...parece que respeitava mais. Hoje em dia que é tudo mudado.

A senhora achava certo a professora aplicar aquele castigo?

Ah porque não tinha muita punição igual hoje tem, né?A gente levava como uma educação, na minha época. Eu entendia assim, né? Eu... mas ninguém nunca... também não era muito violento, né ? Era só, né, pra gente... acho que pra acordar, né? [risos]. E também quando a gente não fazia lição, aí que ela ia vê que não tinha lição [?], ela punhava a gente de castigo, mesmo! Punhava! Eu fiquei várias vezes, de castigo [risos]. Então é isso daí.

Mas assim: a senhora ficava de castigo porque não fazia lição?

Não fazia lição, é, só isso. Não tinha outras coisas a mais igual hoje tem. Ah Deus me livre! Ah você vê como que ta hoje, né: a professora não pode falar nada, né, não pode brigar... porque uma tem punição,né, da parte das pessoas mais, né, da autoridade, e as mães, né, que hoje em dia, você sabe né: mexeu com os filhos, já viu né?...[risos]. Apesar que eu tive dois, graças a Deus, nunca me deu trabalho, assim, sobre isso, né, assim porque eu sempre falava – respeita, né, as professoras, assim, né, aí eu sempre falava pras professoras – se fazer qualquer coisa, responder, pode me chamar, que eu vou... pra ver, né. Então, graças a Deus, eu não tive problema com meus filhos sobre a escola

[risos].

E a mãe da senhora ia na escola, tinha reuniões...

Não tinha. Pior que não, na época não tinha reunião. Não tinha de jeito nenhum! Só tinha assim pra saber porque ficou de castigo, mas reunião pra falar que o aluno não ta bem só ia mesmo quando passava de ano ou repetia, mas antigamente não tinha reunião de pais. Na minha época, não tinha. Eu... assim, depois que foi evoluindo [?], aí depois, quando meus irmãos também começou... quando teve a quinta série, um dia, porque antigamente era só a quarta, e ali parava, né. Agora só quem estudava quem podia estudar, né, em outras escolas, né, mas a gente tirou o diploma da quarta ali, pronto. Depois que teve a quinta, na época dos meus irmãos e minhas irmãs, já teve quinta, sexta... até o terceiro colegial, mas na minha época não! Era só quarto ano e pronto! Só que lá era estadual, né, agora quem podia ia pra outra escola paga, né, assim né de [?] [risos].

E me fala uma coisa, como como os pais ficavam sabendo dos castigos que os filhos tomavam na escola?

Ah ixi isso daí todo mundo ficava sabendo! A gente saia da escola, os amigos, que moravam, [?] [perto?]: “castigueira!”, “castigueira!”, então minha mãe ficava sabendo, aí ela - “por que você ficou de castigo?” – “ah mãe, porque eu não fiz tal lição”, então a professora já, né, me deixa de castigo, aí ela falava – “tá vendo! Isso daí é pra você aprender a fazer [?] a lição, tá vendo?”. Aí eu perguntava, porque antigamente, as mães não olhava assim muito, né, também. Elas confiava até na gente, sei lá, né. Aí ela, minha mãe, não foi de olhar caderno, sabe? Aí ela só falava – “as professoras não dá lição?”, - “não, eu já fiz”. Então ela não olhava e a gente não fazia [risos]. E ela não tinha culpa de da curiosidade [?] gente... de olhar mesmo, né. Aí era assim: eu fiquei muitas vezes de castigo.

E... é de leite, aqueles [?] [bule?], a professora pegava a gente, assim, pra dar mesmo na classe e o bule [?] era tão grande... ai era bom, né. Eu gostava, né, tinha merenda, também, na época, tinha merenda, só que era pão com mortadela, pão com manteiga, era bom! Eu lembro como hoje, que era um cesto, sabe, um balaio igual de padaria, tinha aqueles balaio assim, era é... com leite moça, eu nunca esqueço.

Que nem a... Diretora chamava Dinorá, não sei se ela existe até hoje... Era uma baixinha, mas era muito boa também! A minha professora chamava Valéria, até o terceiro ano,

assim ela chama Valéria, era boa também!

Do primeiro ao terceiro ano... foi...

Eu fiquei lá no Tranqüilidade...

Com a professora Valeria?

Isso. É porque antigamente, não tinha esse negócio de mudança, sabe? Sabia que nós pegava... fazia a primeira, a segunda e a terceira, a quarta assim, sabe. A primeira, a segunda e a terceira, igual eu estudei com essa professora Valéria. Eu não me lembro que eu tive outra, só ela mesmo... até o terceiro ano. Depois eu passei de ano, né, eu fui... aí eu estudei daí, né, Aí passei do segundo para o terceiro, aí estudei dois anos aí na Vila Augusta, terceiro e quarto.

E quem foi a professora no terceiro e quarto?

Aí meu Deus do céu! Ah!... A Dona Aparecida! [risos] Hoje ela até mora perto do grupo e existe ela! Até hoje ela existe.

Olha só!

Existe, ela existe sim! E foi a Dona Aparecida no meu terceiro e quarto ano. E aí pronto!

E era diferente uma escola da outra? Por exemplo, as professoras: uma dava castigo e a outra não...

Aqui [na Vila Augusta] eu nunca levei castigo. Já fique mais esperta, né, porque eu tirei diploma com catorze anos. Estudei é o quarto ano, assim, e tirei o diploma, eu lembro como hoje, [?] o diploma ali e parei. Ai eu queria, na época, estudar no Rotary, mas só que só lá só tinha a noite. Minha mãe não deixou. Sabe, ainda minhas amiga: "deixa", "deixa Dona [?]", "deixa ela ir, né, estudar" e minha mãe tinha medo, sabe, ela tinha medo, estudar a noite, era no Rotary, né. Aí hoje em dia tem uma colega que estudou, entrou na prefeitura, e minha mãe queria que eu fosse cabeleireira, oh! Costureira, e eu queria ser cabeleireira e no fim eu não quis costura e também não deu pra fazer cabeleireiro, mas eu

era que mexia com os cabelos de minhas amiga [risos], mas era assim... mas, só isso.

A senhora parou de estudar e foi trabalhar...

Desde os catorze anos, não, comecei com doze, treze anos: trabalhava em oficina, sem registro. Depois eu fui olhar o menino, que a mulher era vizinha, aí eu fui olhar o menino. Aí quando eu fiz catorze anos eu falei: “ah mãe! Eu não vou trabalhar mais na casa de ninguém não, eu quero é trabalhar em firma, né.” Aí minha mãe... aí eu sai num dia com a minha mãe. O primeiro emprego meu, na Queluz

Oh!

Aí na Rotary, eu trabalhei dois anos - entrei com catorze e trabalhei dois anos – porque lá era por contrato, né. Aí no mesmo dia eu arrumei serviço, né, aí eu trabalhei por dois anos, das seis às duas, das duas às dez e saí de lá com dezesseis anos, e era contrato, né, quem trabalhava nas máquinas era gente de maior. E era bom porque, hoje em dia você vê não tem serviço, né, pra menor de catorze, né, e também nem pode e antigamente era dois salários: o de maior ganhava um salário e o de menor era outro. Por isso antes existia emprego, hoje em dia pra menor não tem emprego.

Oh! E voltando a escola, como era o prédio da escola que a senhora estudou, das duas escolas: era grande? Era pequeno?...

Grande, grande, não, era grande! Tinha muita sala, que eu nem sei como que é... Lá na Tranqüilidade, era um pátio bem grande, e não era prédio não, era escola de fora a fora, sabe, então tinha aquele assim pra gente brincar. Era assim. Hoje em dia tem, como é que é? Quadra, antigamente não tinha. Hoje em dia o pátio de lá ta modificado e esse da Vila Augusta continua a mesma coisa, assim, aquele [?] [pátio?], aí que fizeram um prédio. Aí, nesse daí da Vila Augusta, modificaram bem.

As duas escolas são do município de Guarulhos?

Eu acho que é do estado, acho que é. Tem o estado... É, acho que é do estado.

E como era dentro da sala de aula? Como era a aula, a senhora lembra?

Lembro, era muito boa! A professora, primeiro, quando a gente entrava, rezava, hoje em dia já não tem mais isso...

É mudou...

é... na Tranqüilidade, ali na Vila Augusta, é... como que é, fazia a primeira comunhão

Óh!

...é eles 'coisavam', depois se a pessoa tivesse já encaminhada pra fazer a Comunhão . Eu sei que a primeira coisa a gente rezava, cantava! Depois de rezar, depois, a gente cantava o Hino Nacional, era muito bom, o último dia eu falo: - "nossa..." tinha muito desfile de 07 de Setembro, hoje em dia [?] acabou! Acabou tudo! Nossa! Eu ia muito no 07 de Setembro, no desfile, hoje em dia não se vê mais nada. [risos]

Aí era tão bom! Eu falava: "benza Deus" [?], gostava... Nossa! Eu quando minha mãe falava assim: - "hoje você não vai na escola porque tá muita, tá chuva!", eu chorava pra ir! Eu chorava pra ir pra escola! Nunca eu fui assim, preguiçosa, sabe, pra escola. Nossa não sei como num cresci? É porque não tinha oportunidade, né? Mas no final eu gostava! [risos].

Igual hoje, igual, eu aprendo, já, né, sei ler, sei escrever, mas eu adoro matemática! Muita gente fala: - "aí, a matéria que não gosto é matemática!", mas eu vou falar a verdade: eu sou em matemática eu sou boa! [risos]

E a aula da professora, como é que era? Das duas escolas: a senhora pode descrever?

Como funcionava: a senhora estudava de manhã, a tarde...

Eu estudava de manhã. Era das sete as... se eu não me engano, sete, oito... acho que era três horas de aula. Acho que era das sete as onze, era mais ou menos assim, não era hoje em dia que tem quatro, cinco horas de... hum acho que era das sete as onze. Estudava assim, sempre foi de manhã, sempre, sempre, sempre! Estudava de manhã tanto na Tranqüilidade quanto [aqui?]. [?] era de manhã. Tinha vários horários, né, mas, era de manhã que eu ia.

E como... assim, como era os seus colegas de aula? A senha lembra?

Lembro, lembro. Era tudo legal, respeitava a gente, sabe, não era esses moleques que jogava papelzinho na gente, aviãozinho. Nossa... era... oia, eu nunca... ninguém nunca brigou comigo, também não tinha briga, assim, de muleque de como a gente hoje em dia a gente vê, era super... boa mesmo a escola e as professoras também, eram boa, né? Até quando eu estudei, ela era muito legal. Se tivesse... ela não era de chamar atenção na frente dos outros, sabe, assim, senão os colegas, Ave-Maria! Chamava ele no cantinho, e tal, tal, tal e a gente sempre obedecia. Eu nunca vi, na minha época um... um aluno desrespeitar a professora, puxar cadeira, puxar cabelo, dar soco, levantar cadeira, nunca, nunca, nunca, nunca! Hoje que eu vejo. [risos]

Na época da senhora não, todo mundo respeitava o professor...

Todo mundo respeitava o professor. Com toda essa... esse negócio de castigo, sabe, nossa... a gente não ficava com raiva da professora. Eu achava que a gente tava ali é...era, né, fora da mãe da gente, então, a gente sempre respeitou, por mais que, né, ela sempre dava reguada na gente, mas não de força! Sabe, a gente tava conversando e ela vinha e [risos] e aí a gente, né, falava: - "aí!", [?]: - "óia pra frente!", tal, era assim. Ela nunca foi de xingar a gente, nada, nada, nada! Então, e hoje em dia, né, é tudo diferente! [risos]

E o que que ela ensinava?

Ah! Ensina tudo. Ensinava, assim, a gente ... pra começar ela falava pra a gente respeitar os outros, né, que a gente era criança, ainda, né? Na época de primeiro ano, assim, não tem que... ela falava pra gente respeitar, pra nunca catar nada dos outros, era igual assim: mãe, né? Ela falava tudo isso, pra se achar alguma coisa do colega é, se assim, se vê que é do colega entregar...era assim que ela... a gente sempre conviveu, sabe? Então, aí, ela até falava nunca pegar as coisas, assim, dos outros, de amigo, assim, de classe, mesmo, né, ou seja [?], qualquer coisa. E se achasse um dinheiro, guardasse, não perguntasse, porque senão ia aparecer muitos donos, guardava, aí se a pessoa procurava, entregava. Agora se não procurava, é seu! Ela sempre falava isso. [risos] E era verdade, a gente fazia isso: quando eu achava, se perguntava de quem era, ia aparecer um monte, né? E você nunca sabia quem era. Ela ensinava muita coisa boa! Muita mesmo, nossa, [?]. Então ela ensinava coisas boas, né, principalmente... só de você entrar na classe e ela...né, a gente rezar, já era uma.. né... antes de começar...hoje em

dia, não tem, eu não vejo. [risos]

E lição, assim: português, matemática? O que ela ensinava?

Ela passava... matemática, português, passava ciências, né. Antigamente, era diferente da de hoje, mas sempre passava. Esse negócio de fazer experiência de feijão, né, no álcool, assim, essas coisas, ela sempre ensinava essas coisas. Um pouco que aprendi, ainda sempre é assim, ensinava. Hoje em dia tem mais evoluído, né? Mas antes [antigamente?] a agente...ela, assim, ensinava pouco, mas a gente fazia. [risos]

Também, eu também, gostava do uniforme, né, que era, na Tranqüilidade era blusa branca, com as iniciais, é meia branca e sapato macassim e saia azul. Era muito... nossa, era muito... hoje em dia, né... [risos] não exige nada muitos aí de uniforme, é tudo, né...

E na outra escola que a senhora mudou, a daqui?

A daqui era xadrezinho, começou com xadrez, depois avental branco. E na quarta série, mesmo, aí eu já estudei com o avental branco, avental por cima da roupa, sabe, só que era branco. [?]

E era a escola que dava esse uniforme?

Não, a gente que comprava, agente fazia, aqueles é... saia xadrezinho, xadrez bem miudinho. Era bom, mas a gente, né... uma que pra gente ir com roupa sujava muito e o uniforme não, né, a gente só lavava a camisa, a blusa branca, porque suja né, assim, coisa branca mais uniforme a gente ia a semana toda, só lavava no sábado. E aí roupa assim, se a gente for com roupa de passeio, você sabe, né? Suja mais do que uniforme. [risos] Aí eu gostava!...Nossa Senhora [risos]... e o sapato tinha que ser bem engraxadinho, era mocassim, eu nunca esqueço...era bom!

E coisa de ensino também era muito bom! Nossa, não tem reclamação! Até na minha época que eu estudei, era muito bom! muito bom mesmo! Né, hoje em dia tem as professoras boa, tem! Vou falar, tem. Hoje em dia a gente vê na televisão, né, se vê alguma coisa, assim, né, que a professora passa do limite, né, mas tem as coisas, né... e os alunos hoje em dia, você sabe, não respeita, né, então é difícil... quem é professora, é difícil. [risos]

E material... assim...

Material, antigamente, deixa ver... o governo não dava. Era nossa mãe da gente comprar. Nossa Senhora era, olha, era gente ir comprar, às vez...[não era barato?] [?], nós era em oito, né, então os que tava na escola comprava primeiro e ia todo, sabe. Aí só que a professora pedia muita coisa pra quem podia, então, aquelas que não podia, ela pegava e dava, né, pra gente que a gente [?] falava: - “ah professora, acabou meu caderno e minha mãe não tem dinheiro”, era assim [risos], aí ela dava, sabe, mas era de outros alunos, né, que podia, né, podia aí ela pegava e cedia pra gente, mas antigamente o governo não dava não, não dava de jeito nenhum, que eu sou... na minha época nunca deram, a gente que tinha que comprar...

[resmungos e silêncio]

E o que a senhora mais gostava de fazer na escola?

O que eu mais gostava de fazer na escola? Ah! Era lição mesmo! Assim, é, matemática, essas coisas, eu gostava de fazer... desenho, assim, sabe, eu gostava de fazer... nunca fui assim de ter preguiça, né. Quando a professora passava lição pra casa, eu chegava em casa e também já fazia! Era assim, e era assim que a gente... [risos]

E como era na hora do recreio...

Ah então na hora do recreio a gente saia pra lanche e brincava também, brincava. Na minha época não tinha sopa, né, não dava também, só merenda, né. Na minha época que estudei, merenda tinha, mas sopa, que hoje em dia tem, comida, era lanche mesmo, né: pão, às vezes, bolacha, maçã nunca vi, nunca comi uma maçã na escola, assim, na minha época, agora sim, agora sim eu como [risos]. Mas antigamente acho que era um pouco de sei lá, do governo, eu acho que, né, se acomodava, né, um pouco. Hoje em dia, que, né, eles luta pra, né, melhorar a escola, né. Eles luta, as professoras também luta, né, também. Porque eu acho que com tudo isso, eu acho que as professoras devia ganhar bem, que não é fácil cuidar de aluno, né [risos], não é fácil. Aí meu Deus...

Nossa, é... difícil, mesmo, assim trabalhar em escola, tal.

É então, hoje em dia você tem que manter a calma, né, porque tem umas que... né? escolhe porque gosta, né, gosta igual médico, né, vai escolhe ser médico, porque o dom dele ta ali, né; igual a professor, que estuda faculdade e... né eu tenho uma colega minha que foi dar aula pra criancinha, pequena, e não agüentou e falou que não quer, não quis mais e desistiu, desistiu. Então, o dom dela não era, né...[risos]

E como era, assim, a sala de aula, as carteiras... era bem arrumadinha...

Era, era. Só que antigamente a carteira era de dois, a gente sentava aqui e aqui. Não era de um só não, era de duas pessoas, assim, sabe, e quando tinha prova assim a professora: “oh não olha pra um, pra outro e não é pra copiar!” e a gente fazia sem olhar. As vezes, a gente cutucava, assim, com o pé, aí ela... a gente fazia sozinho. Nem que errava, não tinha cópia não que ela ficava de olho. Ela... nossa... ia pra lá e pra cá e de oio! E oiava, oiava, oiava... [risos] e a gente tinha cola e era duas carteiras que era aquelas grudada, aquelas inteira, então, era assim a cadeira e a gente sentava de duas.

E como eram as provas? Porque já que vocês sentavam em dois, né? Então não tinha... não podia olhar e...

Não podia, ela não deixava mesmo. Ah ela dava prova, assim... era assim, ela falava assim: - “oh, eu vou passar um exercício, assim, não vai ser igual, mas pelo menos vocês lê pra te noção”, era assim, “em tal dia vai ter prova vocês estuda, né, porque as vezes cai alguma coisa daí”, era assim, a prova. Então, matemática, também, era a mesma coisa: ela dava conta, sabe, as continhas de vezes, de mais, de menos, dividir e falava: - “oh, não é com esse número, né, mas eu vou dar pra vocês ter noção, vocês faz, tal...”. Aí era assim, aí caia na prova e a gente fazia, nem que errava pouco, mas fazia sozinha. Não tinha esse negocio de falar. Hoje em dia, aí, um pergunta ali, um pergunta... aí que é não sei o quê... pergunta: aí como que é... nós sentava ali, juntinho, ali, mas ela não... mas ela ficava de óio, [?] a gente confiava e a gente aprendia com nós mesmo, não era esse negócio de copiar não!

Ela não deixava nenhum aluno copiar...

Copiar de jeito nenhum, ela ficava atenta mesmo com isso. Ela... nossa, ela ficava... quando tinha prova, nossa, ela já ficava atenta [riso], mas era bom... minha infância eu

não tenho o que dizer tanto na escola, como, né, como, assim, nas brincadeiras, eu não tenho nada o que dizer, assim, de mal. Hoje em dia é que eu tenho medo [risos]

E os amigos da senhora de da escola eram os mesmo do bairro? Como é que funcionava isso?

É, a maioria era do bairro. Nossa, as vezes, até hoje, as vezes eu encontro uma colega minha e , que óia, e falo: - “óia, a gente estudara junto”, sabe, eu conheço muita... umas já morreram, sabe, e as vezes eu encontro no mercado, assim, que a gente é estudou fala – “aí, eu estudei com ela, tal...”, ainda lembra da professora, né, a dona Aparecida, hoje, eu vejo ela de vez em quando, ela me comprimenta, [risos] ela era muito legalzinha, mas bem enérgica. [risos]

E como era esse enérgico dela? Como [?]

Assim de dá moleza, assim, pra aluno, sabe, de aluno perguntar, assim: - “oh, professora, isso, isso é assim?” e ela falar: - “não, vocês tem que aprender sozinho, eu já expliquei, né, então, se eu falar, vocês não vai aprender”, ela falava desse jeito pra nós; e era mesmo! E a gente tinha que se virar sozinha, mesmo. Ela ensinava, passava com outro exercício, conta, aí pra gente, né, aprender sozinho. Então era isso, né, porque antigamente o boletim, né, tinha o boletim era nota, assim, dez ou cem, não sei, como que era... hoje que é sete, é [?], não sei quanto... antigamente era nota, assim, né, a gente... não sei se ela dava acho que era cem ou não sei... era uma nota boa lá... noventa, parece, sei lá... a gente passava com nota grande [risos], sei era... hoje em dia que é sete virgula num sei quanto, né, hoje é diferente.

Como era que a mãe, o pai sabia desse boletim. Eles buscavam na escola?

Não, a gente mesmo trazia. A gente trazia e mostrava, aí, quando vinha vermelha, vermelha não, acho que era azul, não vermelha! Aí, quando vinha vermelha falava – “ah, você tá com vermelha aqui, tem que estudar”. Era assim, porque os pais da gente não tinha né... minha mãe mesmo nunca foi na reunião da gente, porque uma que a gente não dava trabalho, né, mas e antigamente não tinha mesmo a reunião... “ah, amanhã tem reunião dos... de pai e mãe”. Antigamente, até no quarto ano que estudei não tinha reunião, depois, dali pra frente que teve. Então, quer dizer que... [risos]

E a diretora da escola, era próxima? Ficava na escola?

Ficava, nem... aqui era o doutor, o diretor Osvaldo, muito bom, muito bom bom mesmo! E aqui na Tranqüilidade era a diretora Dinora, eu lembro dela que era ela baixinha, sabe, não sei se ela existe, agora o doutor, o diretor Osvaldo daí... nossa, quando morreu, todo mundo... faleceu, ficou doente, faleceu... nossa, todo mundo ficou... ele era muito bom... a escola... nossa...era muito bom! Ele sabia mesmo lidar com as pessoas, com professor. Todo mundo gostava dele! Todo mundo mesmo! Então... era muito bom...

E, por exemplo, quando vocês tinham castigo da professora, vocês iam pra diretoria? Ou não tinha isso?

Não, não tinha. Não tinha esse negocio de ir pra diretoria, não tinha de jeito nenhum! Só tinha pra ir pra diretoria, quando a diretora chamava quando tinha briga, sabe, aí ia os dois aí a diretora dava conselho pra eles e mandava um bilhete. Só que não mandava... mandava pelo aluno, eles rasgava... [risos] é...e mandava...

- "se deu o bilhete pra sua mãe?"

- "Dei..."

- "E cadê? Me dá... que é pra ela assinar e você me devolver"

- "Ah professora, acho que perdi..." Aí ela pegava e falava:

- "você mora perto dele?"

- "moro..." aí mandava o bilhete por ele.

Aí explicava que mandou por ele, aí, ele rasgou, perdeu, ficou com medo, ai, onde a mãe ficava ciente, as vezes ela até ia, sabe, umas ia, outras mandava...sabe, assim, era assim, mas era bem pouco, não era direto não... pra ela ficar ciente por causa de briga, assim, briga entre eles, né, assim, de soco de... briguinha mesmo de amigo, óh por causa de briguinha que [risos] que para logo [risos]era assim... mas sobre outras coisas eu não me lembro de nada, assim, de mais.

E por que a senhora mudou de uma escola pra outra?

Porque eu mudei pra cá.

A senhora mudou de endereço...

De endereço. E aí foi que eu estudei lá até o terceiro, né, do primeiro, segundo e terceiro. Quando eu passei pro terc... assim, né, pro terceiro, do segundo pro terceiro, aí foi na época que e a gente morou aqui e ta morando até hoje, aqui, em baixo.

E a senhora sentiu muita diferença entre mudar de uma escola pra outra?

Não, não sentia, não senti diferença não. Que aqui era perto, nossa, é só atravessar já tava em dez minuto e ainda ia daqui e estudava lá, né, porque eu não queria, tava quase no fim do ano, ai, ainda, eu estudei do primei..., do segundo, né, estudei ainda um ano lá, quando eu passei pro terceiro, assim, aí, conclui o terceiro e o quarto ano aqui na Vila Augusta.

Então a senhora mudou pra cá e ainda tava...

Estudei dois anos aqui...

Mas a senhora ainda quando mudou pra cá ainda estudava lá...

...Estudava lá. Ia de da... e era tudo mato ali, ia até meu irmão ia me levar, né, que era muito longe, aqui, e minha mãe tinha medo, né, aí, mandava... aí eu fiquei um ano lá, até eu passar pro terceiro.

Era muito tempo de caminhada?

Era, nossa! É da onde eu moro, na Tranqüilidade, lá no João, na Tranqüilidade, nossa, é longe! É uma camin... , acho que era uma meia hora, meia hora! Pra mim que eu era criança, é longe! Hoje em dia não, eu vou até Guarulhos, se puder, de a pé, eu não acho cansado, mas pra criança, Nossa Senhora! A gente ia até cedo, pra ir andando e descansando, eu e meu irmão. [risos]

E como é que era essa ida pra escola?

Ah! Era boa! Assim, porque eu gostava de estudar, mas mesmo chovendo, meu irmão: - "ah, hoje eu não vou levar não porque ta chovendo", aí eu chorava, aí ele tinha que ir.

[risos] “Não, eu vou, eu vou, que tem prova”, todo dia eu mentia que tinha prova, só pra mim não te que faltar na escola, [risos] e não tinha. Aí, eu fiquei lá até o terceiro ano e depois que, né, quando, aí eu mudei pra cá, aí, estudei dois anos aí, na Vila Augusta.

Em relação aos seus colegas de sala dessa escola da Vila Augusta, era diferente da outra escola?

Era a mesma coisa, assim, não tinha bagunça, num... igual não fazia aviãozinho pra atacar na gente, sabe, era... Agora lá a única coisa que eles faziam mesmo, era quando a gente ficava de castigo eles tudo : “castigueira, castigueira”, ia gritando até...i aí a gente nem ligava. Hoje em dia, se fazer isso é briga! Antigamente a gente pegava o nosso rumo e nem... “a gente ficou mesmo”, deixa xingar [risos]

E era um bando grande? (36:54)

Era! Era os moleques, tudo da minha idade, assim, sabe, a gente conhecia, morava mesmo na Tranqüilidade, na vila mesmo, aí, chamava de “castigueira”, aí quando eles ficava nós também chamava [risos]. Era assim, mas nunca teve briga por causa disso, nunca, nunca, nunca! [riso] Aí meu Deus do Céu! Mas era muito bom!

E assim, material os pais compravam. né?

Compravam, Na minha época, compravam.

E livros, tinham na sala?

Não, [?] era cartilha essas coisas de livro, assim, de estudar, igual eu vejo hoje, não tinha. Não tinha livro, era emprestado da professora, punhava e a gente copiava, essas coisas, sabe? E aí ela falava: - “vamos fazer isso do livro”, aí punhava na lousa, agente copiava. Se ela tivesse que dá uma coisa do livro, a gente tinha no caderno, era assim. Hoje em dia que tá bem, né... que o governo dá livro tudo, né, hoje ta bom, né? Ta bom assim, né? Agora dá, como é que é, dá livro, dá caderno, né, essas coisas, mas antigamente não dava isso, mas parece que o ensino, assim, a educação acho que era melhor.

É?

Não dava nada, mas a educação era melhor, porque hoje em dia tem tudo, os alunos não respeita, né?! A maioria, então, eu... [risos]. Eu sou do tempo em quando o antigo [risos]

E a senhora gostava muito de ir a escola...

Gostava, gostava, nossa, gostava muito de ir pra escola, nossa, eu nunca... óia, aí, quando falava minha mãe: - “Aí, hoje ta chovendo muito, você não vai, vai chegar toda molhada...”, aí, eu ia. Aí eu chorava, eu ficava: - “Aí meu Deus, tomara que para de chover, para, para, vai, parava!”. Aí eu: - “vamo, vamo logo senão vai chover” [risos], aí eu ia, mas era bom!

E em que ano era isso?

Aí eu não me lembro não, só vendo na foto que tenho tirado, quando tirava assim [riso]

Ah a senhora tem fotinho que tirou na escola?

Tenho, tenho, eu tenho! Dessa aí e outra é a que gente tem, assim, entre família, acho que ta com meu irmão, nós tudo de uniforme, assim, tudo... nós tem sim!

E vocês sempre tiravam essas fotos? Como acontecia isso?

Não, não tirava, só aqui na Vila Augusta que eles ainda tirava, né, mas lá era só assim: uma... acho que tenho mesmo, acho que é um ou duas – uma daqui, da Vila Augusta e uma de lá, preta e branca, que a gente coisava assim... até que eu to com a cara meia [risos], meia assim oh [risos], meia com raiva, assim [risos]

Mas por quê?

Não, acho que era [?] assim... – “ah, vamo tirar foto!”... acho que a pessoa, né, pega a gente desprevenida, então, né, a gente sai com a cara até feiona, mas era bom demais, Nossa Senhora!

Tem algum episódio, assim, que a senhora lembra e da gosto assim de lembrar, de contar

pros filhos...

Ah, óh, assim, dá escola?

É da escola?

Ah, acho que, óh... a única coisa da escola que eu tenho assim mesmo, é só isso mesmo, de castigo, né, de castigo o resto é essas coisas só, mas, assim, nada mais, assim, de reguada.. hoje em dia eu falo: - “ah se vocês estudar...”, hoje em dia eu falava pros meus filhos: - “se vocês estudasse como antigamente, levava reguada”... a gente acho que aprendia mais. Hoje em dia vocês tem tudo e não quer saber [riso]. Aí, mas assim pra mim falar que marcou assim de coisa ruim, não tem! Não tenho de jeito nenhum! Não tenho mesmo de falar: - “aí, eu não gostei daquela professora porque ela me maltratou”, isso daí não tenho de jeito nenhum. [risos]

Anexo IV

Transcrição

Entrevista realizada 26/05/2011, nas dependências da Escola Pública de Guarulhos Da Emilia, com a aluna N. S., pertencente ao Ciclo II, correspondendo as séries finais do Ensino Fundamental I.

Bem, Dona N., eu gostaria que a senhora se apresentasse: falasse nome, idade e porque a senhora veio pra São Paulo e quando veio pra São Paulo também.

Tá bom.

Eu me chamo, meu nome é N., né, da S., é... eu vim pra São Paulo, pra Guarulhos, eu tinha catorze anos, em 1969, né, eu vim pra casa da minha madrinha, na época, pra ajudar ela, né, tomar conta da filhinha dela, tá bom?

Os pais da senhora não veio, né? A só veio senhora sozinha?

Só eu, sozinha. Meus pais de criação ficaram lá, né. [?] com a minha mãe e com meu pai, né, biológico, com outra família.

Tá. E Antes da senhora vir pra cá, a senhora estudou?

Sim, estudei quando eu era criança, né. Assim, mais ou menos a idade eu não lembro bem, mas acho que deveria ser dos sete, oito anos, por aí. Morava num sítio, né, e estudei num, eu saía do sítio, e ia estudar numa fazenda que se chamava “Santa Olímpia”, né? Aí foi lá que estudei [risos].

E como era o nome do sítio que a senhora morava?

Eu morei primeiro no sítio Meireles, né, município de Cambará, no Paraná.

Aí a senhora saía desse sitio e ia pra fazenda?

Ia pra fazenda. Fazia uma caminhada boa, viu? [risos]

É?

Era muito bom! Fazia uma caminhada bem, bem assim, bem... andava bastante. Ia eu e umas três ou quatro meninas, né? A gente ia caminhando, passava pelo meio da roça, depois a gente pegava um pedaço da fazenda, ia caminhando, caminhando até... outra hora a gente brincava no meio do caminho [risos], e brincava muito, aprontava bastante também, né. Quando via os boi, as vaca, muitas vezes a gente tomava “uns carrerão” dela [risos] - aí mas era gostoso! – e a gente se escondia, esperava as vacas se afastar e a gente consegui... e continuava a nossa caminhada, até chegar na escola.

E quanto tempo levava essa caminhada? A senhora lembra?

Ah, creio que a caminhada era longe, não era perto não! Era como daqui de onde nós estamos até, mais ou menos, o centro de Guarulhos.

É bem longe?

É bem longe! Era a única escola que tinha, né? Então, a gente caminhava bastante! Mas era gostoso! [risos]

Valia a pena a caminhadinha...

Valia, valia! A gente se divertia bastante.

E as suas coleguinhas, elas ia com a senhora sempre. A senhora estava sempre acompanhada...

Sempre, sempre a gente ia junto. Tinha uma que era mais, assim, era mais chegada, né? Então, assim, eu e ela a gente não se largava, então [risos]. Essa [?] se chamava Fátima, né, Maria de Fátima, e aí a gente sempre ia juntos, então era todo dia mesmo: sempre ia com as outra turminha, mas a gente, nós duas que ficava mais próximo, né, pra caminhada [risos].

E fala um pouco como era essa escola?

Ah, então... a escola era ficava, assim, bem no meio da fazenda, né, ficava bem no meio da fazenda. Era uma sala bem grandona, que eu me lembro que era ela bem grandona, e tinha bastante crianças, lá, né, tinha bastante. Era assim, sabe, era gostoso. Minha professora chamava Raquel, né, muito brava [risos], né, igual, as professora de hoje que mudou bastante, né? E... mas foi bom, porque era ela rigorosa, mas era o tempo daquele tempo que era assim mesmo, né? Mas ela era brava! Eu tinha até medo da professora [risos]. É... mas era.. mas aprendi a ler, escrever tudo com ela, né? Aí foi a época que tive oportunidade de estudar, né?

Aí eu era tão nervosa, que eu fazia as coisas, mas quando chegava a hora da prova, né, exame final, aí eu ficava apavorada, ficava apavorada e quem disse que eu consegui a fazer alguma coisa?

Nossa...

[risos] Eu chorava, que nem o sei o quê, de medo, né? [risos] mas é coisa, né, de criança, né?

A senhora lembra com quantos anos entrou na escola?

Ah, então, que eu to falando, tinha mais ou menos uns sete anos, oito, por aí, não lembro

bem, né, mas foi nessa época.

E a senhora lembra as séries que a senhora cursou?

Então, eu estudei a primeira série, comecei do zero, né, primeira série, só que daí eu fui pra primeira e segunda, só que daí eu não saia da segunda. Mesmo sabendo, não era igual agora, que eu ficava nervosa, não fazia nada, aí eu repetia de ano. Eu fiquei repetindo de ano, cinco ano repetindo de ano, acredita? Sabendo, mas eu não conseguia fazer, porque eu ficava muito nervosa.

E era com a professora Raquel também...

Era a professora Raquel, ela ficava na frente, e vinha duas, não sei se era diretora, não me lembro o que que elas eram, porque eu era criança. Sei que ficava uma caminhando pro lado, no meio da sala, e a outra, né, nas filas assim olhando os alunos, né? Caminhando e olhando os alunos, E aquilo dava um pavor, que ficava nervosa, aí eu não conseguia fazer nada.

Mas como era no dia-a-dia? Assim, a senhora não conseguia fazer a prova final, né, mas a senhora conseguia fazer os exercícios?

No dia-a-dia eu fazia, conseguia fazer tudo, no dia-a-dia: [risos] fazia tudo no dia-a-dia.

E como era esse dia-a-dia. A senhora lembra o que a professora ensinava, como era o jeito que ela ensinava...

Ah, ela ensinava bem, assim: passava lição, né, explicava pra gente, a gente tinha que prestar muita atenção, não podia dá nem um piosinho, né - não podia abrir a boca não! – e a gente pegava bem, né? Se aprontava alguma coisa, né [risos]

Era o castigo...

Era o castiginho [risos].

E como é que era esses castigos?

Ah, era uns castigo pesado, viu?! Ela era... é agora não pode fazer isso, né? Ela colocava, por exemplo, se ela mandasse, se a gente desse um vacilo, assim, dava uma conversadinha ou não prestasse atenção, né, ficasse distraído, aí ela chamava atenção. Se a gente pegasse a gente novamente, ela já chamava pro castigo. Uma vez, uma hora ela colocava a gente de castigo de joelho, lá na frente perto da porta; punhava os grãozinho de feijão ou de milho, né, as vezes ela levava até campinha de garrafa...

Aí...

... e a gente ficava lá, ajoelhado! Verdade [risos]... o joelho doía, doía! O castigo era assim: era grão de milho, né, tampinha de garrafa, coisinha de feijão... e aquilo grudava no joelho, né, e doía então a gente ficava... por isso que eu tinha medo...

Chegava a machucar?

Ah, ficava sinal, ficava um vergão. É, então a gente ficava apavorado, e tinha uns que não tinha tanto medo, eu já tinha mais, eu era uma [risos].

A senhora tomava muito castigo?

Ah, até que não muito porque eu tinha mais, né, ficava mais assim... num pegava muito não porque eu evitava, né, eu já ficava mais assim, eu também acho que, castigo que eu me lembro, assim, acho que foi umas duas vezes, duas ou três vezes, agora, reguada, assim, em cima da mesa, que ela dava, né? Ela tinha uma régua bem grande, de madeira, e ela lascava a régua; quando ela batia a régua na mesa chego a gente fazia assim, se assustava de medo [risos]. É assim, mas é... o castigo que eu levei foi de duas, três vezes: puxãozinho de orelha, né, puxãozinho de orelha eu levei bastante. [risos]

E por que dos puxõeszinhos de orelha?

Então, por causa que as vezes eu, sabe quando é criança, né, não prestava atenção ou pedia alguma coisa pro coleginha, ou pedia uma borracha ou pedia um lápis, né, aí pronto! Já era motivo pra ela ir lá e dá um puxãozinho [risos]. Era assim!

E no geral ela aplicava muito castigo pra turma ou tinha alguém, assim, que ela...

Não, era geral. Ela não tinha preferência, não tinha assim marcação com aluno não, era geral. Ela já, o jeito dela era assim mesmo. Era com todo mundo, ela não escolhia a pessoa não. Depende, aí a gente, né, quem era mais levado era que levava mais castigo [risos]. É, ai-ai, aí foi, né, tem uns [?], mas foi bom, né, foi gostoso!

E...bem, essa escola era dentro de uma fazenda, né?

Isso.

Então era só uma única sala onde todo mundo entrava e assistia aula e ia embora. E como era a relação dos pais da senhora e os pais dos alunos com essa escola. Eles iam, tinha reunião de pais?

Aí, que eu me lembro não tinha reunião não! Não sei se é porque eles não tinham tempo, né, o pessoal [?] trabalhava na roça. Nunca me lembro de reunião não. E assim de dizer: "ah, tem reunião, né?" – mandava assim alguma escrita, né, mas, não tinha reunião não.

E como é que os pais da senhora sabia, por exemplo, se a senhora repetia ou passou, ficou de castigo. Eles ficavam sabendo disso?

Ficavam, por que eles, ela mandava bilhete, né, tinha que comunicar através de bilhete, mas eles mesmo, em reunião, assim, que eu me lembro, não, né.. No fim do ano, fim do ano é... eu não me lembro mesmo de reunião, entendeu?

Não, tudo bem, se a senhora não lembra pode ficar tranqüila...mas... é... como os pais da senhora reagia , quando sabia, quando ficava sabendo que a senhora não passou de ano?

Eles ficavam muito bravo! Ficava bravo comigo, ficava bravo, bravo, bravo, aí, eu também, aí eu também [?] tomava castigo, também, né [risos]. Mas é porque eu tinha medo, né, e ia explicar? Agora é... então, aquele negócio que eu tinha, eu não conseguia fazer, porque eu ia fazer, me dava eu... - sabe quando você paralisa? - não tinha ação pra fazer nada, porque eu ficava nervosa, porque eu via aquelas três mulheres olhando, né,

andando no meio da sala, eu entrava em pânico, né, eu ficava que... simplesmente não fazia nada, parava [risos]

E essas mulheres, elas estavam todos os dias na sala com você?

Não é só na época de prova, quando a professora ia aplicar prova, elas ficava lá, pra lá e pra cá, e pronto...

Mas a senhora sabe dizer se elas eram, assim, contratadas da escola, se elas eram professoras ou se elas eram, por exemplo, diretoras ou do administrativo...

Eu creio que elas vinham da cidade. Eu creio que era diretora, alguma coisa assim, era que tinha autoridade pra ta ali, entendeu? Vinha da... eu sei que elas vinham da cidade, que era na roça, elas vinham de Cambará.

E a senhora tomava castigo em casa também?

Tomava, tomava. Aí, no fim das contas e... cinco anos, não passa de ano, vai sair da escola! Aí sai da escola, aí, fiquei, aí pronto, aí parei, porque não passava de ano.

E como foi essa decisão: a senhora decidiu parar ou os pais da senhora pediu pra parar?

Foi eles que me tiraram da escola, né, porque eles dizia que não adiantava fica na escola, só indo, só indo e não passava de ano, entendeu?

Mas a senhora conversava com ele, falava o motivo porque que a senhora repetiu ou não, só chegava, falava e mostrava o... tinha boletim essa escola? Um boletim onde tinham as notas...

Não, não, não tinha não.

E como é que eles sabiam que a senhora reprovou?

Ah, então, aí [?] falava que tinha reprovado.

A senhora mesmo dava notícia...

É, é... que eu reprovei. Então, aí, daí, foi assim. Daí todo ano fazia matrícula, começava de novo e nada, entendeu?

Mas assim... os pais da senhora... a senhora falava com os seus pais: “olha, eu não passei, eu tenho medo da professora, a professora ela é brava” ou a senhora falava “reprovei” e já vinha o castigo?

Não, eu não falava porque os meus pais também eram bravo [risos].

Era todo mundo bravo nessa história...

É, todo mundo bravo... aí eu ficava com medo, né, que eles falavam o que a professora fazia, falava, fizesse a gente tinha que... se a gente não passasse era a gente que era, né... não tinha esse negócio de... não tinha justificativa pra isso. Então, eu nem falava que eu tinha medo de falar o porque que eu não passava de ano. Então eu era uma medrosa... [risos]. Né? Foi isso que aconteceu.

Mas eu aprendi bastante, só que eu aprendi muito, né? Aprendi bastante a ler, escrever fazer as... que nem aprendi as quatro operações, né, com essa professora, né? Eu aprendi bastante a ler, escrever tudo com ela que... as pessoas... eu vejo as crianças de hoje que tá na quarta série e não sabe fazer nada, né! Do que eu aprendi lá não sabe, tem muitas crianças assim.

E... Fala um pouquinho mais do que a senhora aprendeu, do que a senhora gostava mais de fazer na escola, se tinha alguma lição que a senhora gostava de fazer, um horário, assim, específico, numa matéria...

Ah, sobre a matéria?

É...

Ah eu gostava, sempre gostei mais da matemática, né? Português não gostava muito não, gostava mais quando vinha matemática, né, eu gostava bem.

E como é que funcionava isso, a professora... vocês... tinha horário... a aula de você era

em que período?

Aí agora, agora você me pegou, viu... Eu acho que era na parte da manhã...

De manhã...

É... a gente... é que faz tanto tempo, né? [risos] faz muito tempo... olha, pra você vê... é faz tempo que eu... eu to com cinqüenta e cinco anos [risos]. Eu sei que tinha... eu acho que foi na parte da manhã, sim, porque... na parte da manhã... faz... é, na parte da manhã, porque a gente , tinha vez que a gente almoçava, né, e a gente, na época, tinha que levar uma... cada um levava uma marmitinha, sabe, a gente levava marmitinha, aí, comia, depois é... ainda eles faziam um, mandava cada aluno, cada dia ia duas criança preparar um leite, que era uma delícia, né?. [risos] Aí a gente ia preparar esse leite e era leite em pó. Eita quando chegava a minha vê, que delícia! [risos]

A senhora gostava de preparar o leite...

Gostava porque a gente pegava aqueles 'tufão' de leite ninho e já viu quando criança, né?... colocava na boca e comia, me encharcava toda [risos].. [?] muito bom! Então, aí, eu acho assim, que tinha a hora da gente brincar também,né? Tinha um intervalo que dava pra gente fazer isso aí. Eu sei que tinha duas vezes, aí a gente brincava de, como fala? De... coisa de brincadeira de menina, né? De roda, pega-pega e lá como tinha espaço que só, né? [risos]

Tinha o momento de comer e tinha o momento de brincar...

Isso, o momento de brincar e o momento de estudar [risos].

E em relação ao material, como é que era assim, você tinha o que de material pra estudar?

É, eles davam o material: eles davam um caderno, era caderno, lápis, que a gente usava, né, caderno, lápis e borracha, na época, né? Lápis de cor, essas coisinhas tudo eles davam. Só que o material era bem inferior, viu? Você, no caderno, você não podia afirmar muito o lápis que senão furava a folha [risos]. É, mas tinha, eles davam.

Aí como era: eles davam todo começo de ano ou você ganhava o material e tinha que ficar um tempo com ele?

É todo no início de um ano. Aí quando acabava, a gente via que tava assim, pedia e dava de novo. Mas tinha que acabar primeiro pra depois dá, entendeu?

E... é... deixa eu ver aqui...E como é que era assim essas duas pessoas que, que iam lá pra ajudar a professoro aplicar a prova? Elas só iam naquele momento e depois o resto do ano só a professora ficavam com vocês?

E no final do ano também. É, no final do ano também.

Então era em dois momentos?

Isso: na hora da prova e no final do... pra ver quem ficava e quem ia, quem passava de ano, né?

E tinha recuperação? Pra que, por exemplo, tinha tirado nota baixa ou não já reprovava direto?

Não, já reprovava direto, era direto.

Era difícil, né?

Era, era difícil. Né igual... mudou muito, né? Só também, só que eu acho que era ... eles 'puxavam' bem, né? Na primeira série, você só saia da primeira série se soubesse bem ler, escrever e fazer as quatro operações, que né... as continhas tinham que saber, as quatro contas tinha que saber e tinha que saber ler e escrever, tinha que ler bem! Não é só mais ou menos não, entendeu?

E como era a relação com a professora? Ela conversava com a senhora, falava "olha, a senhora, dona N., a senhora sabe isso não sabe aquilo pra... tem que melhorar assim, melhorar assado pra passar de ano"... tinha isso?

Não, tinha não. A professora não tinha muito papo não. [risos] Ela explicava e se... ela não

falava pra ficar calma, ficava isso aqui não. Então ela passava jeito, assim, de brava né? Então por isso que dava pânico, né? Ela num tinha muito diálogo não.

E ela era da fazenda, a professora? Ela morava...

Você sabe que eu nem sei se da onde essa professora era...sei que ela... não sei se ela era da cidade , devia ser da cidade, né, que ela dá... até que o tempo , né? E hoje em dia nem mais tem mais essa escola mais no interior, nas fazendas, entendeu?

E, por exemplo, e as outras crianças que passavam de ano, como é que... a senhora lembra?

Então, [?] essa parte eu não lembro, entendeu, não lembro, se ia pra outra escola, acho que tinha outra escola, noutros sítios, né, então eu sei que tinha que passar pra ir pra outra fase, que, né...que ia pra outro lugar mais distante ainda. Então ficava tudo difícil. Eu não cheguei chegar ir pra lá não. [risos] Porque só tinha uma sala, né, só tinha uma sala.

A senhora lembra quantos alunos tinham mais ou menos na sala?

É, não tinha muita criança não, viu, muita não. Porque só vinha da fazenda, né, e dos sítios, assim, que não tinha muita gente, né, então não tinha muita, muita gente não.

E a senhora tinha uniforme?

Não. Era roupa mesmo que a gente ia, normal.

Livros a senhora não usava na escola?

Usei aquela cartilha *Caminho Sares* [risos]. É, assim, usei a cartilha *Caminho Soares*.

E a professora era que dava as cartilhas pra vocês?

É, eles que davam.

E vocês podiam levar pra casa? Tinha lição de casa?

Podia. Tinha lição de casa sim.

E como era esse momento de fazer a lição de casa?

É, em casa eu fazia bem, eu fazia bem a lição, conseguia fazer tudo. Era dificilmente eu não consegui fazer, só que eu não tinha aquele diálogo de falar o que eu, né, as dificuldades, né, quando os... seu eu soubesse, bem, eu fazia, né, mas se eu não soubesse ficava até que eu aprendia, mas eu não falava muito com ela porque nem com meus pais porque eu tinha medo, era medrosa [risos].

E a senhora trabalha quando era criança?

É, trabalhava em casa.

A senhora era do sítio, mas a senhora não trabalhava na roça?

Não, na roça não. Mas tinha que fazer o serviço da casa, né, tinha que... que eu me lembro que a gente não tinha boa vida, assim, de ficar só brincando não! A gente estudava, aí tinha que fazer o serviço, assim: lavar a louça, limpar a casa, né, limpava a casa... era... a casa tinha, deixa eu ver, era grande a casa, tinha dois quartos, tinha sala; tinha duas casa, tinha cozinha, tinha lavanderia, lavanderia não, chamava área, né, lá não fala lavanderia, área, assim, na sala, chegava na sala. Então, a casa era grande, então ficava fazendo fazia, né, a faxina, do jeito que dava pra mim fazer. Minha mãe fazia comida, e ela levantava bem cedinho pra ir trabalhar, os dois levantavam pra ir trabalhar, né, aí, então, aí, acho que era umas quatro, cinco, quatro e pouca da manhã que eles acordava, e já iam cedo pra trabalhar, né, porque na roça o dia amanhece cedo [risos].

Clareou o trabalho começa...

É bem cedinho!

Então, né... [?] só o final de semana pra brincar, entendeu, de final de semana não! Dia de domingo a gente brincava, tinha o domingo pra brincar, mas também era o domingo todinho só pra brincar, não fazia nada.

Não fazia lição também?

Não, não, só brincava. [risos]

E como era a relação da senhora na sala de aula com os seus coleginhas de sala de aula?

Ah, a gente tinha, a gente vivia bem, a gente não brigava, a gente era bem amigos um dos outros, né, sempre tava ajudando o outro, né? Era gostoso. [risos] Ai você começa lembrar, aí começa a me dá saudade [choro]. É, dá sim, né? [risos] Ai-ai... É foi bom, foi bom sim.

Tinha duas amigas que eu gostava muito - essa Fátima -... três: a Fátima, a Albina e a Maria. Nossa, era muito bom! (Deixa eu pegar aqui que eu to aqui já [?])

Tudo bem... fica a vontade,s e a senhora quiser a gente pode pausar um pouquinho pra senhora lavar o rosto, que bebe... enxugar...

Não, não já melhorou.

Ta bom...

[risos]

Que dizer se sabe, se lembra o passado, assim, lá adiante, lá adiante você revive tudo de novo, né? [risos] Já foi bom... Amigos igual a antigamente, hoje em dia a gente não encontra mais, né? Hoje em dia ta difícil pra você ter amigos, né? Então, daquele tempo lá, era amigo de verdade mesmo: quando você arrumava um amigo, você sabia que com aquele você podia contar, né, pra o que desse e viesse, agora hoje ta difícil [risos], ta difícil hoje.

E como era na sala de aula com seus amiguinhos, assim, eles tinham a mesma dificuldade que a senhora, esse medo que a senhora tinha da professora, eles também tinham?

Ah, era bem... era quase que geral, viu? É porque ela era... passava, ela passava medo pra gente, entendeu? Então era bem que ... todo, quase todas as pessoas tinha medo

dela [risos], então era muita, assim, que tinha medo, né, então era bem pouca que não tinha... tem uns que não tem medo, né, mas a maioria tinha medo...

Tinha medo...

A maioria, não era só eu não.

E bastante gente repetia de ano?

Muita gente, muita gente que ficou na mesma situação minha. Se não fosse o medo, eu teria estudado, né, passado da primeira, pra segunda, né, pra terceira, eu tinha ido pra frente, né? E o medo não fez eu ir pra frente...

Ah, ta... e... bem... por conta da professora ser muito brava, então...

Atrapalhou...

Atrapalhou?

Atrapalhou muito, muito. Atrapalhou muito mesmo, nossa atrapalhou - óh meu Deus como a professora era tão brava daquele jeito? Não sei porque... acho que ela não tinha paciência... sei lá que ela, né... acho que ela não tinha paciência, eu nunca vi uma professora tão brava igual aquela [risos]. Aiai... ela passava muito medo, né?

Nossa... Ela passava mais medo pra senhora do que ensinamento...

Do que ensinamento, mais medo mesmo. Aí ia pra escola, assim, eu gostava das meninas, das brincadeiras, mas eu tinha medo, não tinha muita vontade de ir pra escola não, tinha medo dela, né, então quando não tinha aula eu achava era bom! [risos]

A senhora faltava bastante?

Não, não faltava porque não podia faltar, né, não podia faltar e também tinha que ir pra escola mesmo. Não tinha dessa de dizer que não vou pra escola e ir pra outro lugar, porque senão o bicho pegava [risos], tinha que ir pra escola. Então só faltava quando não

dava mesmo, tava doente, né, aparecia, tinha algum problema, aí a gente não ia. Lá na escola a gente tomava aquelas vacinas, sabe? Vacina de... Hoje em dia eu não me lembro mais de... dava uma de revolvinho, sabe? Trocava a agulhinha sim e 'poc', tipo de um... era um revolver mesmo... aí meu Deus do céu...

Doía?

[risos] Só sentia a picadinha, né? 'tuc' [risos], mas não doía não, mas dava medo também [risos]. Eu tinha medo, eu era muito medrosa... sabe quando você tem um medo que te atrapalha mesmo... aquelas pessoas que tem muito medo? Nessa época eu tinha, eu era muito medrosa, eu tinha medo de tudo, não era só da professora: tinha medo da professora, eu tinha medo de todas as coisas, de muitas coisas, né, então isso que atrapalhou, foi o medo, né [risos]

Ai a senhora comentou agora que tinha vacina, tina mais coisas assim? Vinha médico na escola, tinha festa, como é que era?

É que eu me lembro bem era dessa época que tinha um, né, os pessoal lá de branco lá pra dá... esses médico passava, fazia exame, assim, e vinha, assim, essas pessoas pra dar vacina na gente, né, sempre tinha época de tomar vacina... tudo na escola.

Tudo na escola...

É...

Então na verdade o que atrapalhou foi o medo. Eu não sei se... talvez nem foi assim a ... como se diz... a professora em si, é que eu era... sabe quando a criança é muito medrosa? Tinha medo de tudo, então eu acho que eu olhava pra ela e não sei o que eu via nela, assim, eu ficava com medo.

Mas a senhora tinha medo dela sempre ou em determinada siutações?

Tinha situações que eu tinha mais medo.

Quais situações?

Era assim, tipo assim, não podia olhar pro lado que eu já achava que ela ia brigar comigo [risos]; se eu fosse pegar um... pedir alguma coisa eu já sentia medo de pedir porque eu

já sabia que ela ia brigar – e ela não deixava passar nada não - ela via mesmo, entendeu, aí eu ficava que nem...e era comigo e era com as outras pessoas, com todas as crianças, né, então, a gente ficava naquele, tipo, aquele medo porque se desse qualquer vacilo, não podia falar, não podia andar, não podia...óh... pra ter uma base: não podia pedir pra ir no banheiro...

Não podia?

Não podia pedir pra ir no banheiro! Era, assim, se você precisasse com vontade de ir no banheiro você tinha que se segurar, até dá a hora de você é... ter o intervalo pra você conseguir ir. Na hora de tava na escola, de tá na classe estudando, não podia sair não, não podia pedir para ir ao banheiro não, ela não deixava! Ela falava que não.

Mas ninguém se atrevia a perguntar porquê?...

Não.

Era não e voltava pro lugar...

Não e não e tinha que ficar, tinha que se segurar o máximo, tinha que se segurar, até chegar a hora que dava pra ir, na hora do intervalo. Ela não deixava mesmo! Não tinha... [risos], não tinha dessa não.

Nossa era bem...

Era bem rígida...

Era bem rígida...

É, rígida mesmo!

E na sala de aula ela ficava o tempo todo com vocês? E no intervalo também ou não?

Não, no intervalo a gente ficava a vontade, ficava a vontade, ficava brincando a vontade.
[risos]

Era a parte mais gostosa...

Era a parte boa [risos], era a parte melhor que tinha, né?

E como era essa sala de aula? A senhora lembra? A senhora comentou que ela era grande...

É, ela era grande. Eu lembro que ela era grande, assim, bem...eu creio desse tamanho ou maior, [?] assim, né, a porta, janelas, né, então ela era, que eu lembro assim tinha janela e uma porta, uma chave com a porta e os vitrôs.

E as carteiras eram parecidas como as das salas de aula de hoje?

Não, diferente, era diferente. Na época era uma carteira... na época a gente tinha que sentar em duas pessoas, nós sentava em duas e não podia olhar nada do outro... e sentava em duas, assim, sentava, né... interessante, né? Uma fila de duas pessoas... tava duas aqui, tava duas ali, mas eram juntas, não era igual agora.

Aí na hora da prova... como é que fazia?

Não, mas você podia estudar aqui, mas nem podia imaginar de olhar pro lado, né? [risos] Por isso que acho que ela era brava, que não podia se, por exemplo, você tá aqui e olhar pro lado, se ela percebesse que você tava olhando pro lado, já era castigo! Não era puxão de orelha [risos], era... entendeu, tinha que fazer sua lição, assim, sem olhar pros lados, mas era... eu achava estranho... se quisesse dava pra olhar, mas a gente não podia fazer assim, de jeito nenhum, nem olhar assim de lado, nem virar o rosto, nem nada. [risos]

E aí ela chegava na sala, passava..., como é que era isso? Ela passava lição na lousa...

Passava lição na lousa e a gente tinha que copiar, né, copiava... é só na lousa que ela passava, olhava, ia corrigir os cadernos, né, os cadernos ela corrigia de todo mundo e ela falava: - "E aí tudo acertava...você faz tudo bem, na prova você não consegue", né? Na era, assim, quando não repetia: - "N., por que você não fez a prova? Por que você não fez?" e eu parava [?], estacionava, mas eu não falava pra ela porque, que eu tinha medo dela, que eu tinha medo de falar que eu tinha medo dela [risos]...

Mas ela perguntava pra senhora...

É, é, mas eu tinha medo de falar porque eu tinha medo dela, porque também se falasse acho que podia ser pior, né, [risos], aí ficava nessa, aí, ficava quieta.

E como era a prova, a senhora lembra?

Aí num...eu sei que ela passava... aí meu Deus, como é que é?!... passava a prova pra gente, mesmo já escrito e a gente tinha que fazer a prova, dá o resultado ali, só naquela, entendeu, na folha, fazer o que a gente tinha aprendido na folha. Já vinha a prova pra gente [?], né, mostrando o que a gente tinha que fazer, na folha mesmo de prova.

Mesmo com todo esse medo a senhora gostava de ir pra escola?

Gostava, gostava. Eu queria era passar de ano, né, mas não conseguia [risos], mas gostava. Ainda até quando não deu mais pra ir, até fiquei, né... nossa, agora não dá pra ir mais... fazer o que, né? Mas eu gostava.

A senhora lembra de quando foi esse momento?

Aí, eu creio que foi mais ou menos, que vê oh... acho que eu tinha uns doze anos, né, doze anos que eu parei. Esse momento foi esse aí.

Os pais da senhora foi conversar, nesse momento eles falaram com a senhora?

Foi, que eu tinha que sair porque não adiantava nada eu ir pra escola porque eu não passava de ano mesmo, me chamavam de burra, né [risos]: - “você não aprende nada, você não quer estudar...”, então aí, ne, aí ficava assim...

Como é que, como a senhora se sentiu?

Ah eu me sentia muito mal, né, eu me sentia mal demias, que eu via as pessoas estudar, passava de ano e eu não conseguia passar de ano, não conseguia fazer a prova. Aí eu ficava, me sentia muito mal, assim, né, aí fazer o que, né, não dava pra conseguir continuar [risos]. [?] essa parte era ruim, né, porque eu via algumas pessoas, amigas

minhas, né, de outras escolas passando... quem morava... tinha conhecido, parente que morava na cidade, na cidade era diferente, né, as professoras era diferente, né, e também as meninas já tinham outro jeito, né, acho que não tinha aquele medo igual eu, e a professora era diferente, então elas passavam de ano, né? Era diferente da escola da roça. Aí não dava pra ir pra cidade porque era longe, não tinha como ir pra cidade, então tinha que ficar lá mesmo. Aí quando eu fui pra cidade, e aí já não dava mais e tinha que trabalhar, é fazia alguma coisa pra me sustentar, aí, não deu mais.

A senhora morava no interior e foi pra uma cidade lá é...no Paraná, né? Ou a senhora veio pra São Paulo, como é que foi?

É, eu morava, eu morava em Cambará, Paraná, quer dizer o município... morava em Cambará não, morava em Cornélio Procópio que era um sítio, e fazia município de Cambará, na cidade de Cambará, entendeu. Aí eu morei nesse sítio depois eu fui pra sítio do Cocoralzinho, também.

Que é na região de Cambará?

Que é também na mesma região, o sitio só fica... só muda de um sítio pro outro, mas a escola que eu frequentava era a mesma. Então, fazia... eu fiquei um tempo morando em, como fala, no sítio Meireles e depois eu fui por sítio Cocoralzinho, mas a escola era a mesma.

Era... quando a senhora mudou de sítio, era mais fácil de ir pra escola ou não era a mesma distancia?

Era mais longe ainda, era mais longe ainda, caminhava mais do que não sei o que. Era bem mais longe, aí já era outro... aí era mais difícil. Depois acabou a escola, que eu nem lembro porque, né, mas era bem longe. [risos]

Tem mais alguma coisa que a senhora se lembra e quer me contar...

Sobre a escola?

É, que envolva a escola, a vida da senhora com a escola... (39')

É, eu acho que... eu só lembro que eu saia da minha casa ia pro meio da roça, ia até a escola, no meio da roça, a gente ia eu e as meninas, a gente ia brincando, correndo, cantando, [risos] aprontando, porque eu também era danadinha, né, [risos] e bem levadinha – acho que todas as criança, né... A gente aprontava bastante, aí, era o que só lembro, acho que é da fazenda porque era bem enorme, né, a gente tinha que passar pelo meio da fazenda, né, até chegar na escola, e nesse meio do caminho a gente pegava, as vezes, alguma fruta, a gente pegava, né; quando não via cobra no meio do caminho, aí a gente saia correndo... tinha o cafezal, sabe? ... a gente corria... nossa, era... Você já ouviu falar em Ingá?

Não...

Não?

O que é?

Ingá, é uma fruta que agora não tem nem mais, não existe mais. Seu eu contar, assim, você vai falar que é mentira...não é mentira, é verdade. As vagem dela era desse tamanho, pé de arvore, assim, bem grande, sabe, pé de arvore bem grandona, então essa fruta se chama Ingá – e tem do Ingá pequeno e da grande - , esse era de um pé de Ingá grande, e era aquela vagem cumpridona assim, sabe, quando ela amadurecia ela ficava bem amarelinha, da cor desse coisinha assim, sabe... dentro era uma frutinha branca, sabe, igual a um grão de feijão, sabe, só que grande e bem grosso, uma delícia! Docinho... a gente pegava, nossa era muito bom!... Tinha água, né, mina de água, no meio do caminho, a gente tomava água, tinha muita fruta que a gente pegava, era muito gostoso [risos] era bom, porque tinha muita fartura, muitas das coisas todas... nossa, foi uma época muito boa. Você quer saber a época melhor da minha vida foi a época de criança! Com todo medo, que eu tinha medo, assim, mas essa era época mais gostosa, que brincava muito, né, trabalhava, mas brincava muito, estudava, brincava, e era muito gostoso e tinha muito lugar pra gente passear, né, era muito bom! [risos]

E assim, o que a senhora mais gostava de fazer na escola ou o que envolvesse a escola, não necessariamente dentro da escola? O que a senhora mais gostava?

Aí, eu gostava muito... que eu mais gostava mesmo?...aí, agora fica difícil que eu gostava... que eu gostava de tá lá na escola, eu gostava de aprender, queria aprender, né, então eu gostava de ir pra escola, eu gostava da parte da... mesmo com medo, eu gostava de aprender a escrever e ler, eu queria mais, né, tanto que por isso eu aprendi bastante com a... eu gostava de aprender. Acho que só a parte melhor, assim, era a da brincadeira também, né, na hora da brincadeira era muito bom também [risos]... então [?]era tudo bom!

Então era tudo bom... ir pra escola era algo bom...

Era, era... mesmo medo eu num... eu gostava de ir, achava bom. A gente se divertia também, né, só tinha aquele momento de medo, aí saía dali e também não tinha mais... eu não guardava aquilo pra mim não, já passava, é só aquele momento, sabe, aí depois passava.

O momento do medo era, era no momento da prova?

Isso, mais perto da prova, deu não consegui ... de não acertar, né, e era bobeira minha, né, eu ia acertar... mas só na prova que eu tinha pânico de fazer a prova, tinha um medo, estacionava.

E assim, a senhora recebia a prova e não fazia nada, assim, não escrevia na prova nada?

Aí, eu fazia bem pouco, bem pouco, então fazia bem-dizer nada.

E a senhora falou que a professora vinha falar com a senhora, mas era no momento da prova ou depois?

Depois.

Depois quando ela te dava a prova corrigida...

É, depois, depois da prova já, aí eu ficava quieta, não falava nada, que era [?] [risos]

Mas no dia-a-dia a senhora conseguia...

Conseguia! Fazia, no dia-a-dia eu fazia tudo, só era mesmo na hora da prova, que dava aquele bloqueio e se eu fosse fazer eu esquecia tudo e não conseguia fazer e ficava apavorada, aí eu deixava, né que eu... sabia, mas na hora eu não conseguia, entendeu, dava um medo que não tinha jeito [risos].

E na escola a senhora aprendia português e matemática...

Português e matemática, só português e matemática.

Não tinha outra matéria...

Não, só português e matemática mesmo, mas era assim bem, bem... ela ensinava bem mesmo, ela puxava mesmo, entendeu, ela queria que a gente, né... ela ensinava e ensinava mesmo, não tinha dó de ensinar.

Continuação da entrevista da aluna N.. Ela vai contar uma história pra gente

Então, na escola, teve um dia, né, que a minha professora, a gente não podia pedir pra ir no banheiro, de jeito nenhum! Ela não deixava mesmo! E nesse dia eu tava muito apertada, tava muito apertada, não teve como segurar, aí eu tive que fazer o que eu tive que fazer alia mesmo, aí, fui obrigada, né, a fazer o que tinha que fazer, aí a professora veio, aí ela percebeu que eu tinha feito algo, aí ela veio até ficou com dó de mim, no momento, né, e falou que: - "oh N., porque você não pediu pra mim?", aí eu falei: - "oh professora, mas a senhora não ia deixar eu sair mesmo", aí ela me ajudou, né... de medo, dela não deixar de eu ir no banheiro, eu fui obrigada fazer o que... não consegui segurar não e fiz o que tinha que fazer.

E depois desse acontecido, ela passou deixar os alunos ir no banheiro ou ela continuou a proibir?

Não, daí ela já deixou, aí ela já falou pra mim que quando eu tivesse vontade de usar o banheiro que eu pedisse pra ela, aí ela parou de ter aquela atitude de não ter que deixar a gente ir no banheiro, aí ela mudou o jeito dela, ela ficou ... eu senti que ela ficou com dó, ela também me ajudou, né? [risos]

E quando a senhora voltou pra casa, a senhora contou isso pros seus pais?

Então, na época eu contei, contei, aí falou, né, aí eu falei fiz, né, porque tinha que fazer, né, num agüentei segurar... eles não brigaram comigo não, aí falei o que tinha acontecido que ela me ajudou também e eles não acharam ruim comigo não, aí eu falei até que que ela disse que quando tivesse querendo usar o banheiro que pedisse que ela ia deixar, né.

Mas eles não foram lá reclamar com a professora, achar que ela foi rígida... coisas assim, eles concordavam com as atitudes dela?

Não, não, concordar acho que não, mas acho que era o tempo que eles não tinha, né, de sair do serviço deles, que era na roça, né, pra ir pra escola, então, só que não aconteceu mais não, né, aí ficou assim mesmo.

Mas em relação aos castigos e o jeito que ela tratava os alunos eles achavam quer a correto...

Correto, achavam que era correto, que teria que ser assim, aí mudaram, depois dessa... desse, né... e falou que eu tinha que pedir pra ela pra, quando eu tivesse querendo saído, né, pra usar o banheiro, assim, não fosse pra pra fazer nada de errado que era pra mim pedir sim. Aí nessa atitude eles não mudaram, não.

Mas em relação aos castigos eles não mudou, continuou a mesma coisa...

Não, continuou a mesma coisa [risos], mas melhorou porque ela ensina naquela parte, né, mas melhorou aí foi eu e as outras crianças que também já ficou livre pra ir ao banheiro.

Aconteceu isso com algum outro aluno, dona N., ou só aconteceu com a senhora?

Não, só foi comigo [risos], infelizmente só foi comigo, né, porque coitado dos outros, né, também não queria que acontecesse com outros não, foi só comigo, mas foi bravo o negocio, né? [risos] complicado...

E os seus amiguinhos eram os mesmo... Moravam todos no mesmo sítio?

Não, só tinha umas duas pessoas: um menino e outra menina que era o João e a Maria de Fátima, entendeu?

Que a senhora ia com eles pra escola...

É, eu chamava ela de Fatinha [risos], a gente chamava ela de Fatinha, chamava Maria de Fátima, mas era Fatinha [risos].

Anexo V

Transcrição

Entrevista realizada 06/06/2011, nas dependências da Escola Pública de Guarulhos Da Emilia, com a aluna E. F. S., pertencente ao Ciclo III, correspondendo as séries finais do Ensino Fundamental II.

Bem, E., eu gostaria que a senhora se apresentasse: falasse nome, idade...

Meu nome é E., tenho trinta e nove anos...

Eu tive uma infância, assim, nem boa e nem ruim, porque eu tinha muitos irmãos, eu sou entre treze irmãos, e eu precisava ficar com eles para minha mãe trabalhar, pra sustentar nós, Então, eu não tive muita oportunidade de estudar – não nego que era louca pra estudar – chorava, minha mãe me batia, [?] mas talvez esse não tenha sido [?] o motivo de eu não ir até a escola, porque onde eu morava era um lugar, um interiorzinho, um povoadinho, então não tinha aquela escola adequada.

A gente estudava, muitos alunos, era assim, ficava os mesmos e aquelas meninas que sabia ler, então elas ensinava aquelas crianças daquele povoado, então ali significava uma grande escola, né? E eu queria porque queria ir, mas o meu caso era porque eu não tinha roupa e nem tinha calçado pra ir. Então minha mãe falava: - “como eu vou por vocês na escola se muito mal dá pra sustentar [?] e por comida pra vocês. Se eu for comprar roupa pra vocês ir pra escola, eu não vou poder comprar os livros.” E realmente, naquele tempo, a gente não tinha, hoje não, hoje é tudo maravilhoso porque hoje as escolas da prefeitura, do estado tem essas coisas, né, mas lá a gente não tinha.

Então, estudava dois irmãos meu, mas por conta deles, porque eles saíram de casa.

Então, um depois de adulto fora estudar, mas eu comecei ficando, tomando, crescendo com doze, treze anos... “mãe, deixa eu ir pra escola, eu quero aprender , quero aprender...” “você vai ficar com seus irmãos, porque eu e seu pai precisa trabalhar”

... Só que teve uma época que eu fui me desgostando, assim, não tendo aquele amor, de filha pro pai e mãe e fui desgostando, em que sentido, é... minha mãe não queria dar estudo pra nós, botar nós na escola, porque eu via tanta criança, na mesma condição que eu, que minha família tinha, e tava tudo na escola! E eu me sentia, assim, por quê? Se a Janaina, se a [?], era o nome de minhas colegas, são igual a eu! Os pais são iguais ao meu! E elas estão na escola, eu digo não! Aí, se pensar e até crinaçona mesma, criançona, com responsabilidade, – porque eu tomava conta de meus irmãos – aí eu aprontei uma vez... Aí eu falei: – “se eu derrubar meu irmãozinho novinho da rede, minha mãe e meu pai não vai trabalhar na roça, ela vai ficar em casa pra tomar conta!” - eu fiz isso! Juro professora, eu fiz isso! Hoje me arrependo, mas coisa de menina você sabe como é que é, né? Aí [?] não vou... meus irmãos dormia na redinha, né, você sabe o que é rede, né?

Sei...

E eu falei assim... eu tinha três irmãos, e eu não agüentava! Eu só tinha dez anos! Minha mãe deixava um bebê comigo! E tinha que trocar ele, tinha que dá mamar; ele sentia dor, ele chorava e eu não sabia o que fazer! Então, eu chorava junto... E eu não sabia se eu era mais criança do que ele ou se eu era moleca! Eu pedi uma vez pra meu irmão ajudar, mas velho do que eu um ano, pra ele me ajudar a cuidar das duas, três crianças, aí eu falei: - “se você não me ajudar, quando minha mãe chegar, eu vou falar que você me bateu.”... – “como eu te bati se você não está chorando?” Professora, eu peguei... é cuspe! Criança e passe nos olhos, sabe? Na hora que minha mãe chegar... e eu comecei... ahammm, ahammm... e meus irmão lá chorando... só que a boba aqui, achou que minha mãe ia se importar, minha mãe chegou lá: - “você não ta vendo seu irmão chorando? Aí eu falei:

- “Meu irmão me bateu!”,

- “Por que ele te bateu?”

- “Ele me bateu, eu não sei porquê.”

Tudo mentira! E os meus olhos cheio de cuspe [?]. tudo pra minha mãe ficar em casa! Chorava pra minha mãe ficar em casa! E ela não e meu pai falava: - “Essas meninas estão crescendo, deixa que eu me viro sozinho, vai botar essas meninas na escola, ela

não pode tomar conta dos meninos, ela é muito pequena!”... Eu peguei e derrubei o meu irmão da rede! Ele tinha dois anos, deixei ele cair mesmo e ele ficou doente, professora, ficou doente. E eu via e falava assim: - “meu Deus!”... só que ele não ficou doente depois da queda, depois eu descobri que não foi da queda. Ele ficou doente porque eu não sabia dá a comida dele e eu dei o leite já... se chama azedo, na mamadeira, porque hoje não, graças a Deus, criei os meus filhos, sou uma mãe de família, tenho os meus filhos e já sei... imagina, eu até cuido dos filhos dos outros, mas eu dei aquele leite que tava na mamadeira, aquele leite azedo e deu dor de barriga no neném, desintéria, meu irmãozinho foi internado e eu fiquei com essa culpa por muito tempo achando que meu irmão tava doente por causa disso, da queda que eu dei nele, né? Tudo bem que a queda pode ter machucado, ficou dolorido, né, [?] neném chora, né, mas em mim, eu não tirava, e eu chorava, chorava, chorava, chorava, chorava por causa dele, mas eu não tinha coragem de contar pra ninguém, né, porque minha mãe ia me bater; e ela não me batia duas, três palmadinha não, era surra mesmo!

Então ficava com muito medo. Então isso, eu fazia tudo isso só pra estudar.

Você não entrou na escola com sete anos de idade?

Não, não. Então, eu fiz um... assim, com a minha mãe, conversei com ela e falei:

- “Mãe, olha eu vou arrumar um trabalho - isso aí eu tinha doze pra treze anos - isso eu lembro como hoje...

- “Eu vou arrumar um trabalho e a senhora deixa eu estudar e tudo o que eu ganhar, eu lhe dou.” Ela falou assim:

- “Mas como é que você vai arrumar um trabalho?”

- “Não, a mulher ali me chamou pra eu olhar as duas meninas dela...” Aí ela falou assim:

- “Você não ... Você vai olhar?” Digo:

- “Vou, e tudo que eu ganhar eu lhe dou.”

Só que foi assim, professora, eu fiz isso pra minha mãe deixar eu estudar, só que a mulher falou assim, se aproveitou que eu era muito pobre, né, então ela falou:

- “Eu vou te dar uma roupa pra festa, uma de natal e uma no teu aniversário; então te dou roupa e calçado, dinheiro eu não dou.” Ai eu falei:

- “E agora? Não posso fazer isso com a minha mãe.” Aí [?] vamos fazer assim:

- “Então você faz assim: o calçado você não me dá, você só me dá a roupa e você me dá o calçado em dinheiro que eu compro”.

- “Mas por quê?”.

- "O dinheiro eu dou pra minha mãe".

- "Ah, então eu vejo quanto custa - aquele que só queria se aproveitar porque eu era pobre, né, então eu vejo quanto custa e eu lhe dou o pagamento". Só que ela me dava. Só que naquele tempo, é.. dinheiro valia muito e quer dizer assim, eu não conhecia o valor do dinheiro naquele tempo, mas o que eu ganhava, pra mim era muito, e eu dava pra minha mãe, só pra ela deixar eu estudar três dias por semana! Três! Porque o resto ela não deixava, que era pra eu ficar com os meninos. E o que aconteceu: não pude ficar mais com meus irmãos, porque eu tinha que ficar com os filhos da mulher, e eu comecei a estudar numa casa, numa casa mesmo, assim a tua casa, aí você falou: - "não, eu vou dar aula pra esse povinho que mora aqui nesse povoado, povinho de quanto, de dez, cinco pessoas: você mesmo traz o seu livro, me dava uma folha de seu caderno e um lápis.

E como era o nome do povoado que você morava?

Serrinha, se chamava Serrinha.

Em que estado que era?

Pernambuco.

Então, foi quando eu consegui aprender a fazer o meu nome, conhecer o alfabeto, foi quando eu consegui. Aí depois de tudo, a coisa começou pesar mais, aí eu tive que mudar pra cidade, mudar pra cidade... e eu fui trabalhar mais assim pesado, na cidade, que era firma de café, de plástico e vidro, lembro até hoje. Então meu pai ficou doente, a gente não tinha condição mesmo, aí todos foram ter que trabalhar cedo. Mas mesmo assim, já na cidade tinha escola, da prefeitura, só que era assim: tinha escola, mas não tinha livro, lápis, caderno, nada! E o que foi que aconteceu novamente? Fui trabalhar pra comprar lápis, caderno para estudar. Só que o que eu ganhava, eu não podia comprar roupa, então eu tinha que escolher: os materiais, a roupa ou dar pra minha mãe e minha mãe não deixava barato, você tinha que dar, não importava como você ia como você não ia. E eu lembro uma vez, sabe, eu lembro, eu fico triste e ao mesmo tempo eu acho bem engraçado quando eu lembro, que... que Deus há de me dar força, [?] que minhas filhas nunca passe pelo que eu passei, mas foi assim... eu ansiosa pra ir pra escola que ia ter uma festa, ia ter festa e meu pais nunca deixava, né, ia ter festa junina e a gente ia dançar quadrilha, não interessasse se a gente soubesse ou não soubesse, ia dançar de todo

jeito, lá não tinha isso, né. E eu, eu ansiosa, só que assim, todas as minhas amigas lá fazia uma roupinha - aquele paninho de chita, mas tava maravilhoso! – e chita, [?] feio que hoje você olha o vestido [?]... aí eu falei assim:

- DeJane - que era o nome de minha amiga -, olha, se você em prestar o seu vestido, -ela dançava, dançava Moraes e [?]- , você me empresta o seu vestido, e eu te dou e eu te dou um... era lá uma fita aquela que... eu tinha uma fita, que minha madrinha me deu, aquelas fita de cabelo, sabe, nosso cabelos era desse tamanho, [risos] então, amarrava aquela fita, e pra mim eu estava linda, estava linda! Aí ela falou assim:

- “Olha, eu lhe empresto, mas você vai tem que me dá a sua fita”. Aí eu falei:

-“Mas você está me emprestando,você não ta me dando! Eu dava a fita se você me desse o vestido”.

-“Não, mas eu lhe empresto se você me dá a fita”. Aí eu falei:

-“Tudo bem, eu te dou, eu te dou a fita”.

Ela me emprestou o vestido dela: eu dancei, eu corria tudo. Aí eu cheguei em casa e disse:

-“Meu Deus, mas eu dá minha fita, que minha madrinha me deu, minha madrinha vai falar, vai falar, só por esse vestido que eu vesti um pouquinho” – eu não tive dúvida... que eu era moleca, assim, de catorze anos... peguei o vestido dela, professora, e falei:

-“Não posso rasgar, mas eu vou queimar” – queimei dois buraco, entendeu. [?] peguei aquelas brasa... você conhece fogueira? Aí eu falei assim:

-“Aí eu vou queimar”, e eu falo pra ela... “ah, que eu cai, que alguém passou perto de mim soltou uma bombinha” - eu chamava de “peido de véia” – olha, era nem bombinha, bombinha é nome chique [risos]. Aí eu falei assim:

-“Oh, alguém passou perto de mim e jogou um ‘peido de véia’ e queimou”. Aí, ta beleza! Chegou lá e falei:

-“DeJane, trouxe o seu vestido”. Ai ela falou:

-“E a fita é minha, e eu não vou te dar” – e ela se achando toda com a minha fita e minhas lágrimas começou a cair... Aí eu falei:

-“Seu vestido...”.

-“Meu vestido ta queimado!” Eu falei:

-“Ah, oh, foi um menino que passou perto de mim e você vai lá falar com os pai dele, porque eu fui lá e ele saiu correndo e não quis nem saber, ta? Ele jogou uma bombinha em mime e o outro eu caí”.

-“Mas mesmo um pertinho do outro?” [gargalhadas]

Até hoje me lembro... que história mal contada...foi assim... você ta entendendo? Ah, era

pra eu ter queimado, tudo bem, eu queimava um na frente ou um aqui, beleza! Mas não eu queimei um, dois... um bem pertinho do outro. Então quer dizer que: um aqui eu cai e o outro aqui o menino soltou um 'peidinho de véia'... [gargalhadas] [?] mas chegou em casa minha mãe me deu uma surra [?] porque ela não sabia que... ela achou que por eu tava lá... ela também acreditou em mim, minha mãe... achou que também podia ter sido isso, só que ela achou que era eu na brincadeira, correndo mais o menino, brincando. Então ela falou:

-“Você deixou de fazer as coisas em casa, pra ir brincar e ainda queimou o vestido da menina, castigo!”...

Foi difícil, foi muito difícil a minha vida, mas foi bom, só que eu sinto muito mesmo não ter estudado, porque hoje era pra eu ter terminado os meus estudos, mas eu não vou dizer pra você que me arrependi, porque agora, hoje, que eu tenho a oportunidade de ta voltando, novamente... e estuda: assim, com todo sacrifício... que eu trabalho, eu trabalho o dia das sete até às cinco, ainda chego em casa, tem os meus filhos também... é que eu fiquei sozinha, né, meu marido faleceu... Então eu também não tive oportunidade, mais cedo porque logo no começo que eu vim aqui em São Paulo, de Pernambuco pra São Paulo, eu comecei trabalhar, não fui estudar pra ajudar meu marido e ficar com meus filho. Depois quando eu tive a oportunidade de estudar, meu marido faleceu, aí, eu já parei novamente. Isso já é, sem mentira nenhuma, a terceira tentativa que eu tento! Porque, uma foi com a morte de meu marido -eu tive que parar- e outra quando eu tive que voltar lá pra Pernambuco, peguei meus filhos e voltei. Não deu certo, passei seis meses lá, voltei pra aqui novamente. E hoje eu to aqui, graças a Deus [?]

E me fala uma coisa: que cidade essa que você mudou pra... é... do interior pra cidade. Qual era o nome da cidade?

Então, realmente era... que tem povoado... era sítio aonde eu nasci, né, era sítio eu chamava povoado, povoado assim que... dez casa, quinze casa, assim, em fileirinha, então eu chamo de povoadinho lá, e pra cidade mesmo, seria o que, da Serrinha para Pesqueira, que é a cidade, né, porque a capital mesmo é Recife, que a cidade é Pesqueira, e eu morava onde eu nasci nesse nessa Serrinha, que é um povoadinho. E a Serrinha, colocaram o nome lá, mas era um povoado que é dentro de sítio, é um sítio. Então, foi quando a gente mudou, eu e meus irmãos.

E aí com quantos anos aconteceu quando você foi pra aquela casa que a pessoa falou

que ia te ensinar a ler e escrever?

Então, eu tinha é... o nome dela hoje, que eu me lembro, então eu não me lembro... Letícia! Ainda hoje eu lembro, oh! Era Letícia. Então, ela... ela se propôs a ensinar, não sói a mim, mas tinha velhos, tinha jovem, criança, que ela viu que não estudava. E ela não era professora, ela não tinha Ensino Médio, ela não tinha nada. Ela mesmo, acho ela ficou com dó... aquele povinho sem saber ler nada, sabe, porque era assim...

Eu lembro até hoje que minha mãe ela nunca sabia nossa idade certa, assim, pra batizar, ela só lembrava o dia do batismo - porque através de meus padrinhos -, e o dia que nasceu, não, o ano, né, mas o restante não. E chagava uma carta, assim, chegava qualquer coisa, ela tinha que chamar os vizinhos pra ler e se ela fosse mandar uma carta, um bilhete, alguma coisa pra casa de um parente, de um irmão, ela tinha que mandar alguém escrever. Então a gente falava:

-“Mãe, se a gente soubesse ler...”.

-“Fica quieto menino, vai trabalhar, vai ajudar!”.

Então, isso, eu acabei tendo um pouco de magoa dos meus papais com isso. Hoje eu até posso entender, eu posso entender porque eles realmente não tinha...em primeiro, eles falavam que não tinha dinheiro para os material, nem roupa, nem calçado; e a gente precisava ajudar, que era muito filho, treze, né, então eles precisava de ajuda. Mas, eu não me arrependo não, assim, porque eu perdi muito... Hoje não sei, quem sabe é Deus, eu podia até, né, ter alcançado outros, outras coisas melhores, mas eu sou grata a Deus por ter chegado até aqui, e pretendo continuar.

E me conta um pouco mais dessa casa, como funcionava, quantas pessoas eram, como a professora... Como a Letícia ensinava vocês...

Então, era assim, ela tinha aqueles livros acho que era ela mesmo estudava, né... então não existia lousa, lembro que eles chamava é quadrinho, não sei, sei que era uma tábua, tabua mesmo, de porta. Então, ela pregava um prego ali, outro ali, não era de prego... Acho que era uns pedaço de ferro e botava. E a gente escrevia não era com giz... você conhece telha? Aquelas telhas de barro? Então, quando tinha, quando ela conseguia – porque ela também era uma pessoa humilde, pobre também – aí a gente tinha aquele giz, quando não tinha ela arrumava aqueles pedacinhos bem bonitinho e compridinho, ela mesmo fazia, então ela escrevia. A gente [?], a gente não tinha conhecimento de nada, pra gente era normal. Então, pra aqueles que podia, ainda conseguia comprar um

caderninho [?], um lápis, beleza. Aqueles que não podia, ela dava uma folha de caderno também, Eu chegava hoje, ela dava uma folha, amanhã, ela dava outra, e a gente ia fazendo, a gente fazendo. Eu me sentia muito feliz, mesmo, não vou negar e me lembro até hoje, a primeira palavra que eu aprendi. Você acredita? Não esqueço, não esqueço professora: ‘chapéu’ e ‘saúde’. [?] Parece que eu to vendo aquelas letronas, assim, grande [risos]. ‘A’, aí, ia, começando – “eu quero que vocês formem uma palavra aqui” -... Eu quando eu consegui, sabe, formar aquela palavra... ‘rude’ e aí a professora falou:

-“Parabéns! Acertou!”

Mas eu fiquei parada...

-“E., você acertou! Senta aqui”.

-“Acertei mesmo? Como acertei?”. [?]

Eu não sabia como eu acertei, mas eu tinha na cabeça, que ela mandava juntar, eu juntar... só que eu falei, mas eu vou consegui, consegui! E o ‘chapéu’, eu... é uma coisa muito engraçada, muito engraçada, porque até hoje quando eu leio, eu troco o ‘c’, sabe o ‘c’, com ‘ch’, entendeu, que tem o ‘x’? Então tem o ‘c’, né, aí eu troco [?]

-“... você sabia que não mais o ‘x’ que a professora falou?”.

-“ah professora, deve ser alguma coisa na minha cabeça que não apagou...” E as meninas brinca comigo:

-“acho que é seus parafuso solto”. [?]

Não lembro as outras, não vou negar, mas ‘saúde’ e ‘chapéu’ – as primeiras que eu consegui juntar! Com certeza. Eu fiquei muito contente.

E ela usava essa tábua, né, e o [?]

E esse pedacinho de giz que ela fazia e escrevia pra nós, ela pegava na nossa mão... Você já viu o pegar nas mãos? Então, a gente ia. Era engraçado que quando ela pegava, a gente continuava, ia e quando ela parava a gente... A mão parece que [?] [gargalhadas] Então, a gente que se achava, a gente ria uma da outra, né, mas era muito engraçado mesmo. Eu gostava, gostava, não vou negar.

Eu gostava muito porque, assim, às vezes na minha casa não tinha comida ela fazia, ela fazia um tal dum mungunzá, coe já ouviu falar?

Não, não conheço.

Hoje ele é... É canjica aqui. Acho que você conhece...

Ah, canjica eu conheço.

Isso que lá é um mungunzá! Lá se chama mungunzá! Então, ela fazia, pra agradar nós, pra nós ter vontade de ir, né, mas não vou negar: muitas vezes que eu só ia mais pra comer esse mungunzá [?]. A minha mãe não faz, ela não tem as coisa pra fazer. Então eu lembro que ela dava aquele canecão pra nós era umas canecas... é você lembra que antes vendia aquelas latas de óleo?

Lembro que era a lata alumínio.

Isso, então ela tinha um irmão, segundo ela, cortava aquelas latinhas no meio, e ele serrava pra, passava o esmeril pra [?]. e nós, pra nós estava ótimo pra nós! Nós... aí eu ia mais através desse mungunzá., porque ela dava sempre, dava pra nós e era [?]

Essas aulas sempre aconteciam a noite...

Era a noite. Era a noite porque ela trabalhava também. E eu lembro que ela chegava e ela já falava tal hora, só que eu não conhecia de hora, e então o que fazia: eu ficava... Minha casa, era mais no alto, subia uma ladeirinha, tinha uma pedra em frente minha casa, onde eu morava, e eu subia nessa pedra. Quando eu via a porta dela aberta, pra mim era a hora, aí, e eu saía correndo [gargalhadas]...-“Menina não é hora não, menina, volte espere um pouco!” – que era eu, minha irmã, umas três vizinhas, mais um casal de velhinho –velhinho!- e mais outras mocinhas e um outro rapaz... Então era em torno, era dez, quinze; as vezes ia só quatro, as vezes... sabe? Mas ia.

Você ia todo dia?

Eu ia, eu ia todo dia porque, assim, eu não saía e quando eu ficava em casa, tinha que tá ajudando minha mãe, fazendo alguma coisa, então esse era um motivo pra eu correr e escapar um pouco. Então eu fazia isso mesmo, eu não vou negar! Eu posso ser danadinha também [risos] [?]

Ai você fugia da sua mãe. Sua mãe não ficava brava?

Não porque ela já sabia que eu tava lá e tava aprendendo, contra a vontade dela. Eu ia porque meu pai deixava, meu pai também dava uma força e meu irmão mais velho, mas se fosse a minha mãe: não! Ela não queria [?]. Não sei por quê? Não sei porque, ela não queria. Era pra ta aí, cuidando dos meninos, ajudando...

E lá você aprendeu a ler e escrever.

Então, aprendi a ler, assim, assinar o nome, conhecer as letras, tudo mais, mas escrever, ler mesmo, foi quando nós já viemos desse povoadinho, que era a Serrinha, pra Pesqueira, que é a cidade. Aí, foi quando eu falei pra você que essa mulher me chamou pra cuidar das filhas dela e minha mãe me deixava estudar a noite. Só que o colégio, como era da prefeitura, não tinha [?]. Foi preciso a diretora – lá não chamava diretora, era um negócio assim, uma responsável – ir na minha casa, na casa de minha mãe, conversar com minha mãe e convencer a minha mãe minha mãe ainda é brava [?]. “eu não tenho dinheiro pra dá roupa pra eles ir pra escola, eu não tenho dinheiro pra comprar o material deles...” Aí foi o que ela propôs, ela falou:

–“Não, eu tô vendo que seus filhos querem estudar muito, então eu vou me reunir mais algumas colegas, lá dentro da escola mesmo, e nós vamos ajudar os seus filhos.”

Ela falou mesmo assim, me lembro como hoje, e eu escondia lá de baixo da mesa, escondida lá de baixo da mesa escutando e com o coração, assim, já saindo pela boca e torcendo pra minha mãe diz sim, sim sim! Aí minha mãe falou:

–“Ah, então eu vou chamar o pai dela - que minha mãe falava tudo, mas na hora de decidir, tinha que ser meu pai - então vou chamar o pai dela, aí se ele disser sim, amanhã nós vamos levar eles lá”.

–“Então a senhora vai vir tal hora...”.

[?] Aí meu pai disse:

–“É, porque eu to sem condição, eu não posso – aquilo outro - eu gostaria muito...”.

E minha mão fumando um cigarro, fumando um cigarro e só olhando pra o meu pai – eu só lá em baixo da mesa... [gargalhada] Não só eu: eu, o Roberto e o Eraldo... É eu, o Eraldo e a Rosa! Nos tudinho lá... Só que nós tudo tava ansioso, ‘ansiosíssimo’ pra estudar mesmo! E eu parece que era a única. Acho que de tanta ansiedade, sabe professora que eu tava, e acho que eu não saia de casa, não tinha conhecimento de tanta coisa, eu chegava na escola, eu fazia a minha lição, mas eu não gostava de lição; só ficava olhando as coisas, querendo rir, querendo saber e a escola era grande – pra mim era grande você morava, né, onde só tinha um menino e não tinha nada, né! – [risos] e eu

ficava curiosa pra ver tudo aquilo! Então, aí eu consegui aprender ler e escrever, mas realmente não consegui terminar.

Você entrou nessa escola com quantos anos? Você lembra?

Lá em Pernambuco?

É.

Acho que eu já tinha uns catorze anos, mais...

Você lembra qual a série que você entrou na escola?

Primeira série. Mas assim, aquela escolinha que a menina dava, não valia nada, pro mercado mesmo não tinha como valer, né? Mas eu agradeço também porque foi uma ajuda, pelo menos foi lá que eu aprendi.

E lá você entrou na primeira e ficou até que série?

Então, entrei na primeira e fiquei na segunda, né, na segunda série, aí eu saí. Aí eu sai porque minha mãe ficou doente, aí, minha mãe ficou doente, depois... Ela engravidou da minha irmã, da minha irmã casula – hoje minha irmã casula tem vinte e um anos, é, vinte e um a Sandra – e ela não tinha idade pra engravidar, minha mãe, já a idade avançada, né, aliais, a minha mãe engravidou na menopausa. Então foi muito complicado, muito complicado, minha irmã nasceu com problema, só que por minha mãe não ter conhecimento, até digo conhecimento, porque não vou culpar ela, mas assim, se ela tivesse procurado, falado, observado mais, né, talvez minha irmã não tivesse tido esses problemas, que hoje ela tem esses problemas sim. Então, ela quase que morre, quando ela foi dar a luz a minha irmã, então ela ficou muito doente, e eu seria o que? A outra minha irmã, a Genalva, já era casada; a Graça, que trabalhava fora da cidade; e só tinha eu mais velha, porque as outras tinha mais nova: a Rosa, a mais nova, mais o que... Um ano depois da outra, né? Então sobrou tudo pra mim, né? Aí eu tive que sai da escola, aí meu pai não deixou mais tudo... Aí depois minha mãe ficou melhor, depois de dois, três anos, já ficou melhor de já poder assumir tudo sozinha. Aí eu já fui trabalhar, que eu tinha... Eu já tava ficando uma adulta, né? Tinha que trabalhar, tinha que ter minhas coisa

tudo... Aí comecei namorar, depois noivei, aí depois acabei, três vezes, por molecagem... Aí chegou uma hora que eu falei aí [?]. Aí noivei, casei no civil, depois eu engravidei, que é dessa minha filha mais velha, e depois fui embora, fui morar junto com o meu noivo, aí minha história mudou... Aí até hoje, graças a Deus, vivemos bem até oito anos, aí viemos embora pra aqui e, aí ficamos juntos uns só seis meses, aí veio a tragédia: meu marido morreu. Aí eu fiquei com a minha filha mais velha, que tinha seis anos, a mais nova um ano e oito meses, ela não conheceu o pai... Então eu fui muito sabe assim batalhando sozinha, sozinha... Por isso que eu não tive oportunidade de estudar, mas não vou negar que tive interesse que eu sempre fui louca, tanta loucura que eu acho que é por isso que eu não terminei [risos], mas eu apesar dos pesares, pesares, eu não tenho que reclamar não: enquanto a vida há esperança!

Você lembra o nome da escola que você estudou?

Chamava o 'grupo', era 'grupo', sabe, mas eu não lembro não. Era... aí meu Deus... chamava grupo Cesariano, era um negócio assim, sabe? Eu gostava porque tinha aquelas escadas, que a gente descia, subia... Pegava naqueles cano e descia correndo, igual moleque, sabe? Tinha uns menininho me paquerando, sabe... igual moleca...depois eu falei 'meu Deus': não sei se foi porque eu não brinquei, depois de adulta eu quis brincar... É verdade, é verdade! Acho que foi isso viu, professora...

Não vou falar pra você que eu sinto saudade da infância, não sinto mesmo! Tem algumas coisas que se eu pudesse apagar da memória, apagaria, com certeza! Mas[?]. tudo bem...passou, passou! Enquanto a vida, há esperança![?] Graças a Deus...

Anexo VI

Transcrição

Entrevista realizada 02/06/2011, nas dependências da Escola Pública de Guarulhos Da Emilia, com a aluna M. G. R. P., pertencente ao Ciclo III, correspondendo as séries finais do Ensino Fundamental II.

Bem M., eu gostaria que você se apresentasse, falasse seu nome, da onde você veio, é... de que cidade você veio e por que você veio pra São Paulo.

Então, meu nome é M. G. R. P., eu nasci no interior da Bahia, numa cidade chamada Taquaraçu e vim pra São Paulo é com intuito de todo migrante de lá: pra trabalhar, ganhar dinheiro, crescer na vida. Todo mundo sonha em melhorar de vida eu vim buscar essa melhora.

Com quantos anos você veio pra São Paulo?

Com vinte e dois. Já era adulta.

E me fala um pouco como era a sua cidade... se tinha escola, a escola era na cidade...

Sim, tinha escola na cidade. Eu comecei a estudar... eu comecei estudar, é normalmente com sete anos, daí eu freqüentava a escola frequentemente, não perdia aula, minha mãe sempre levava a gente pra escola, me levava na escola, me levava pra estudar e ela sempre queria que eu me formasse, que ela dizia que a gente tinha que ser gente na vida e não como ela que foi lavadeira, que tinha que lavar, que trabalhou na lavoura. Tinha sempre vontade de eu me formar, eu e minha irmã, e acabou que a gente, nós estudamos enquanto éramos menores e estávamos sobre o comando dela, nós freqüentávamos a escola, assim, direitinho. Mas a gente não levava muito a sério, a gente não gostava de estudar, e quando nós ficamos adultas, nós abandonamos a escola, nós abandonamos... E sempre ela queria que nos formássemos. E claro que agora, mais tarde, nós nos arrependemos e voltamos, mas ela sempre quis que nós nos formássemos. E a gente começou a experimentar um pouquinho de trabalhar, de ter dinheiro na mão e achava que não ia precisar só que não íamos precisar e nós se 'lichamos'... Mas a escola era muito boa, inclusive a oitava série do ginásio, eu estudei em um colégio que chamava *Educandário, Educandário Pestalozzi* e aí, tinha que pagar, era pago, maior parte do povo da cidade sabe que estudava lá era gente que pagava particular, gente que tinha dinheiro e minha mãe fez o que fez e tanto fez... E começou... Fez amizade com a diretora, depois ela fez, com a vizinha lá e conseguiram bolsa pra gente e nós entramos nesse colégio e a gente frequentava direitinho às aulas, as aulas eram boas, rigorosas, mas eu não me interessava. Não tinha vontade de me formar em nada, não me interessava em nada, freqüentava por freqüentar. Até que tirava nota boa de português, matemática nunca fui

boa e não me interessava e aí eu fui levando, levando um tempo e quando fiquei adulta, sai, desisti.

Você estudou até que série lá na sua cidade?

Desde os setes anos que entrei, mas não me interessava e sempre repetia, perdia o ano, da quinta série em diante eu comecei a perder, repetia o ano...

Você parou na quinta série lá...

Sexta série. Parei na sexta-série com dezessete anos.

E desde primeiro ano você...

Desde da quinta do ginásio eu comecei a faltar. A gente não ligava pra estudar e o meu fraco mesmo era matemática: eu não gostava de matemática, não prestava atenção nas aulas, não aprendia e não gostava. Aí então eu tive muita dificuldade, mas nas outras matérias não, na matemática eu tive dificuldade com ela e comecei a perder, perde, perder... de ano e depois eu falei para minha mãe que estava cansada e que eu ia trabalhar, dar um tempo e depois voltar a estudar, e isso não aconteceu. Comecei a trabalhar, ganhar um dinheirinho... É vida simples, mas com um dinheirinho, tudo está bom! Quem é conformado com pouco, quando ganha uma coisinha, tá bom... Aí comecei a trabalhar e aí não me interessei mais, não tinha vontade de voltar. Aí com... Quando foi este ano eu me incentivei a... Eu criei vontade de trabalhar... De estudar porque eu fui procurar emprego, eu precisei trabalhar novamente – chegou uma época que eu não precisava trabalhar...

Eu arrumei um 'coroa' que gostava muito de mim, que trabalhava na *Bauduco*, e me esperava todo dia pra mim jantar com ele. E aí eu fui relaxando, relaxando... e acabamos que ficamos juntos e ele ganhava muito, muito dinheiro. Ele ganhava assim... sem fazer nada, sem fazer nada, só pra ficar em casa, curtindo o hobby dele que era cuidar de passarinho, e deitado assistindo TV, ele ganhava, assim, na faixa, sei que na época a gente fez uma soma porque a gente fez os cálculos porque a gente tinha uns planos pra montar um comércio de alguma coisa, né?! Aí eu sei que na época é assim, um *Fiat Uno* popular, ta na faixa de R\$24.000,00, né?!

Acho que sim...

O *Fiat Uno popular...* Então na época o *Fiat popular* que valeria pra agora era a renda que ele tinha sem trabalhar! Aí eu não tive mesmo vontade de estudar... Era só sair, passear, só sombra e água fresca... aí quando foi um dia, ele manifestou que ele já tinha... que já tinha tido no passado um câncer, um câncer na próstata, e com muito trabalho ele foi recuperado, mas ele abandonou o tratamento e não fez o tratamento depois de recuperado. É com... Com uns... Uns oito anos que a gente tava juntos, ele veio a manifestar esse câncer... E aí acabou o dinheiro, acabou a renda, o banco também segurou um dinheiro dele e o que sobrou só deu pra gente reformar a casa e fazer um sabãozinho comercial, do lado, e ele começou a se tratar, só que ele se tratou, mas mesmo se tratando ele faleceu. Então, ao eu precisei trabalhar de uns tempos pra cá, aí começaram a pedir segundo grau, segundo grau, e aí eu inventava mentira, porque eu não queria trabalhar de faxineira... Arrumava de faxineira, mas agora até faxineira eles querem quem tenha estudo, mas eu não quero trabalhar de faxineira: não discrimino, respeito quem trabalha, acho um trabalho muito digno, mas eu sei que é pesado e eu me acostumei na vida boa... E mal agüento, eu mal limpo a minha casa e fico me queixando, assim, (?) teria que ser muito esperta, assim, com muita precisão mesmo, e graças a Deus eu não to, assim, precisando, sabe? Mas eu só tava achando de faxina, e inclusive, os lugares, assim, de faxina pesada mesmo, de coisa pesada, e eu não queria... É... e eu passei a procurar coisa, assim, nas outras áreas, mas tipo assim, firma, também, estavam querendo segundo grau, as firmas, assim, que trabalham pesado, sabe, pesados mesmos... Eu tenho colegas que trabalham e se queixam muito, muito, muito... Do sacrifício. Aí eu pensei assim: eu preciso fazer alguma coisa, trabalhar por conta, alguma coisa que eu queria fazer... Aí eu comecei a trabalhar por conta, assim, trabalhar um pouco, juntar dinheirinho, fiz um plano, assim, pra juntar alguma coisa, pra começar... Aí eu fui trabalhar, fui trabalhar de... Fui procurar a trabalhar, aí veio uma oportunidade de segundo grau e eu não tinha, que era pra trabalhar na *Bndeirantes*, em São Paulo, um colega arrumou pra mim, ele sai meia-noite, e até a carona pra vim de carro era certa pra vim, nesse horário não tem como vim pra cá, era lá na *Paulista*. Aí trabalha ele, acho que também trabalha a esposa e tem mais uma amiga, que mora aqui em Guarulhos. Aí eles falavam que se eu entregasse um currículo, que eu conseguia um plano, só que era bom o plano, trabalhar lá, era bem riquinho o salário... Aí lá pagava muito bem o salário, acho que ainda pagam. Aí tava tudo certo, até a carona pra vim eu teria, pra vim à meia-noite com eles, aí no fim do mês, não sei como a gente ia fazer... A gente faria uma 'vaquinha' e

racharia a gasolina, aí por causa do segundo grau eu não consegui, eu não tinha experiência do *tele marketing* (?) Aí depois veio uma outra colega minha, que tentou me encaixar em uma imobiliária, uma imobiliária lá em São Paulo, mas ela lutou, lutou e relutou... Aí essa imobiliária é muito bem conceituada e aí não teve jeito, tinha que ter o segundo grau. E ela falou assim:

- "Olha, sabe de uma coisa, pelo menos o primeiro grau, se você chegar na oitava série, passa rápido, vai lá fazer, vai lá... Quem sabe o ano que vêm você não tá aqui comigo..."

E aí eu pensei tantos anos e a gente olha assim pra trás e com tanta coisa assim que aconteceu... Passa rápido e porque não que um ano e meio ou dois anos...

- "Aí faz esse curso e quando você voltar, você terminar, até na oitava série, se você chegar até a oitava eu te encaixo..." e ela falou assim: - "Passa rápido..."

Aí eu pensei que passa rápido mesmo... As oportunidades foram boas, porque, assim, nem todo mundo que mesmo que tem o segundo grau tem uma oportunidade, assim, é não tem, não tem... Porque eu conheci gente que trabalha em cargo muito mais baixo, baixo, salário mínimo, (?) e não teve oportunidade. Aí depois veio mais outra, mais outra oportunidade boa também, tudo coisa assim, alta... Porque quando eu comecei a andar com essa colega, eu comecei a pensar em coisa alta, já, então, e essa colega minha falou assim:

- "No dia que eu fazer alguma coisa amiga, que eu vencer, você vai trabalhar comigo!"

Aí então... Aí quando foi... Eu sei que teve mais uma outra oportunidade, mas a ultima gota d'água foi essa colega minha que me disse pra mim terminar esse grau ela prepara pra mim alguma coisa se eu precisar, né? Aí eu vim... Vim estudar! Três oportunidades grandes...

Mas me fala um pouco da escola, quando você era criança, como era o nome das escolas que você estudou? Você lembra?

Primeiro eu estudei no *Grupo Escolar Jairo Góes*... Chamava *Jairo Góes*, lá no interior. Aí desse grupo minha mãe queria que a gente estudasse... Aí criou-se um mito que... Que as aulas não prestava, que era fraca! Falava que era fraca...

Nesse grupo escolar...

Sim, nesse grupo escolar falava que ensinava mal, que o ensinamento era assim...

Na cidade mesmo onde você nasceu?

É na cidade onde eu nasci. Aí ela botou na cabeça que eu tinha que sair, tinha que sair... Aí passei uma no lá e ela já lutando, lutando, lutando, que ela tanto fez que ela arrumou lá com uma professora, uma vaga em um prédio, que era outro prédio – chama prédio lá, né – (?), aí eu fui para um outro grupo escolar *Carmem Del Rei*, é um nome de uma diretora lá, que é o nome da escola, que disse que era melhor o ensinamento lá...

Mas era o grupo ainda que referia a primeira a quarta série...

É. Aí eu sai de lá e fui para o *Carmen Del Rei*. Aí é eles disseram que teve um (?) bem grande de desenvolvimento, que é, assim, do público que sabe né? Mas em vista do outro ela achou que desenvolvi muito. Todo mundo que entrava lá aprendia mais... Eles tinham esse mito. Então aí à tarde, assim... É como eu era fraca de matemática, a tardezinha, assim, umas pessoas lá... Quando as pessoas lá se formam, não tem assim muita opção de emprego, cria muito o mito de... Um mito não! Criaram uma profissão, não sei se você já viu que dá aula em casa, é quase... Muita gente lá se formava e que não tem emprego, é uma das principais fontes de renda é dá aula em casa. É assim, pega uma sala da casa, uma sala grande, colocam uns bancos, umas cadeiras, e ali pega um número de alunos que, saí na escola perguntando se quer fazer reforço, quem quer fazer na escola perguntando se quer fazer reforço, quem quer faz reforço, aí pega aquele número certo de aluno e dá as aulas em casa. Na maioria das meninas lá assim que tem estudo, assim, da oitava série em diante, já dá pra fazer isso pra ensinar quem tem... Quem tá... Ta na primeira série. Aí era um jeito delas ganharem um dinheirinho... Aí tinha uma professora também, que ela era muito bem falada, aí ela aproveitou que ela tinha uma sala grande e que era bem falada e começou a dar... Ela dava aulas de manhã e a tarde ela dava aula de reforço pra alunos. Enchia, enchia de gente! E a minha mãe lutou, lutou, lutou e botou eu pra estudar com essa professora e eu não queria, que eu falava que a professora era brava, que a professora não prestava, que era ela ruim... E foi ela quem me ensinou a fazer continhas! É eu nem sabia fazer contas, ela quem me ensinou bem ensinado, assim, de... Assim de... Acompanhar de perto, assim de fazer as contas juntos com ela e tudo e tal... Aí a minha mãe me colocou com ela, pois ela sabia onde tinha uma professora brava ela me colocava...

Pra sua mãe professora brava...

O nome dela era professora Leninha! Chamava de Leninha e ela era muito bravinha...

Brava era sinônimo de professora eficiente...

É. Era ela bem conceituada lá: ela dava aula é em pública, pelo município, de manhã e a tarde ela fazia isso na casa dela, ensinava. Ela também é... A casa dela enchia, enchia de muita, de muita gente... Ela tinha uma renda boa com isso aí... Era uma fonte de renda dela também pra ajudar...

E você fazia a escola de manhã e a tarde esse reforço...

la pra casa dela e ficava ali até umas quatro...

E como era a escola de manhã?

A de manhã era boa assim... A gente chegava... Não era tão detalhada como a dela... Que a dela era, assim, no máximo era uns quinze, onze alunos... Dez, quinze... Alunos... E aí ela poderia acompanhar de perto, né? Mas a pública já era mais crianças, muito mais pessoas, muito mais crianças... Ah era um prédio grande. Eu sei que no ano que eu entrei lá teve um marco muito grande, que eu nem me lembrava mais, foi a época que o Papa veio pro Brasil... È e ficava passando na televisão, na TV... E foi nessa época que eu entrei lá. Aí eu fique estudando um bom tempo... É... Tinha todo aquele ritual né: a gente brincava, saia pro recreio e brincava... Aí tinha uma tal de... Tinha as pessoas que se formavam no magistério e que faziam estágio e a gente gostava muito do estágio, porque as estagiarias eram mais bozinhas, elas levavam bastantes brinquedos e a gente, assim, fazia uma transformação em sala de aula.

E elas ficavam na sala junto com as professoras... As estagiárias...

As professoras ficavam lá todos os dias e depois os professores se ausentavam elas vinham sozinhas dar aula. Elas ficavam por um prazo, por um certo tempo, sendo alunos delas, e aí ela pegava rédeas dos ensinamentos e de toda rotina e passava a dar aulas pra gente. Mas só que elas davam aulas... Era assim: elas faziam as coisas muito legais, que a gente gostava né. Quando chegava a época das estagiárias, elas tinham que...

Tinham que... Elas re-decoravam a sala toda, tinha... Não sei como que... Aí elas tinham que faziam gastos... Fazia muito também... (?)

Gastos?

Faziam gasto é. Ali pra... As mais ricas levavam coisas boas, as mais pobres levavam as coisas assim mais... Levavam mais brinquedos, levavam jogos, levavam bola pra menino, levavam bola pra menina, era bola de basquete, era disso... Que tinha um certo gasto...

E isso não era a escola que comprava...

Era por conta delas, por conta da professora. Era assim já era profissional. Aí faziam (?) bem decorativas: elas mudavam quase tudo, mas tudo por conta delas. Elas deixavam aquele lugar assim bem aconchegante, bonito, tinha umas que até pintavam a sala de aula. Faziam uma decoração por um certo tempo... E, assim, a sala era assim tipo aquelas salas de piso de vermelhões, até encerar elas mandavam encerar, ficava assim completamente transformadas. Era uma fase assim gostosa que a gente, na hora assim do recreio, a gente tinha muito opção pra brincar e quando elas saíam não tinham opção pra brincar, a escola voltava a ser pobre de novo. Só tinha o lanche, a merenda de cada dia,... Aí sem falar que elas também promoviam, às vezes, festas levavam os comes e bebes e tal e toda criança gosta disso, né... Aí passava a fase e elas iam embora, voltava às professoras, voltava o colégio preto e branco de novo e a gente só estudando e tal. É tinham... Eles davam também o lanche, a merenda, mas teve uma vez que marcou que faltou... No interior também... Não sei o que foi que houve, mas faltou a merenda e aí as professoras falavam pra gente... Foi feito um mutirão, falou com todos os pais dos alunos pra mandarem alguma coisa para que as merendeiras pudessem ter algo pra preparar pra gente. Aí nós levamos muita, muita coisa, todo mundo levava coisa. Tinham as pessoas, assim, bem pobre, bem pobre mesmo que levavam um... Mandavam um... É... Temperos da horta. Gente que era muito pobre, acho que não tinha nem o que comer, mandava tempero da horta: coentro, cebolinha, salsinha, cheiro verde, tudo. E as que podiam mais levavam, cada um levava um quilo de feijão, levava arroz, levava macarrão, levava... É... Fubá pra fazer de alguma coisa. Aí eu lembro que teve um dia que levaram muita coisa, mas muita coisa mesmo, e levaram uma tal de uma jabá, alguém deu muito jabá, e aí ela fez essa jabá no feijão e colocou muito muito, muito tempero, colocaram muito tempero... E fizeram essa jabá, eu não sei que coisa louca foi aquela que fizeram é... Improvisaram...

É teve um dia que não tinha feijão e fizeram uma jabá com macarrão... É uma coisa louca, assim, improvisada, fizeram jabá com macarrão... É acompanhou também um suquinho e fizeram uma jabá com macarrão, acompanharam com arroz... Mas foi assim uma coisa, assim... Uma coisa tão boa, mas tão boa que a distancia assim dava pra ver o cheiro. Ai quando a gente foi comer essa jabá, lá com macarrão, tava muito, muito bom! Muito, muito gostoso! Eu não arrisco fazer em casa, mas aquele tava muito bom, muito gostoso! Aí nos outros dias também elas fizeram um... Aí já foi feijão com jabá também, carne seca dentro com arroz, aí colocaram uma farinhazinha, coisa do norte você sabe como é... Mas assim coisa preparada pelos outros, assim, de grande quantidade parece que fica muito bom! Aí fica muito bom. Aí a eu lembro que tinha umas coleginhas, assim, metidinhas, elas não queriam comer... Elas eram as mais ricas, assim, de lá da cidade... Não sei como é que elas não estudavam no particular? Mas acho que elas deviam fazer reforço... Aí elas pegaram e pediu que também nós levássemos os pratos e os talheres, elas mandavam assim a gente escondido usar os nosso pratos e nossos talheres e lá escondido pegar comida e trazer pra elas, que elas não agüentaram, não resistiram, porque tava muito, muito, muito boa! Aí acabaram comendo também a comida também: tiraram o orgulho e comeram a comida. É aí com certo tempo essa comida, assim, foi muito boa, apesar de que a gente não precisava... Tinha criança que precisavam, mas a gente comia porque todo mundo comia e aquilo parecia muito gostoso e foi influenciando umas as outras, por um bom tempo elas fizeram isso.

Depois eu fui pra esse colégio e fui ficando adulta e já queria trabalhar, já não tava muito mais ligando pra escola e eu fui lá pedir o... Demissão... Pedir transferência para ir pra outra escola, pra trabalhar a noite, mentindo para as professoras e diretoria dizendo que ia trabalhar, que eu tava passando pra noite porque eu ia trabalhar e não tinha nada certo ainda. Eu vim trabalhar, mas demorou ainda mais uns três anos depois e eu fiquei, assim, na maioria. (?) por causa das amigas. Aí eu lembro que ela falou assim:

- "Ficar pulando de galho em galho... Começa assim... Vocês não pode... Olha bem o que vocês querem e também o que vocês vão fazer... Olha bem o que vocês vão fazer... porque eu já vi caso de colegas de vocês vim antes de vocês também fazerem isso, pedirem transferência pra outros colégios e acabarem desistindo e não terminando nem em uma e nem em outra."

Aí (?) pra gente. Aí ela conversou com a gente e eu não ligava não, eu não ligava porque eu tinha facilidade de conseguir trabalho... E é o trabalho que faz a gente, né... Ganhar um dinheirinho... Querer ganhar um dinheirinho... Tinha facilidade de arrumar um trabalho né... Eu também tive essa pessoa que me deu tudo, né... E ao mesmo tempo fiquei sem

nada, achava que não ia acabar. Aí resultado: eu não interessei, não fiz força pra voltar estudar. Agora eu tenho assim vontade de terminar. E ainda que eu venha conseguir, quer que eu venha conseguir é, vencer de novo, trabalhando, trabalhando por conta própria, eu agora quero continuar, eu quero continuar, porque agora eu sei até a faculdade que eu gostaria de fazer e antes eu não sabia e se eu tivesse terminado alguns anos atrás, eu não ia saber qual faculdade. Se tivesse dinheiro como eu tive, como o meu companheiro que poderia pagar uma faculdade pra mim sossegado, eu tenho certeza que eu teria feito à faculdade errada! É porque, assim, eu descobri depois que ele faleceu, de uns nove anos pra cá. Aí eu descobri qual é o meu foco, o que eu quero, agora eu sei o que eu quero...

E o que é?

É coisa da área ligada à área de propaganda e marketing. É e aí eu não sabia que gostava disso e se eu tivesse feito eu teria focado em coisas que não teriam nada haver, tinha certeza... Depois de uns, não sei bem, assim, depois de uns sete anos pra cá que eu descobri isso.

Antes disso você não sabia...

Não, não sabia o que queria. Tinha feito coisas erradas que não teriam nada haver comigo agora.

Antes de você passar pra quinta série, você gostava de estudar ou não? Você já não gostava...

Não gostava de estudar, fazia aula de reforço porque minha mãe disse que a professora era brava e que eu ia aprender alguma coisa com ela. Em casa minha irmã ensinava as lições e eu levava na brincadeira. Aí como não tinha jeito da gente aprender em casa, aí ela colocou na aula de reforço. Mas por um certo tempo eu levei a sério sim as aulas, mas só que a matemática ela me perturbava muito, não entrava na minha cabeça. É... Ela não entrava muito na minha cabeça.

Mas e as outras materias, você gostava?

Gostava. Eu me saia muito bem com português é até inglês eu tirava nota alta, teve inglês também na quinta e na sexta série na escola, eu conseguia tirar nota alta em inglês... É português, também tirava nota razoável em geografia, em ciências, porque eu estudava, decorava e fazia né, tinha (?) decorava. Tinha, assim, aulas que até eu... Teve prova assim que eu fiz só de assistir as aulas, eu não estudei: assistia aula e de acordo com que a professora explicava, colocava na lousa e eu lia no livro, aí não precisou estudar e fazia a prova assim.... Assim, não levava a sério, faltou seriedade.

E a professora nesse sentido ajudava?

Tentava ajudar, mas eram muitos alunos e ela contava assim para os pais da gente a nossa fraqueza, né, aí eu sofri porque minha mãe me colocou na aula de reforço, mas nem a aula da professora Leninha não ajudou muito na matemática: eu aprendi a fazer conta, a montar tudo direitinho, mas não ajudou muito não. É aí quando eu cheguei na, é que aí foi no primário, até a quarta série. Quando eu cheguei no ginásio, na quinta e sexta série, tinha é... Tinha a raiz quadrada, aquelas coisas tudo que a gente tinha que fazer, mas eu não sabia nada, tinha muita dificuldade.

Continuação da entrevista realizada /06/2011, nas dependências da Escola Pública de Guarulhos Da Emilia, com a aluna M. G., pertencente ao Ciclo III, correspondendo as séries finais do Ensino Fundamental II.

Então M., gostaria que você falasse mesmo um pouco sobre o que você achou do processo de entrevista?

Eu achei legal... Eu gostei da entrevista e eu quero dizer assim: que eu voltei a estudar e eu estou gostando e não consigo mais é... Não quero perder dia, não quero perder aula e já integrou (?) minha vida e eu tô sentindo como se tivesse alguma coisa que falta em mim, que tava fazendo falta e que agora tá preenchido. E quem sabe com essa colega nossa que teve essa idéia, né, idéia das bijuterias, que eu trabalhe com ela, e isso também veio abrir a minha mente pra ajudar ela em alguma coisa, quem sabe assim em alguma coisa ajudar ela: de fazer até ela voltar também, né?... Ajudar ela porque ela é muito inteligente (?) essa idéia pra ela né?

E antes de você estar estudando hoje, você voltou, tentou voltar outras vezes a estudar?

Não.

Você parou a escola você tinha me falado na sexta-série?

Foi na sexta-série. Eu até voltei, assim, fui na antiga escola pra pegar o histórico pra refazer a matrícula e aí eu acabei ficando com esse histórico na gaveta, por um (?), por uns oito anos e eu não consegui ir na escola fazer matrícula, mesmo porque era mais longe. Quando foi este ano que surgiu aqui perto de casa, que é praticamente em cima da minha casa, é uma oportunidade boa porque faz dois anos que estou com esse histórico na gaveta. Eu falei que se não for agora, eu não volto nunca, porque antes era preguiça porque era longe, mas mesmo assim eu tava bem balançada pra (?) oportunidade de ter um tempo de minha vida, de fazer alguma coisa, que não fosse só trabalhar porque (?) né. Aí organizar horário é de esperando procurar um colégio mais perto que tivesse supletivo, que tivesse como voltar estudar hoje o mais próximo... E foi uma surpresa... Esse aí não é próximo, mas bem próximo mesmo, em cima de casa, e eu falei ou é agora ou nunca. Aí eu vim com tudo! Deu certo e eu acho que tudo vem na hora certa mesmo.

E me fala como foi o momento de quando você decidiu parar de estudar, você tava em qual escola e por quê?

Então, eu saí de uma escola, assim, eu era muito influenciada pelas amigas, (?) não tinha responsabilidade, não tinha, assim... É... Tinha noção, mas não tinha interesse. Eu não tinha interesse de estudar porque eu era mais nova conseguia as coisas mais rápido, assim, quero dizer, agora pra você estudar precisa o segundo grau, pra trabalhar... Ia na forma, conseguia um emprego, entrava numa loja, conseguia trabalhar, então não tinha muita precisão pra estudar. Não tinha motivação pra estudar e mesmo porque teve também um problema no passado que a gente também não deve... (?) Não pautar nesse problema... Muita gente passava por (...). Eu... Eu fiquei... É eu fiquei com esse lema na cabeça que futuramente eu não tinha condições de fazer uma faculdade. Porque há vinte anos atrás a gente não tinha condições de fazer uma faculdade...

Você diz que condições?

... Condições financeiras de fazer faculdade. Então, como eu precisava trabalhar e conseguia um emprego com facilidade, eu precisava trabalhar e conseguia emprego com facilidade, então o interesse de estudar acabou. E isso aí também ajudou muito porque agora se eu tivesse... Então agora eu vejo que não é assim, não deveria ter sido assim porque agora eu voltei a estudar né? Mas agora se eu tivesse terminado esse grau, quem sabe eu não poderia tá fazendo uma faculdade? Porque agora eu sei o que eu quero. No passado eu não sabia o que eu queria e sabia que não tinha condições mínimas pra fazer faculdade. E aí eu queria trabalhar, trabalhar, trabalhar de qualquer maneira... Acabei pedindo uma transferência na escola pra ir pra outra à noite pra trabalhar e estudar à noite. E aí foi me avisado que às vezes as pessoas que pediam pra trabalhar, pra estudar a noite, acabava não indo, não terminando, acabava não focando... É trabalho e estudo, que era melhor terminar os estudos, mas como eu precisava trabalhar, eu coloquei na cabeça que ia estudar a noite, mas isso aí foi há vinte anos atrás. (?)

E quanto tempo você ficou estudando a noite? Chegou a estudar...

Cheguei a estudar a noite, acho que uns quatro anos eu nem terminei o ano. Faltava, o problema era as faltas e também tinha dificuldade em matemática. É passava... Passei até que passava tinha notas nas outras matérias, mas em matemática (?) me castigavam, aí eu não tinha motivação.

E como era essa escola noturna? Como ela funcionava?

Ah... Era à noite né? Eram adultos... Eram adultos que sempre tinha... Sempre tinha gente pra... Pra orientar. Começava sempre com muitos e depois ia diminuindo, diminuindo... Eu me dava muito bem, mas o meu fraco mesmo era matemática, não passava, era reprovada, até que eu não voltei mais.

E esses alunos, assim, estudavam com você, esses colegas de sala, eles estavam na mesma condição que você: pararam de estudar durante o dia pra estudar a noite pra voltar... Pra ir trabalhar?

É a maioria trabalhava, outros eram casados, alguns terminaram outros não, mas foram muito pouco aqueles que ficaram até o final.

E aí durante a infância você passou por três escolas...

É passei pelo *Grupo Escolar Jairo Góes, Carmem Del Rei* e o Colégio que da cidade (?) O primário foi bem feito, foi assim... Não repeti e freqüentei todas as aulas, todos os anos, (?) até que no primário e freqüentei direito as aulas, nunca faltei.

E as outras duas escolas que você passou antes...

No Jairo Góes (?) já tinha iniciado a quinta série aí eu consegui fazer até a sexta, e aí eu conseguia perdia, perdia, perdia... E eu acho que faltou força de vontade de estudar, aí eu ocupei a minha cabeça com as outras coisas e achava que não tinha importância... Que não ia fazer falta pra mim. Então é (?)... E agora eu pensei, pensando bem, ou fazendo falta... É independente disso, se foi por motivo financeiro, se foi por emprego, (?) claro que faz falta, tinha que ter terminado! É... A gente se sente assim... Mais é como se fosse assim... Tá eu vou resumir (?) eu (?) cristã e eu vou resumir numa palavra boa, que você vai gostar. Pra mim é o seguinte: a pessoa que estuda, que vai estudando, abre a mente, esclarece a mente, assim como a gente que é cristão que na religião eles pregam a libertação espiritual, da alma, da mente em Cristo e tudo, em uma libertação espiritual, assim, eu acho que assim, eu acho que esclarecendo, estudando, aprendendo é a libertação material na vida da gente. É... Abre, assim, a cabeça porque assim é, como fala, uma coisa com outra, assim, na religião, eu freqüento uma religião, eu me sinto muito bem, eu comecei a me senti bem, aí eu não parei mais, eu não era de religião nenhuma. Aí quando eu comecei... Que é... Casamento é cristão... É... Eu comecei a me senti muito bem, em todos os aspectos da vida, e minha mente se abriu pras coisas, assim, do alto, de Cristo, ler a Bíblia, entender, discernir as coisas, de entender o que estava escrito lá porque a gente lia, mas não entendia o significado das palavras, porque tem que crer, porque os pastores têm os nossos (?)... E todas as pessoas que dão os cursos, (?) aí você lê uma coisa de uma forma e interpreta de outro, aí vem alguém pra interpretar, aí você vai ver que é... Que é uma coisa que não tem nada haver do que você interpretou, aí é... É tudo dom! Mas quando interpreta você vai ver que aquilo ali é além de dom que você viu aparentemente, alguém interpretou pra você e foi melhor ainda, então, assim eu achei os estudos, agora eu acho dos estudos. É eu achei isso... Aí nem precisa falar que eu me arrependi muito de não ter voltado, que eu tive chance pra voltar, né?

Aí quando eu tenho a oportunidade, ainda tá me sendo dada, eu voltei. E aí na semana que vem eu já começo a trabalhar com a colega, ela já sabe que eu estudo, a gente é

amiga... Assim... É... Eu tenho... Eu tenho também que Deus me abençoou e que as portas se abriram: eu vou fazer um serviço e continuar trabalhando... Estudando e aí é tudo de bom né? Que eu voltar, né... Continuar a voltar... Tenho fé em Deus que eu vou terminar! Vou parar e terminar... É... Concluir esse... É... Concluir esse semestre, o outro, né, concluir esse grau, concluir e... A maioria não teve chance, condição, de fazer uma faculdade, mas Deus é quem sabe, né? Deus proverá.

Eu quero agradecer mais uma vez por você ter participado, fico muito feliz com sua história de vida...

Então, eu não sou mais feliz porque eu não terminei. Agora eu não sabia é... Eu não sabia o que eu queria, agora eu sei o que eu quero... Eu acho assim, se não passo eu tivesse feito uma faculdade, eu poderia até exercido a profissão que (?)... Mas agora assim, depois de certo tempo pra cá, é que eu fui... De uns sete anos pra cá que eu fui saber o que realmente eu queria. Eu gosto muito é de... Eu gosto muito daquela parte de propaganda, eu gosto de marketing, eu gosto de conversar com as pessoas, eu gosto de vender produtos, eu gosto dessas coisas tudo... Eu gosto de (?), eu gosto de conversar... Eu acho que se eu tivesse condição de fazer uma faculdade, eu fazia, na parte assim, na parte de marketing, de apresentar alguma coisa, de apresentar um produto, divulgar algo pra alguém, pra alguma empresa, mercado, uma loja, uma distribuidora, alguma coisa.

E eu até já sonhei... Eu já sonhei uma vez que Deus (?) em meu sonho, que eu perguntei, assim, o que eu poderia fazer pra organizar minha vida, trabalhar... Eu cheguei até a sonhar que por um certo tempo que eu trabalhava por conta própria, arrumar alguma coisa pra aprender, montar algum negocio, alguma coisa pra trabalhar por conta própria (?). Que mesmo a gente estudando, tudo assim trabalhando, às vezes o retorno financeiro não é satisfatório. Aí como essa colega minha é... Quando eu comecei andar com ela assim... Abri assim a mente, a gente tudo vai na igreja, abriu assim nossa mente, assim, e ela chegou a abrir uma firma de publicidade que ela trabalhou no tele marketing gigante. Aí ela falou assim que chegou a ganhar trinta mil, ela chegou a ter a ter vinte dois funcionários... Ela falou que perdeu tudo por causa de decepção... (?). Aí eu abri assim a minha mente e fiquei pensando nisso: trinta mil? (?) Aí eu pensei em (?) pedir a Deus que me Ele desse entendimento... (?) Acredito que concretizará em minha vida (?). E quando eu acordei de manhã eu ouvi muito claro na minha mente 'distribuidora', de que eu não sei, pra mim montar uma distribuidora. Aí quem sabe um dia Deus não usa uma de nós duas pra montar essa distribuidora... (?) Essa idéia não veio pra ela também, né? Eu trabalho com grupo dela, eu pertencço ao grupo dela e eu acho que desse bolo eu vou

comer uma fatia!

Anexo VII

Transcrição

Entrevista realizada 10/08/2011, nas dependências da Escola Pública de Guarulhos Da Emilia, com a aluna C. G. S. F. , pertencente ao Ciclo II, correspondendo as séries finais do Ensino Fundamental I.

Você falou que nasceu no estado de Alagoas... Foi isso?

Foi, foi... É... Foi lá mesmo, em Alagoas porque... Olha, vamos ver se você vai querer escutar (?)... Olha porque eu tenho aqui um documento, mas ta meio... Olha... Ou você quer que eu pego lá meu caderno?

Você é quem sabe... Quer pegar lá o seu caderno?

Quero, mas não ta lá não...

Não? Ah então você é quem sabe... Se você quiser pegar o caderno ou documento...

Ta lá o nome da minha rua aqui em baixo... Ou não?

Não, acho que não precisa não... A nossa conversa, C., vai ser sobre coisas que aconteceram quando você era criança, assim, o principal de nossa conversa é esse, por exemplo, o lugar onde você nasceu você viveu lá até quantos anos... Você lembra?

Não.

Não?

Não, mas olha tá aqui no meu documento... Eu já ponho nessa sacolinha, como fala, na hora de chover, como fala...

Pra não molhar?

É...

Ah, muito bem...

Você lembra quando você veio pra São Paulo?

Não.

Não lembra? Nem um pouquinho, assim, como foi?

Olha, quando eu vim pra cá eu acho que eu tinha uns doze anos... Doze anos (?)... Doze

anos, mas só não sei que ano, não sei que ano...

Ah tudo bem, não tem problema...

Só que... Ou ta aqui, ou tá no meu outro documento, mas acho que ta aqui, quer ver (?)... Esse documento ta aqui ta sem foto porque eu já tirei uma já, só que a nova [RG] tá com meu irmão...

Tudo bem, não tem problema, não...

Fala um pouquinho sobre você... É...

Então, quando eu vim pra cá... Vamos ver se você vai entender alguma coisa aqui por que... Olha aqui... (?)... Esse número que ta aqui em cima é o número três, o da minha rua...

Ah é...

é o número três, só que agora mudou para o... Por que... Eu vou olhar aqui e a senhora mostra porque (?) a senhora mostra porque agora lá na minha casa agora mudou o nome... É esse aqui, aqui ó...

Sei, to vendo...

E o que é?

E o que é o que? Desculpa...

Ó... Que número é esse aqui?

Número seis.

E agora aqui?

Número zero.

Então, que número que é?

Sessenta?

É agora... É agora...

Agora é o que? O número sessenta?

É agora o número da minha casa.

Sei, mas me conta... Me fala um pouco de quando você era criança, você lembra como foi?

Olha aí ó...

Tô vendo que tá aqui no seu RG que nasceu em novembro de sessenta e nove, lá em Alagoas, na cidade Água Branca...

Então, ta tudo aí ó...

Eu to vendo, agora conta você pra mim como é que foi quando você era criança, você lembra? De que, como você brincava, quais...

Ó... Brincava, eu brincava sim de pega-pega, eu brincava de esconde-esconde e tudo

mais... Aí eu brincava também, sabe... Lá no Norte... Eu tinha vez que eu me acordava... Me acordava quatro horas da manhã só pra ir pra tomar um cafezinho com meu avô.

Ah é...

Acho que era até mais cedo que eu ia... (?) Aí peguei... E tava indo, indo direto, né... E aí pegou... No meio do caminho lá no... Lá... Onde eu morava, na parte de lá é... Lá tem... Lá tem pé de manga, lá tem pé de jaca, tudo mais, aqui e lá também tem o pé de... Como fala...

Pinha?

É pinha. Aquele outro pé de... De (...)? Sabe aquelas frutas bem... Bem assim, bem pequenininha que a gente chupa lá no Norte que é madura... É pitonga, né?

Acho que sim... Essa fruta eu não conheço...

Fala que é pitonga (...)? É dessa cor aqui...

Ah é bem forte a cor dela...

É, entendeu... Lá no Norte é que tem né? Que eu chupava dela lá, né... E eu... Aí... Eu pegava e... Por que minha... Então... Minha mãe que me criou (...) pra mim ser eu... Sabe... É o caçula...

Você é o caçula?

Eu sou o caçula que o caçula que era... Foi Deus levou ele... É o Moisés... Então... É pra eu falar só do caçula e da caçula também ou não precisa?

Se você quiser pode falar...

Que a caçula também é a Salete, mas só que agora o caçula é eu e a caçula é minha irmã, que é a Socorro, que a minha irmã Socorro não mora aí.

Não?

Não.

Era mora aonde?

Mora longe... Pra ir pra lá tem que... Pega o [ônibus para o metrô] *Armênia*, desce lá na *Armênia*, no metro, e depois pega o metro aí, lá no... (?) Pega o *Armênia* aqui e vai até lá no ponto... Vai até São Paulo, lá na *Luz*... Onde é... Na *Luz*... É na *Luz* que é a última estação né? A última estação?

Acho que sim...

...Que passa o metro?... O metro lá?

Sei...

Então, vai até lá esse ônibus e de lá a gente pega o metro e depois pega o trem pra ir pra lá...

É bem distante né?

É longe que ela mora.

É longe... Então, você me falou que quando era criança, você gostava de acordar de madrugada pra tomar café com seu avô, né? E a escola? Você ia pra escola quando era criança?

Não.

Não?

Lá no Norte não. Só aqui (?), no [EE] Ary Gomes, entendeu, quando eu tinha doze anos, entendeu... Aí eu gostava de brincar, lá, e tudo mais, e de conversar, que nem nós estamos conversando aqui, entendeu, e tudo mais. Aí eu pegara (?)... Eu tenho... Eu tenho uma sobrinha que estuda lá, acho que de manhã, eu ia buscar ela, lá, no Ary Gomes e ia buscar ela lá, à noite, no colégio, que eu ia buscar ela lá, à noite, e tudo mais, entendeu, que o nome dela é Neide, entendeu, da minha sobrinha, entendeu... Eu estudava lá das sete até essa hora da noite mesmo, entendeu?

Quando você entrou na escola, com doze anos, você já foi estudar a noite, você não estudava de manhã?

Não, só a noite que tinha vaga no Ary Gomes... Eu estudava das sete até... Quase onze horas da noite...entendeu...

Eu... Aí também... Lá... Que eu sou [de] lá, pra ir pra lá, tudo bem, é um dia de viagem, de avião, mas de ônibus...

Demora...

Demora. Adivinha quantos dias é?

Três dias?

Aí ó...

Ah acertei!

Acertou ó: três dias de viagem. Pega o q(?)

ue eu acabei de falar agora... Lá em São Paulo, qual o nome da rodoviária?

Anel viário?

É pega lá, então... Fala o nome do ônibus? Só fala o nome do ônibus...

Que você pega no anel viário pra ir lá?

Pra ir pro Norte...

Alagoas?

Não é.

Qual é o nome?

Tem o nome de Alagoas, mas o ônibus tem o nome dele, não tem?

Tem mas... Vixe essa eu não sei não, C...

É o São Geraldo!

Eu falo assim meio errado, sabe, olha o que é: é a minha língua... (?) Vou guardar aqui tá?

Ta bom...

Quando eu era pequenininho...

Olha o seu RG..

Quando você era pequenininho...

Eu tomei bastante...

Bastante o que? Desculpa...

Quando eu era pequenininho eu tomei bastante soro...

Soro?

Sim...

Por quê?

Não era pra eu ta aqui...

É?

...também... Eu fiquei doente: por isso que eu to assim, por isso que sou assim... Eu (?)... meio, como fala, meio não o normal né... tudo bem... Aqui a parte da minha língua é meio sabe... Como fala... Presa, ela é meio presa, entendeu... Eu não falo meio travado um pouquinho?...

Um pouquinho...

Então ó o que é...

A língua é presa... Por isso... Entendi...

Pra baixo... Entendeu?

Sei...

Aí eu tomei bastante soro...

É?

Agora é... (?) vamos ver...

Mas por que você tomou soro? O que aconteceu?

Eu não sei se foi no braço que eu tomei soro ou se foi na cabeça, ta aqui marca ó...

Ta vendo aqui ó...

Ah, to vendo... Tem uma cicatriz no seu braço direito...

Foi aqui que eu tomei soro... Entendeu?... Eu fiquei alguns dias lá no Norte porque aqui eu não tomei nada não...(?) lá no hospital mesmo...(?) esse exame lá no Norte porque...

Porque (?), como fala aquele documento? Como fala aquele...

O RG?

O Rg é esse aqui né?

Esse é o RG..

Aquela outra lá... A Carteira de Trabalho porque ta com meu irmão, ta tudo lá anotado...

Mas fala pra mim o que você lembra?

Eu lembro?

É... Que nem você falou que ficou doente, né, Aí teve que tomar soro...

Aí passei mais de três dias lá, internado, no hospital lá no Norte... Porque minha mãe tinha (?) pra mim que é pra mim ter (?) sabe lá no hospital... Então, aí por que... Vê se não tem alguma coisa aqui, aqui na minha nuca aqui...

Tem uma cicatriz?... Tem uma bolinha, uma coisa assim?

Então, essa bolinha aí é uma berruguinha (?) é aqui mesmo... É aqui mesmo que eu tomei o soro mesmo... Foi aqui ó...

Foi essa marquinha onde eu toquei na sua cabeça que você tomou soro...

É... Não tem essa aqui, como fala...

E por que você tomou o soro?O que aconteceu?

Porque eu tava doente, doente... Porque é que minha mãe não ta aqui, sabe? Foi lá ainda, sabe, no hospital, lá Norte... Que tudo isso ta naquele papel sabe? Não sei se ta aqui comigo, ou se ta lá no Norte, entendeu, ou ta com meu irmão, por que... A minha... Não... Aquela (?), aquele documento de trabalho (?)... Acho que vai achar lá em casa vai ser meio sabe... Por que...

Porque o meu nome é o mesmo nome que é do meu pai, entendeu... Meu nome é C. Gomes da Silva Filho, o nome do meu pai é C. G. S. e o nome da minha mãe era Altira... Olha, por que... Que eu agora... Eu não sei sabe, tudo (?) lá no Norte, como que era... Lá o tempo... Pra acordar lá tem que acordar adivinha que horas pra pegar água?

Cinco da manhã?

Mais cedo...

Mais cedo?Que horas então?

E olhe lá, três horas da manhã...

Nossa, era muito cedo...

Sim porque lá no Norte não é assim não, água na torneira não... Porque tem aquelas fontes de água? Lá era assim ó...

Tô com minha boa cá cheia de baba, de cuspe...

Tudo bem... Você...

Posso ser naquele lixo aqui mesmo?

Você quer cuspir? Tá... Cospe lá fora... Cospe no lixinho lá de fora e depois você volta...

Essa sala não é a que eu costumo usar...

Aí, é só pra falar de mim mesmo ou posso falar do meu pai também?

Pode... Se você quiser falar de seu pai pode falar de seu pai!

Porque antes de eu vir pra cá foi ele [quem veio]! Antes... Ele veio só e aí deixou nós lá, sabe... Agora... quando chegou o dia de ele ir lá pegar a gente no Norte pra trazer pra cá, entendeu, e tudo mais...

Aqui... Aqui era tudo deserto sabe... Aqui não era que nem tá aqui hoje não entendeu... Era tudo diferente sabe... Aí, onde eu moro ali, algumas partes era casa, outras partes nem era casa, como fala mesmo?... Era barro...

Era barro?

Então, era tudo barro terra mesmo e nem aqui conseguia andar direito... Conseguia andar direito, mas que aí, só não podia pregar muito longe, porque sabe se você fosse pra muito longe podia se perder... Porque muito bem... Agora você vê, lá no Norte (?) você conhece o que é pé-de-moleque?

Conheço...

Pé-de-moleque é aquele bolo que a gente come aquela massa puba de comer né... A minha tia, (?)... A minha tia (?) que é o nome da minha tia?... Porque eu ando meio esquecido... Terezinha, o nome dela era Terezinha! Que acordava logo de manhã, antes das seis, sabe, pra cozinhar, pra arrumar... Aquele negócio de (?), como fala mesmo?... Pra colocar o bolo dentro daquele *Caçúa**...

Pra colocar dentro da forma? É isso?

Botar dentro da forma e depois dentro daquele *caçúa*, que nem o de [caixa] isopor...

Ah... Caixa de isopor?

Não é caixa de isopor...

Não?

É caixa de isopor, mas que é que...

É outra coisa ainda...

É que nem aquele (?) de bambu, assim de *caçúa*...

Eu não conheço C....

Caçúa... Sabe *caçúa*? Aquele negócio, que... Que... Aquele negócio põe aqui*: uma parte aqui e uma parte aqui que ele fica penduradinho pra baixo, pra carregar o peso?

Eu sei o que é, mas eu não sei o nome, mas eu sei do que você está falando...

Mas eu acho que é isso aí mesmo... *Caçúa*...

Caçúa?

(?) eu acho que é isso aí mesmo, acho que é isso aí, sabe que... Não é... A parte dele...

Tem a parte dele que é de cima, que é aberto, mas que ele é tudo... Aqui ele é (?) ele é fechado, do lado é fechado e tem a parte dele que é só aberto, só, e tem a parte daqui e tem a outra parte de lá dele, entendeu? Que nem tá aquele outro de bambo seco, sabe, que a gente sai com ele, dele, com ele, entendeu... Pra por, sabe, as coisas dentro, sabe, pra levar, pra ir vender lá no Norte, então...

Você ia com sua tia vender?

Então, eu ia levar pra ela vender lá no Norte, lá na feira, depois eu voltava pra casa... Então, aí eu ia com ela lá eu... Quando lá era tempo de manga, sabe aquela manga pra chupar lá... Lá no Norte, quando é tempo de manga mesmo, que nem não tem aquela manga, como é? Aquela manga *espada*?

Sei...

Aí nem precisa (?) a gente pegava... Que nem eu to aqui e você ta aí entendeu...

A manga vinha bem pertinho da gente...

É a gente ia pegar no pé da mangueira mesmo... Lá no norte, quando é o tempo da manga ta tudo madurinha mesmo, que vale a pena... Bate aquele vento a noite...

Sabe o que acontece, né?

Sei...

O que acontece?

As mangas caem...

É.

Aí que delícia!

A manga cai tudinho! Lá... Lá quando eu cheguei... Lá até os animais tudinho aproveita tudo lá! Chupa tudinho...

Não sobra manga pra contar história no outro dia...

É... E que quando ela cai eles aproveitam tudo pra matar a sede... Aí quando nós ia no pé, quando caia do pé, nós pegava pra levar pra casa, pra chupar lá...

Lá no Norte mesmo tem lá... Eu não... Minha mãe tem uma casa lá, que é bem grande!... Que nem... Eu sei que era o quarto dela, da minha mãe... Tinha um... O quarto da minha mãe, o nosso quarto, a cozinha, entendeu, tudo mais lá, e o banheiro... Que tem lá no Norte lá... Aí antes de mamãe falecer, nós fomos pra lá... Ela foi pra lá pra, sabe... Pra arrumar tudo lá o telhado, sabe, pra cobri tudo de telha nova, com certeza... Ali ela gastou foi mais de... Fala quanto... Uma base...

Ih C.... Não sou boa de matemática não... Ah foi caro!

Foi caro! Foi mesmo... Foi muito caro!

Foi quanto?

Foi caro, foi mais de... Muito mais de duzentos contos! Tudo!... Foi telha, (?)... Tá lá... Tá lá bem arrumadinha, a casa lá, só que... O terreno lá, nosso lá, tudo mais lá... Nosso terreno lá foi vendido, o terreno, sabe, nós vendemos, mas a casa não... A casa tá lá, a casa nós não vamos vender nem tão cedo, meu irmão não vai querer vender tão cedo não à casa que tá lá, entendeu, porque quando no dia que nós... Eu, ele tiver com vontade de ir pra lá, nós vamos lá, na casa lá, sabe, entendeu... Lá e também lá tem minha tia, tem o primo, sobrinha, lá, minha madrinha... Lá tenho duas madrinhas e dois padrinhos: olha, o nome do meu padrinho é Lourenço e o outro é (?)...

Como? Desculpa?

Lourenço e outro senhor, Nosso Senhor... Nosso Senhor sabe?! O nome da minha madrinha é Belinha e Maria das Dores. Essa minha madrinha Maria das Dores, ela é também, já de idade, sabe, ela já não consegue andar mais de pé não, sabe, ela sabe... Não tem aquela cadeira de rodas?

Sei...

Ela anda naquelas cadeiras de roda... Então, lá também tem uma tia que ela também toma conta lá, da casa lá, entendeu, é minha tia Deca(?), entendeu... Minha tia Deca e meu tio Tóta, que toma conta lá, entendeu, lá no Norte lá,... Aí, então, por um acaso hoje não é quarta-feira?

Hoje é.

Olha, quarta, quinta e sexta que for... Quarta, quinta e sexta a gente chega lá na sexta-feira*... É longe viu de ônibus, mas de avião é um dia só, é rapidinho! Mas pra ir pra lá de ônibus, tem que pedir bastante força pra Deus viu porque pra ir pra lá de ônibus... Você não vai conhecer não... Você não conhece lá não... Arasonte*?

Não, não conheço...

Delmiro Gouveia? Já ou viu falar de... Você sabe onde vai ser lá no Rio de Janeiro? Eu lembro do Rio de Janeiro que vai ser a abertura da... Então, esse ônibus passa lá perto... Aquele que vai pro Norte, o *São Geraldo* - tem ele e o *Itapemerin*... O *Itapemerin* vai até o 'Arasontes' e o *São Geraldo* vai até... Fala o nome do lugar, só fala?... Tem cara de um cabrito...

Nossa, eu não sei...

Maria Bode!

Maria bode?

Olha o nome do lugar: Maria Bode [posto rodoviário localizado em Delmiro Gouveia]!

O ônibus sai daqui de São Paulo e vai até Maria Bode?

É a última parada do *São Geraldo*, esse ônibus vai até lá, mas não é só um motorista não,

troca rápido de motorista, entendeu...

É porque é muito longa a viagem, né...

...entendeu... As paradas que eles fazem, as paradas, aí tem que pegar o nome do ônibus direitinho porque se pegar o ônibus errado, adivinha? O que pode acontecer? Ir pra outro lugar! Ir pra outro lugar... Tem que pegar aquele mesmo ônibus direitinho, aquele que vai lá pro Norte... Aí, então, lá mesmo... Você conhece que é preá?

Preá?

Você já ouviu falar?

Já ouvi falar...

Então, o que se come: preá ou é... Preá se come ou não?

Se preá a gente come?

Preá não é que nem rato?

É? Mas dá pra comer preá?

Dá! Porque preá não tem rabo não! Preá não tem rabo não, rato tem rabo, mas o preá não!

Preá não tem: dá pra matar e comer...

...e comer lá no Norte! E é isso que eu vou falar pra minha professora, pra Mônica...

É...

Será que ela sabe o que é preá?

Ah, você pode perguntar pra ela depois se ela sabe o que é preá...

Eu acho que ela vai saber o que é preá, né?

Acho que vai...

Porque lá tem bastante coisa, lá tem bastante... Lá tem mata, tem cobra... Você não acha ruim não? Posso falar?

Pode...

Eu vou falar tá... Olha, eu vou falar, mas não é aquele negócio não viu...sabe o que é rolinha?

Sei... A pomba?

Então aquilo ali...

Você comia rolinha?

Lá no Norte eu comia rolinha, coitadinha... Comia aquilo lá... Adivinha com que era? O que era? (?)

Era espingarda?

Era o meu primo que matava lá pra comer, (?) matava pra comer lá no Norte, entendeu... Agora se eu quiser falar isso pra professora, será que ela vai saber o que é rolinha?

Será o que a professora vai saber o que é rolinha?

É...

Acho que vai...

...entendeu... Porque, então, é passarinha também que agente come lá, que a gente mata pra comer, lá no Norte... Então, aí, lá tem aquele pé de goiaba, pé de mamão, você sabe o que é coquinho?

Sei...

Picuri então, lá no Norte tinha, pra gente comer lá... Lá a feira lá era na segunda feira... Lá a gente tinha que ir de caminhonete, lá no Norte. Então, que nem falei, esse lugar que era a última parada, Maria Bode, tinha que pegar direitinho também, sabe, é caminhonete pra gente ir, certo, porque lá é a última parada: eu sei que o ônibus passa (?) e depois Delmiro Gouveia.

Então, aí quando eu saí de lá eu tinha doze anos, que nem eu falei, né, aí eu ia pra escola ali no *Ary Gomes*, aí deu tempo, aí eu parei de estudar e tudo mais, aí meu irmão: “volta a estudar”, “volta a estudar”, aí eu peguei e voltei estudar ali... Não tem aquela rua que desce? A Rua Tibet?

Sei...

...Estudei ali naquela igrejinha, que o nome da minha professora ali era... Mas não era minha sobrinha não, a Neide, que morava na rua sem saída, entendeu... A... conhece quem é a Rosa?

Não, não conheço...

A Rosa que estuda na minha sala?

Ah, sei quem é!

Então, a Rosa, ela conhecia a dona Didi. A dona Didi já estudou aqui?

Não sei...

A dona Didi?

Quem é a dona Didi?

A dona Didi estudou na minha sala também... Ela era colega, a dona Didi... a dona Antônia, entendeu...

Lá na igreja?

Lá na igrejinha... A mãe da Neide, também estudou lá na igrejinha... Lá tinha bastante aluno, lá também tinha a mesma aula, lá não tinha... Nós conversava um pouquinho e quando dava nove horas a gente continuava (?)

Desculpa, eu não entendi... Você poderia falar de novo?...

Lá, quando era... Lá era das sete as nove... Lá quando era nove horas a gente pegava

saia um pouquinho, sabe, e depois voltava pra igreja mesmo... Agora não lá não ta mais não, aula não... Onde que é a Rua Tibet? Não tem aqui embaixo a [rua] Alegre?

Sei...

Que é aquela rua ali... Bem naquele (?) tem uma que vende pãozinho, (?) que vende pãozinho, ali naquela igreja ali...

Então, aí, do tempo que eu vim pra cá, eu vim com a minha mãe, com meu... Com meus irmãos, com minhas irmãs, né... Aí o meu apelido é (?) Mas tem outro apelido que me chamaram, sabe, mas era brincando, não tem aquele passarinho que canta 'tiri', 'tiri' 'tiri' lá no Norte?

Sei...

Então, aquele era o meu apelido... 'tiri', lá no Norte...

Por que era 'tiri'?

Porque não sei por que eu falava muito ou porque eu não sabia assobiar direito... Meu tio me chamava de 'tiri' lá no Norte... "Oh 'tiri' vara-preta!"... Lá no Norte...

Aí nesse dia... Nesse dia que fui tomar café com meu avô, porque meu avô trabalhava lá mesmo, lá no Norte, lá na roça... Ele ia lá... Pra acordar... Pra acordar não... (?)... Eu levantava cedo e descia pra casa dele, aí eu ia descendo e pisei... Mas no foi no buraco não... Eu pisei no sapo que eu caí e adivinha que aconteceu comigo?

O que aconteceu?

Só fala? (?) Aí eu dei aquele grito bem forte: "uaaaiiiiiiiii"... bem forte mesmo! Todo mundo acordou... "O que C. ta caído ali?" (?)... eu tava indo na casa de meu avô, pai do Joãozinho... Porque esse meu avô deu (?) lá no Norte... Essa minha avó morreu aqui no (?) Maria dos Prazeres...

Olha, então, e lá também... Sabe pitomba?

Sei...

Lá também vende no Norte... Lá... Sabe aquela manga que vem aquela manga de... Aquela manga de coco? Lá também tem... Você já viu lá?

Já vi...

Lá também tem... Lá no Norte, que o pessoal sabe... Que o pessoal lá pra feira, pra vender lá no Norte... Que o pessoal fala... Como fala?

Aí, então, olha, será que vai dar tempo de falar?

Olha, já ta tarde, ta chegando pertinho do final da aula... Você quer parar agora e a gente continuar em um outro dia?

Porque tem mais história ainda... Tem mais e é bem longa!

Então a gente pode continuar um outro dia? Aí você me conta essas histórias bem longas

e como foi a sua escola... Quando você foi pra escola, quando você tinha doze anos...aí você vai lembrando e me conta da próxima vez que a gente se encontrar...

Anexo VIII

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Anexo IX**CERTIFICADOS DE PARTICIPAÇÃO EM CURSOS E PALESTRAS**